



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ELUANA CARVALHO DA SILVA

**A GEOGRAFICIDADE DOS ALUNOS DA EJA PERCEBIDA NA MÚSICA
COMO REPRESENTAÇÃO DO LUGAR**

**MANAUS-AM
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ELUANA CARVALHO DA SILVA

**A GEOGRAFICIDADE DOS ALUNOS DA EJA PERCEBIDA NA MÚSICA
COMO REPRESENTAÇÃO DO LUGAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, nível de Mestrado, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Dra. Amélia Regina Batista Nogueira

**MANAUS-AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586g	Silva, Eluana Carvalho da A Geograficidade dos alunos da EJA percebida na música como representação do lugar / Eluana Carvalho da Silva. 2018 105 f.: il. color; 31 cm. Orientadora: Profª. Drª. Amélia Regina Batista Nogueira. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas. 1. Música. 2. Percepção . 3. Brasil . 4. Lugar . I. Nogueira., Profª. Drª. Amélia Regina Batista II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	---



Poder Executivo

Ministério da Educação

Universidade Federal do Amazonas

IFCHS/DEGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia

Mestrado Conceito 4 - Aprovado pela Resolução nº 009 – CONSUNI de

17/08/95 Credenciado pela CAPES em set/2000

Reconhecido através da Portaria Nº 1.077- MEC, de 31 de agosto de 2012



PORTARIA Nº 005/ 2018

O COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS/, usando de suas atribuições estatutárias, e

CONSIDERANDO o documento oficializado junto à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia, no que concerne à composição de Banca Examinadora de Defesa Pública de Mestrado,

CONSIDERANDO o que dispõe o Artigo 10 Resolução Nº 033/2014-CONSEPE, de 30 de setembro de 2014,

RESOLVE:

CONSTITUIR com os(as) doutores(as) abaixo nominados(as), a Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação de Mestrado da discente **ELUANA CARVALHO DA SILVA**, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, a qual ocorrerá no dia **24 de Abril de 2018, às 14h00, na Sala de Audiovisual do DEGEO:**

Presidente:

- Professora Doutora AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA
PPGEOG/UFAM

Membros Titulares:

- Profa. Dra. EDILZA LARAY DE JESUS
UEA/MANAUS
- Profa. Dra. MÍRCIA RIBEIRO FORTES
PPGEOG/UFAM

Membros Suplentes:

- Profa. Dra. ADOREA REBELLO DA CUNHA ALBUQUERQUE
PPGEOG/UFAM
- Prof. Dr. JOSÉ CAMILO RAMOS DE SOUZA
PPGEOG/UFAM

Dê-se ciência e cumpra-se.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, em Manaus/AM, 12 de Abril de 2018



Prof. Dr. Ricardo José Batista Nogueira
Coordenador

DEDICATÓRIA

À minha mãe Antônia Alba, pelo incentivo e amor que me fizeram chegar onde cheguei. Minha musa e Guerreira.

Aos meus irmãos pelo carinho e amor, onde mesmo nós momentos que não entendiam o porquê do meu isolamento, só aceitavam em silêncio.

Aos meus diretores e grandes Amigos Bruna Corrêa e Carlos Alberto. Hoje compreendo o motivo de vocês terem entrado na minha vida.

A meus queridos alunos da Eja na quinta Fase da escola Municipal Themístocles. Vocês são meu orgulho!

A todos os que direta ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse este trabalho.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por sempre está ao meu lado, mesmo não parecendo eu ser a filha perfeita, sempre senti sua presença em muitos momentos difíceis da minha vida.

A minha mãe Antônia Alba e meus Avós maternos Maria do Livramento e Elias Carvalho, minha infância sem vocês não teria sido a mesma.

Aos meus irmãos em especial a casula Ester Carvalho, obrigada minha mana de coração! pelo respeito carinho e companheirismo que tens por mim.

A querida professora Orientadora e Amiga Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, suas orientações e conversas me levaram ao caminho certo. Sinto que caminhei e trabalhei com a melhor dentro da perspectiva fenomenológica.

Aos professores da turma 10, agradeço a todos, pelos múltiplos ensinamentos e conversas pelos corredores da faculdade.

Aos meus amigos da turma 10, em especial a minha querida amiga Dalila, minha parceira de conversas e viagens. Amo você e sei que suas orações foram fundamentais na minha vida.

A todos os amigos pelas palavras de incentivo, apoio e compreensão, em especial Rondy, Edgar, Jair, Rosangela, Roseane e Keyla.

Obrigada a todos!

*A MÚSICA é a linguagem universal capaz de eliminar as
fronteiras geográficas.*

Manuel Ferreira

RESUMO

Esta dissertação objetivou compreender de que forma a música, como linguagem, manifesta o sentido de geograficidade nos alunos da Educação de Jovens de Adultos, da Escola Municipal Professor Themístocles Pinheiro Gadelha – Município de Manaus, Distrito Leste. Esta compreensão está relacionada à percepção do aluno sobre o Brasil, enquanto lugar vivido, isto é, como alunos da EJA possivelmente conseguem estabelecer com a música, uma aproximação que o faça perceber e representar graficamente, por meio de mapas mentais sua relação com seu lugar (Brasil). Para alcançarmos esse entendimento trabalhamos na perspectiva da Fenomenologia. Os sujeitos colaboradores da pesquisa, foram estudantes de cinco turmas da Eja, divididas entre os anos final do ensino fundamental, com idade entre 16 à 62 anos. Enfatizamos ser a música um novo caminho para despertar no sujeito sua compreensão e relação com o espaço que o rodeia, tendo na Geografia a ciência que proporciona imaginação e emoção ao mundo vivido e com isso leva o indivíduo, em várias situações, dependendo do seu estado de espírito ou psicológico, a perceber seu lugar em diferentes contextos e dimensões, aflorando nos discentes como destacado na pesquisa, o percebido e representado em várias canções destacadas por eles, quando o assunto é Brasil como seu lugar e mundo das experiências, compreendidos através da subjetividade e da cultura musical.

Palavras chaves: Música, Percepção, Brasil, Lugar.

ABSTRACT

This dissertation aimed to understand how music, as a language, manifests the sense of geography in the students of the Education of Young Adults, of the Municipal School Professor Themistocles Pinheiro Gadelha - Municipality of Manaus, Eastern District. This understanding is related to the student's perception of Brazil as a place of living, that is, as students of the EJA may be able to establish with music an approximation that makes them perceive and represent graphically through mental maps their relation to their place (Brazil). To reach this understanding we work from the perspective of Phenomenology. The research subjects were students from five groups of Eja, divided between the final years of elementary school, aged between 16 and 62 years. We emphasize that music is a new way to awaken in the subject his understanding and relation with the space that surrounds him, having in Geography the science that provides imagination and emotion to the lived world and with that it takes the individual, in several situations, depending on its state of spirit or psychological, to perceive its place in different contexts and dimensions, surfacing in the students as outstanding in the research, the perceived and represented in several songs highlighted by them, when the subject is Brazil as its place and world of the experiences, understood through subjectivity and musical culture.

Key words: Music, Perception, Brazil, Place.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I - GEOGRAFIA E MÚSICA: ENTRE A GEOGRAFICIDADE E O MUNDO VIVIDO.....	19
1.1 Geografia Cultural e a Abordagem de Lugar	19
1.1.1 O Lugar na Geografia: A Expressão Primeira do Mundo.....	23
1.1.2 A Fenomenologia como Estudo da Experiência.....	24
1.2 Transformações Espaciais e Históricas da Música nos Estudos Geográficos.	26
1.2.1 A Música Enquanto Arte que se Canta e Encanta	28
1.2.2 A Música no Ensino de Geografia como Linguagem para além de um recurso didático.....	33
1.3 Geograficidade, Lugar Vivido e Relação com a Música.....	36
CAPÍTULO II - O ENSINO DE GEOGRAFIA NA MÚSICA COMO EXPRESSÃO DO LUGAR: O BRASIL NA EJA	40
2.1 O Ensino de Geografia como Disciplina Escolar no Brasil	40
2.2 A Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Professor Themístocles Pinheiro Gadelha - Manaus	43
2.2.1 O Livro Didático da EJA e a Representação de Brasil.....	46
2.3 História de vida e a Percepção do Lugar (Brasil) Enquanto Experiência Vivida por Alunos da EJA.....	49
CAPÍTULO III - A MÚSICA COMO REPRESENTAÇÃO DA GEOGRAFICIDADE: O BRASIL NOS MAPAS MENTAIS DOS ALUNOS DA EJA – MANAUS/AM	67
3.1 Os Mapas Mentais na Geografia	67
3.2 Entre Música e Canção: Uma proporcionalidade na Geografia	69
3.3 As Canções Musicais e as Representações do Lugar Brasil: Os Mapas Mentais dos Alunos da EJA	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Livro usado em sala, pelos alunos da EJA em volume único.....	45
Figura 2: Interseção na Criação do Mapa Mental.....	68

LISTA DE MAPAS MENTAIS

Mapa Mental 1: Aluno “A” turma- quinta fase F.....	74
Mapa Mental 2: Aluna “B” turma - quinta fase E	76
Mapa Mental 3: Aluna “C” turma- quinta fase F.....	78
Mapa Mental 4: Aluno “D” turma - quarta fase B	80
Mapa Mental 5: Aluna “E” turma - quarta fase F.	82
Mapa Mental 6: Aluna “F” turma - quinta fase B.....	84
Mapa Mental 7: Aluno “G” turma - quarta fase B.....	86
Mapa Mental 8: Aluno “H” turma - quinta fase E.....	88
Mapa Mental 9: Aluno “I” turma - quinta fase B	90
Mapa Mental 10: Aluno “J” turma - quarta fase F.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Assuntos por unidade livro da Eja usado pelo Município de Manaus.....	46
Quadro 2: Música apresentada como percepção do mapa mental 1 do aluno “A”.....	73
Quadro 3: Música apresentada como percepção do mapa mental 2 do aluno “B”.....	75
Quadro 4: Música apresentada como percepção do mapa mental 3 da aluna “C”.....	77
Quadro 5: Música apresentada como percepção do mapa mental 4 da aluno “D”.....	79
Quadro 6: Música apresentada como percepção do mapa mental 5 da aluna “E”.....	81
Quadro 7: Música apresentada como percepção do mapa mental 6 da aluna “F”.....	83
Quadro 8: Música apresentada como percepção do mapa mental 7 da aluno “G”.....	85
Quadro 9: Música apresentada como percepção do mapa mental 8 da aluno “H”.....	87
Quadro 10: Música apresentada como percepção do mapa mental 9 do aluno “I”.....	89
Quadro 11: Música apresentada como percepção do mapa mental 10 da aluna “J”.....	91

LISTA DE SIGLAS

CNE: Conselho Nacional de Educação

CEB = Câmara de Educação Básica

EJA: Educação de Jovens e Adultos

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MOVA: Movimento de Alfabetização

MOBRAL: Movimento brasileiro de Alfabetização

NEPEC: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura

PAS: Programa Alfabetização Solidária

PCNS: Parâmetros Curriculares Nacionais

SEA: Serviço de Educação para Adultos

UERJ: Universidade Estadual do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

Esta dissertação partiu da inquietação em compreender como a música pode em sala de aula, ser um instrumento para além de um recurso didático, levando o discente enquanto sujeito pleno de subjetividade transcender, no sentido de conseguir perceber e representar graficamente o seu lugar Brasil. Percebemos que os estudantes ao fazer relação a uma música expressam sua geograficidade com seu lugar. Além disso, partimos do princípio onde ensinar geografia começa sempre com o resgate dos saberes geográficos que o aluno possui, mediante aquilo que ele já aprendeu com a vida que vive e com o espaço geográfico que o cerca, sendo a música uma forma de fugir da “rotina geográfica”, sabatinada muitas vezes por livros didáticos. Ferreira (2012, p.19) destaca a música como elemento cultural com o poder de induzir o discente à percepção, concentração, criatividade e aproximação com a realidade social.

Desta forma a categoria escolhida de análise foi: Lugar. O lugar na concepção geográfica humanística se delineia como um espaço dotado de significado para indivíduos ou grupos sociais, como afirma Tuan (2012), o lugar é a categoria geográfica que mais se aproxima, dos valores, significados e os sentimentos construídos pelo homem no espaço. Para Eric Dardel o lugar é a expressão de uma “geograficidade” que segundo ele “são as maneiras pelas quais sentimos e conhecemos os ambientes, como nos relacionamos com os espaços e com as paisagens, construídas e naturais.” Atribuímos, portanto através de nossa Geograficidade conceitos de bom ou ruim a determinadas experiências com o lugar, isso ficou comprovado a partir dos diversos mapas mentais, elaborados pelos alunos, cada qual representando sua intersubjetividade com o Brasil e a maneira como é percebido.

São nessas relações intersubjetivas que no lugar vai sendo construído o mundo, entendido por Merleau-Ponty (1999) enquanto lugar de vida e espaço vivido. Assim, relacionamos nessa dissertação a geograficidade de Eric Dardel com o mundo vivido e a percepção discutida por Maurice Merleau-Ponty. Dessas proposições buscamos entender a relação geografia e música. Para fazer tal relação e como forma de responder as indagações dessa pesquisa tivemos como objetivo geral: compreender de que forma a música, como linguagem, manifesta o sentido de geograficidade nos alunos da Educação de Jovens e Adultos, em relação a sua percepção do Brasil, enquanto lugar vivido. E os seguintes objetivos específicos: 1)Descrever, através de fontes de pesquisa, o estado da arte da geografia e música; 2)Verificar como a música em seus diferentes

estilos é capaz de levar o sujeito a perceber o Brasil enquanto seu lugar e 3) Identificar através dos mapas mentais dos alunos da EJA, traçados a partir da música, a relação desses com o lugar (Brasil).

Para respondermos esses objetivos o trabalho concretizou-se no interior das ciências humanas e sociais, na área da Geografia Humanista Cultural e Social, preocupando-se também com a Geografia Escolar. A pesquisa tomou como referencia uma abordagem qualitativa de cunho participativo, consideramos que esta se refere entre outras coisas ao estudo de experiências vividas, de comportamentos, emoções e sentimentos. Entendemos que conseguiremos descrever a estrutura da experiência vivida e qual os significados que esta têm para estudantes da EJA, ou seja, quais as percepções dos alunos ao lugar Brasil, levando assim, o educando a apreciar a ciência geográfica, de forma a provocar a sensibilização e percepção.

O campo da pesquisa compreendeu a escola Municipal Professor Themístocles Pinheiro Gadelha, localizada no Bairro Jorge Teixeira 2, Zona Leste de Manaus. A escolha foi definida segundo o nível de ensino ofertado, no caso, A Educação de Jovens e Adultos – EJA. Os sujeitos do estudo foram cinco turmas de vinte e cinco alunos da referida escola, do turno noturno. Totalizando cento e vinte cinco participantes, com idades entre 16 (dezesesseis) à 62 (sessenta e dois) anos. Os alunos estavam cursando o quarto e quintos anos, equivalentes a todo o Ensino Fundamental II. O bimestre escolhido e liberado pela direção da escola e o professor para desenvolvimento das atividades foi o segundo, com início no dia 24 de Abril até 13 de Junho de 2017.

Para uma melhor abordagem construímos o caminho metodológico a partir de fases. Na primeira fase, descrevemos através das fontes de pesquisas como encontrasse pautada a discussão do lugar, da música e geografia. Na segunda fase foi realizado o contato com os alunos, as devidas apresentações e as divisões em grupos focais, com interesse em conhecer um pouco mais os discentes, através de sua história de vida, e sua percepção sobre o Brasil, a partir de canções escolhidas de acordo com o gênero musical pessoal de cada um.

A terceira e última fase da dissertação consistiu na produção de mapas mentais, cujos alunos traçaram a partir de músicas¹, que os fez pensar e perceber o Brasil, como seu lugar.

Portanto, tais informações deram suporte para esta dissertação que ficou estruturada em três capítulos. **No primeiro capítulo, intitulado: “Geografia e Música entre a Geograficidade e o Mundo Vivido”** contextualizamos sobre como encontra-se pautada a discussão da música nos caminhos da geografia cultural e humanística, tendo como base a perspectiva fenomenológica que explica a relação entre geograficidade e mundo vivido. A divisão desse primeiro capítulo foi feita em três subitens, a começar com uma introdução da geografia cultural e o lugar, transformações espaciais e históricas da música nos estudos geográficos e a Geograficidade, lugar vivido e sua relação com a música.

No Segundo capítulo, cujo título é **“O Ensino de Geografia na Música Como Expressão do Lugar: o Brasil na EJA”** discorremos sobre o contexto histórico da Geografia como disciplina escolar no Brasil, assim como, desenvolvemos a participação dos alunos em grupos focais, com o intuito de promover a interação em sala, de forma oral e escrita, tendo como base conhecimentos adquiridos na relação com o seu lugar (Brasil) a partir da percepção em músicas que o ajudam a resgatar e pensar no Brasil em meio as experiências de topofilias ou topofóbicas, sendo assim, esse capítulo ficou estruturado nos seguintes subitens: O ensino de Geografia como disciplina no Brasil, e Educação de Jovens e Adultos na escola municipal professor Themístocles, no ultimo tópico: História de vida e a percepção do lugar (Brasil) enquanto experiência vivida por alunos da EJA.

O terceiro e último capítulo intitulado: **“A Música como Representação da Geograficidade: O Brasil nos Mapas Mentais dos alunos da EJA – Manaus/Am”** foi elaborado de forma que a música em seus diferentes estilos leva o sujeito a perceber o seu lugar (Brasil). Os alunos a partir de suas músicas, seus estilos musicais e gostos culturais, revelaram por meio dos mapas mentais, o Brasil percebido. O capítulo foi dividido em: Os mapas mentais na geografia, entre música e canção: uma proporcionalidade na Geografia e no ultimo subitem discutimos as canções musicais e as representações do lugar Brasil: os mapas mentais dos alunos da Eja.

¹ Vale lembrar que todas as músicas usadas nas produções dos mapas mentais, partiram das percepções dos alunos, como sujeitos que vivenciam seu país.

A partir das exposições das observações de campo e nas produções dos mapas mentais e história de vida dos alunos da EJA, associadas à categoria do lugar enquanto Brasil, observasse que a música, em um primeiro momento ocupou para cada discente um valor cultural, sentimental e crítico que ultrapassa os conhecimentos adquiridos nos livros didáticos, os estudantes por diversas vezes ao longo da pesquisa expressaram isso ao indicar músicas que na concepção subjetiva representa o Brasil.

CAPÍTULO I

GEOGRAFIA E MÚSICA: ENTRE A GEOGRAFICIDADE E O MUNDO VIVIDO

1.1 Geografia Cultural e a Abordagem de Lugar

Para darmos início as investigações, foi preciso escolher qual perspectiva trabalhar. Pois bem, após leituras, chegamos à abordagem cultural. Essa perspectiva teórica da Geografia teve vários momentos, por isso, nossa intenção aqui é relatarmos de forma sucinta como a cultura tem se tornado um conceito chave para o estudo do lugar. Lugar esse que será trabalhado a partir da percepção dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, tendo como base a música como linguagem e elemento cultural que expressa relações topofílicas entre os sujeitos e seus lugares.

A geografia cultural tem suas origens na Europa do final do século XIX e início do século XX juntamente com a sistematização da geografia como ciência acadêmica no debate sobre sua identidade, ou seja, sobre o que era inerente a ela como ciência. A esse período de suas origens relaciona-se também, o debate entre o positivismo e o historicismo que influenciou de forma significativa em sua sistematização. Ainda no século XIX, Diniz (2009, p.55) enfatiza ser possível falar de uma dualidade entre geografia física e humana. De um lado, a maioria dos pesquisadores tendiam a ser geomorfólogos ou climatólogos, um número menor de geógrafos se dedicavam a entender as influências do espaço e da natureza, no desenvolvimento de uma sociedade, e conseqüentemente a relação do homem com o ambiente a sua volta. Por isso o interesse pelo aspecto cultural na geografia começou a vir à tona a partir da constatação da diversidade que a ação do homem produzia na superfície da Terra que diferenciava os espaços em função do caráter efetivamente cultural, ou seja, a partir dos artefatos, das técnicas e do modo de vida.

No desenvolvimento da Geografia Cultural podemos destacar grandes nomes, dentre esses pode-se citar: Ratzel e Vidal de La Blache. Paul Vidal de La Blache (1843-1918) tornou-se um geógrafo a encarar o desafio de dominar o conteúdo de uma disciplina que nunca havia sido ensinada na França e conseqüentemente repetia que: “a geografia era ciência dos lugares e não dos homens.” Elaborou o conceito de gênero de vida, a partir do “possibilíssimo”, que sustentava a ideia de que o meio físico

condiciona o modo de vida dos grupos, mas que estes podiam interferir nele através do seu estágio de desenvolvimento civilizatório, cultural e tecnológico.

Claval (1999, p. 149) explica a presença do aspecto cultural nas obras de La Blache:

As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida.

Portanto, a cultura estava presente na obra de La Blache a partir das técnicas que possibilitavam a modificação do meio e da “força do hábito” que davam estabilidade ao grupo.

Já Ratzel assim como Vidal, teve sua colaboração no fundamento de cultura na Geografia Alemã, porém numa concepção contrária ao de gênero de vida, sendo um dos primeiros geógrafos a considerar o aspecto cultural em seus trabalhos, usando o termo Antropogeografia como sinônimo de Geografia Cultural. Em seu livro Antropogeografia fundou as bases que têm sustentado até hoje a geografia humana, que se interessa, em sentido mais restrito, na relação do homem com seu meio. Com esta obra, Ratzel se tornou o apóstolo do ambientalismo, o que fez com que muitos dos seus estudos culturais posteriores fossem negligenciados; tais estudos se referiam, conforme Sauer (2003, p. 20), “à mobilidade populacional, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura através das vias principais de comunicação”. Ainda de acordo com Sauer (2003, p.25), “aparentemente, Ratzel não considerava sua Antropogeographie mais que um estímulo e uma introdução a uma geografia humana que devia fundamentar-se em um estudo da cultura.”

Diniz (2009, p.65) destaca que Ratzel propôs uma divisão da geografia em três grandes campos temáticos, que eram geografia física, biogeografia e antropogeografia, correspondentes respectivamente, aos fenômenos inorgânicos biológicos e sociais da superfície terrestre. Consequentemente para Ratzel, a Geografia não era nem uma ciência da natureza e nem uma ciência humana, mas sim uma ciência de contato entre os dois campos. Ratzel imprimia, portanto, as contribuições da Geografia Cultural (SANTOS, 2008). Porém, o que ele entendia por imposição do meio ao homem seria sucumbido, mas posteriores fases desta ramificação da Geografia, e o entendimento que se passaria a ter seria que o ambiente influencia ou condiciona as relações do homem com o espaço.

Apesar das diferenças conceituais e teóricas entre La Blache e Ratzel, a colaboração dos dois para a Geografia Cultural reside no fato de ambos conceberem a cultura como um meio entre o homem e o meio natural. A concepção de cultura, contudo, se limitava aos utensílios, técnicas e formas de habitar que permitiam aos grupos modelar as paisagens.

Apesar de ter ganhado vigor nas escolas francesa e alemã, com conceitos de Gênero de Vida e Antropogeografia, foi realmente nos Estados Unidos, a partir de 1925, que a Geografia Cultural ganhou expressividade com Carl Sauer e seus discípulos da Escola de Berkeley. Eles privilegiaram o estudo da cultura, história da cultura, área cultural e ecologia cultural. Sauer nas leituras de Corrêa (2007, p.11), concebia a cultura da seguinte maneira:

[...] como uma entidade supra-orgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era, assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura.

Até 1940 a Geografia Cultural se mantinha em ascensão, porém nas décadas que se seguiram, 1950, 1960 e 1970, houve um esfriamento no interesse por esse seguimento geográfico, dado que não se considerava o aspecto subjetivo da cultura e, juntamente com isto, as mudanças que estavam ocorrendo no cenário mundial faziam com que as linhas de estudos até então vigentes, não fossem correspondentes com a realidade.

Assim, pensava-se que a Geografia Cultural estava fadada ao desaparecimento, mas no final da década de 1970 e durante a seguinte, esta passa por um processo de renovação a partir da crítica à Escola de Berkeley. Essa renovação se faz em um contexto denominado de “virada cultural” onde houve uma grande valorização da cultura. Conforme destaca Corrêa (1999, p. 51)

O ressurgimento da Geografia Cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo.

A renovação da geografia cultural recebeu influência tanto das antigas bases da Geografia Cultural de Sauer e da herança vidaliana, quanto das ciências, neste momento em destaque como o materialismo histórico e a filosofia dos significados. Porém, o

ponto mais relevante para sua renovação foi colocar o homem no centro de suas análises.

Nesta perspectiva renovada da Geografia, a cultura é liberada da visão supra-orgânica e passa a ser “vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.” (CORRÊA, 2003, p. 13). Porém, a cultura ainda é considerada como sendo o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores que é criada no seio das relações sociais.

Nesta nova concepção da cultura passa-se a dar lugar à sua dimensão subjetiva, mas não se negligencia seu aspecto material, a diferença é que, agora, os dois aspectos passam a ser analisados em termos de seus significados e como parte integrante da espacialidade humana. Assim, os conceitos básicos da geografia – lugar, território, paisagem, espaço, territorialidade – passam a ser estudados a partir das redes simbólicas que envolvem a sua construção cultural. Neste contexto, surgem novas temáticas tais como: manifestações culturais, identidade espacial, percepção ambiental, representações sociais, estudo das religiões, entre outras escalas de estudos mais aprofundadas e alargadas.

Por conseguinte, o estudo aqui sugerido, propõe seguir as bases teóricas dessa nova Geografia Cultural, dentro da escala humanista, trazendo a proposta de compreender de que forma a música como linguagem manifesta o sentido de geográficidade de alunos da Educação de Jovens e Adultos em relação ao Brasil como lugar vivido.

Enfatizamos que a opção pela Geografia Humanista e cultural no estudo proposto se fundamenta no sentido de preocupar-se em estudar o lugar (Brasil) remetendo-se às experiências pessoais de cada indivíduo (alunos da EJA). A Geografia Humanista e Cultural por sua vez, dá enfoque a essas experiências considerando, porém, os indivíduos inseridos em grupos sociais.

Quando falamos em união dessas correntes, a fenomenologia é o que uni a (Geografia Cultural) e a constituída (Geografia Humanista), tornando em comum entre elas a relação do Homem com a superfície terrestre. Podemos entender que fenomenologia tem a ver com princípios e origens do significado e da experiência, e para Relph (1979), diz respeito a fenômenos tais como ansiedade, comportamento, religião, lugar e topofilia. Estes por serem fenômenos da experiência, não podem ser compreendidos somente através da observação e medição, eles são a substância de nossos envolvimento no mundo, e constituiriam as bases do corpo formal de

conhecimentos que designamos de Geografia. Como trataremos no subitem um ponto dois, tendo a Fenomenologia como corrente que entende a relação humana com o lugar a sua volta, ou seja, o mundo da vida destacado por Husserl para designar o mundo da experiência humana.

1.1.1 O Lugar na Geografia: A Expressão Primeira do Mundo

O "lugar" é um conceito fundamental para o estudo da geografia. No entanto ele só retomou sua importância para a disciplina a partir da década de 1980. Desde a inserção da geografia como disciplina acadêmica - a partir de uma ideia positivista da ciência - o lugar foi eventualmente estudado pelos geógrafos, mas sempre em um plano secundário. Após 50 anos estudos de Carl Sauer, desvincula-se o conceito de lugar ligado ao locacional. Isso por que ele via a disciplina geográfica como um conhecimento que estava "além da ciência", ou seja, que não devia necessariamente trilhar os caminhos preconizados pelos positivistas (HOLZER, 1999). Podemos observar que entre outros aspectos, a Geografia é marcada pela crítica de cunho lógico-positivista, que enquadram o mundo em teses e teorias "fechadas", onde os homens são analisados como mais um elemento da equação ou teorema, ou segundo as palavras de Mello:

O mundo simples e 'certinho' dos positivistas difere do(s) mundo(s) vivido(s) analisados pelos humanísticos, atento aos valores e ambivalências dos seres humanos, que não são máquinas. Nos estudos humanísticos há uma troca constante entre pesquisado e pesquisador, estes diferentes dos sábios fechados em suas redomas de conhecimentos (e teorias), imerso e inserido nas experiências investigadas, adotando uma filosofia crítica e refletida, com vistas a aclarar a consciência espacial dos seres humanos (MELLO, 1991, p. 22-23).

Como na citação de Mello, os estudos humanísticos estão baseados na corrente humanística ligada a alguns pressupostos das filosofias do significado como a fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica para analisar a relação e o pertencimento dos indivíduos com seu ambiente. Campos de estudo do lugar apontam pra caminhos semelhantes entre o que os fenomenólogos chamam de "mundo" e o que os geógrafos humanistas denominam de "lugar"; como um dos constituintes básicos da Geografia. Tuan (2013, apud Holzer, 2009, p.6), enfatiza em uma de suas obras, conhecida como: Espaço e Lugar a Perspectiva da Experiência, que espaço e lugar definem a natureza da geografia. Mas o lugar tem uma importância ímpar, pois, se

para as técnicas de análise espacial o lugar se comporta como um nó funcional, para o humanista ele significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um - a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) de espaço. Portanto entendemos que nas significações para pessoas, lugar é mais concreto que espaço.

Ainda Para o Tuan (2013, p.110), o lugar, em sua acepção mais difundida, se refere a todo e qualquer espaço dotado de valor simbólico para um indivíduo ou grupo, valor conferido através da experiência vivida entre sujeito e espaço. Ganhando esse na Geografia mais que um sentido locacional, por meio de geógrafos que não se contentaram no sentido positivista da palavra lugar, antes usada e praticada na geografia Clássica.

Ter refletido as questões relacionadas à Geografia Cultural e lugar leva-nos a compreensão do que é cultura na geografia, acreditamos ser primordial esse estudo, já que queremos falar de percepção do Brasil enquanto lugar a partir das experiências dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, tendo como aporte a música, a Geograficidade dos estudantes e a fenomenologia como meio a relevar aquilo que se mostra na relação sujeito-lugar.

1.1.2 A Fenomenologia como Estudo da Experiência

A fenomenologia é a filosofia presente em um maior número de estudos humanísticos em geografia. Muitos autores, a partir de pontos de vistas diferentes, contribuíram de maneira diversa para a constituição de um horizonte fenomenológico. O termo foi criado, em 1764, por J. H. Lambert ² e, a partir daí, recebeu significações diferentes, notadamente àquelas dadas pelos alemães Immanuel Kant (1724-1804) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e, sobretudo, por Edmund Husserl (1859-1938) (DOZENA, 2016).

Salienta Nogueira (2014, p.41) que foi “a partir das proposições de Merleau-Ponty que muitos estudiosos em ciências humanas fundamentaram seus trabalhos: filósofos, psicólogos, sociólogos, historiadores e geógrafos”. Isto em virtude, principalmente, de suas noções de corpo, percepção e de experiências vividas. Dentre estes estudiosos, a autora destaca Eric Dardel, apontado ao defender a sua tese

² **Johann Heinrich Lambert** foi um matemático suíço radicado na Prússia, criador do termo Fenomenologia.

intitulada: O Homem e a Terra: Uma Realidade Geográfica, que em 1952, propôs o uso da Fenomenologia enquanto método de abordagem na Geografia, valorizando o lugar como mundo vivido. A partir daí a fenomenologia, transformou as perspectivas dos geógrafos que a descobrem como meio de revelar que os lugares não são pontos anônimos num espaço neutro; a Terra não é uma superfície geométrica, é feita de meios físicos, onde a vida está por toda parte presente e os homens moldaram à sua imagem. (CLAVAL, 2011, p. 222).

Para esta fenomenologia, destacada nos estudos de geógrafos, a objetividade da ciência não deve ser enunciada, mas sim integrada ao mundo da vida, surgindo preocupações, relacionadas à: como podemos perceber o mundo vivido, como ele nos aparece? Como o mundo vivido é descrito no plano das ideias? Segundo Merleau-Ponty (1991), o mundo exterior é colocado entre parênteses, à reflexão, busca um recuo do mundo, mas nunca se retira definitivamente, ou ainda como diz o autor “distende os fios intencionais que a ligam ao mundo”

Este mundo da vida ou mundo vivido, que é a tradução da palavra alemã (*Lebenswelt*), é um termo utilizado por Husserl para designar o mundo da experiência humana que é considerado antes de qualquer tematização conceitual. Para Sokolowski (2004), o mundo da vida era o único que existia. Isto quer dizer que ele não surgiu antes da ciência, mas foi dominado por ela.

A geografia de Dardel via a importância de se entender esse mundo vivido e experienciado, sendo o lugar, visto a partir das percepções de quem o habita. A obra desse grande geógrafo foi praticamente esquecida desde sua publicação em 1952. Holzer (2010) chama a atenção que quando os franceses se deram conta da importância e da riqueza da obra de Dardel para a renovação da geografia, em especial a voltada para as questões culturais contemporâneas, já se haviam passado vinte anos desde a primeira citação de seu livro por geógrafos norte-americanos. L’Homme et la Terre foi resgatado na década de 1970 por Edward Relph e citado em sua tese de doutorado *The Phenomenon of Place* (O Fenômeno do Lugar), defendida em 1973 na Universidade de Toronto. Relph buscava alternativas epistemológicas para a geografia cultural com o propósito de diferenciar as experiências de espaço e lugar, isso deixa claro que Relph (1979) foi o primeiro autor a relacionar uma série de possibilidades de utilização da fenomenologia pela geografia, além de valorizar a crítica dessa corrente ao cientificismo e ao possibilismo. Buttiner (1979) expressa ideias bastante semelhante às de Relph, o que diferenciava era, principalmente, sua preocupação em se apoiar mais firmemente na

fenomenologia e no existencialismo. Desenvolvendo seus estudos com base em entender o lugar na geografia como um centro de significados construído pela experiência, conhecido não somente através dos olhos e da mente, mas também pelos modos mais passivos e diretos da experiência.

Tuan, outro pioneiro na discussão fenomenológica, afirmou na década de setenta que era necessário não se ater à fenomenologia, mas remeter-se ao humanismo, que permitiria uma visão mais ampla do que é a pessoa humana (HOLZER, 2010, p.38).

Podemos entender, assim que essa nova corrente dá importância ao fator simbólico das paisagens, aos círculos de intersubjetividade, que estão associados aos círculos de comunicação, e às representações, que são uma criação social ou individual de esquemas relevantes do real, sendo uma das grandes contribuições da Fenomenologia romper com o predicamento egocêntrico. Buscando através desta a essência do seu objeto de estudo, como uma ciência que quer definir as essências, como a essência da percepção e da consciência. É uma filosofia que também pretende relatar o espaço, o tempo e o mundo vivenciados pelos seres humanos (MERLEAU-PONTY, 1999), é a partir dessa relação entre o conceito de “mundo vivido” e o conceito de lugar, que a perspectiva fenomenológica se aproxima da ciência geográfica. A partir desse pressuposto os geógrafos interessam-se pelos valores, pela cultura e conseqüentemente, por explicações que dê significado a relação e a representação de sujeito com o seu lugar, explicados pelos mais diversos fatores, como é o caso da música nos estudos geográficos e suas transformações ao longo do tempo e espaço.

1.2 Transformações Espaciais e Históricas da Música nos Estudos Geográficos.

Como já discorrido as transformações que a Geografia Cultural sofreu a partir dos anos 70 trouxeram novas matrizes epistemológicas e metodológicas para a disciplina, gerando um debate considerado por alguns como uma “dicotomia” entre a Geografia Cultural Tradicional e a Nova Geografia Cultural, ou Geografia Cultural renovada. Esse debate, além de permitir a inclusão de novos objetos de estudo ao “repertório” da geografia cultural, permite novas acepções e abordagens a objetos que já eram de interesse da disciplina anteriormente, dentre esses objetos a MÚSICA.

Para Panitz (2012) a música há algum tempo vem despertando largo interesse nas ciências humanas, principalmente na etnologia, história e sociologia. Os primeiros trabalhos sobre geografia e música, dentro da geografia moderna nós remetem à

Friedrich Ratzel e seu discípulo Leo Frobenius, cujo objetivo naquele momento foi estudar arcos da África Ocidental e da Melanésia e suas características morfológicas, bem como as formas das flechas usadas junto com o arco. Segundo Castro (2009) a trajetória dos estudos de geografia sobre música inicia-se em 1968, com o artigo de Peter Hugh Nash, “Music Regions and Regional Music” (Música Regiões e Música Regional).

Atualmente, pode-se considerar George Carney e Lily Kong como os dois autores mais importantes no estudo de Geografia e Música, ambos publicaram não apenas trabalhos empíricos que abordam a atividade musical dos Estados Unidos e Cingapura, respectivamente, sobre a ótica espacial, mas também desenvolveram análises sobre este sub-campo de estudo, cada qual apresentando diferentes linhas de pesquisa já exploradas pelos geógrafos. Outro importante escritor e músico que descreve a função social da música em suas diferentes concepções é Alan Merriam que foi antropólogo cultural e etnomusicologista.

Quanto às contribuições desses três grandes estudiosos da música e cultura, podemos destacar que para Kong (1995) uma variedade de razões poderia ser citada para justificar o estudo geográfico da música. Uma delas é a de que, hoje, a difusão da música na sociedade é excepcional. Kong, por ter produzido seus trabalhos sobre geografia e música a partir da segunda metade dos anos 90, sofreu forte influência pós-modernista. No seu artigo intitulado: Música Popular nas Análises Geográficas, Kong destaca que os trabalhos voltados para a área da música popular ainda não tem destaque nas investigações geográficas, isso por que, o próprio termo popular, diferenciasse da música de elite, e como bem destaca Kong (2009, p.130) os geógrafos durante muito tempo foram “profundamente elitistas”, em seus interesses, sendo a cultura popular encarada com desdém como “mero entretenimento” trivial e efêmero.

Já Carney (2007, p. 131), em seus trabalhos sobre música e lugar oferece uma sistematização em taxonomias³ estando entre essas: os elementos psicológicos e simbólicos da música que se mostraram relevantes na modelagem de caráter de um lugar, isto é, na imagem, no sentido e na consciência deste (por exemplo, percepção de lugares, pela letra da música).

³ Taxonomia é o estudo científico responsável por determinar a classificação sistemática de diferentes coisas em categorias. Geralmente esse estudo é usado na biologia. George Carney na geografia usou para classificar a relação música e geografia.

Alan Merriam elaborou reflexões sobre as funções sociais da música, para analisar suas reflexões a fundo as separou em dez categorias principais, das quais separamos três, condizentes com nossa pesquisa, sendo elas: 1) *Função de expressão emocional*: refere-se à função da música como uma expressão da liberação dos sentimentos, liberação das ideias reveladas ou não reveladas na fala das pessoas. É como se fosse uma forma de desabafo de emoções através da música (Merriam, 1964, p. 219). 2) *Função de comunicação*: aqui se refere ao fato de a música comunicar algo, não é certo para quem essa comunicação é dirigida, ou como, ou o quê. Para Merriam a música não é uma linguagem universal, mas, sim, moldada nos termos da cultura da qual ela faz parte. 3) *Função de representação simbólica*: há pouca dúvida de que a música funciona em todas as sociedades como símbolo de representação de outras coisas, ideias e comportamentos sempre presentes na música. Ela pode cumprir essa função por suas letras, por emoções que sugere ou pela fusão dos vários elementos que a compõem (Merriam, 1964, p. 223).

Quando nós reportamos ao cenário brasileiro identificamos poucos, mas importantes trabalhos que nós levam a relação música e geografia. Panitz lembra que:

No Brasil, desde a sua introdução, no início da década de 1990, e já influenciados pela renovação teórica no estudo em espaço e cultura, os trabalhos se caracterizam entre abordagens da Geografia Humanista, Cultural renovada e Social; ou seja, a perspectiva da Geografia Cultural saueriana não se mostrou presente nos estudos brasileiros desde o início da introdução da música como interesse geográfico. Considera-se que João Baptista Ferreira de Mello tenha sido o precursor do tema na geografia brasileira, com sua dissertação defendida na UFRJ em 1991. (PANITZ, 2012).

Mello (1991) relata que os laços de afetividade que ligam o homem - abstrata ou concretamente ao lugar provocam relatos verbais e escritos do cidadão comum, artistas, poetas ou intelectuais. Sendo a música usada na geografia como a forma mais interessante de conhecermos um povo, uma cultura e conseqüentemente um lugar.

1.2.1 A Música Enquanto Arte que se Canta e Encanta

A música⁴ é velha como a humanidade; e como a dança a mais velha de todas as artes. Contudo a sua história é de fato a mais curta e nova (PAHLEN, 1965, p.17),

⁴ A palavra música vem do grego (*mousikê*), que quer dizer "arte das musas", é uma referência à mitologia grega.

isso porque possuímos monumentos de bronze e de pedra que nós testemunham culturas desaparecidas. Apenas com a música isso é diferente.

Se pararmos para refletir entenderemos que o homem nasceu em um mundo repleto de sons, o trovão, o vento e a chuva, são simples representações naturais de som que humanidade ouviu e ouvi. O homem aprendeu a combinar esses sons, formando um todo que é a arte musical. Por isso Pahlen (1965, p.15) nós explica que a música a partir da sua estruturação enquanto arte possui vários “feitiços”, com efeitos que se estendem desde o despertar dos mais nobres sentimentos até o desencadeamento dos mais baixos instintos, desde a concentração devota até a perda da consciência que parece embriaguez. Ainda como forma de feitiço, na música podemos destacar o sedutor, visto como receio pelos filósofos. Segundo Loureiro (2003, p.36).

A música poderia exercer sobre os homens poder maléfico ou benéfico, por imitar a harmonia das esferas celestes, da alma e das ações. Com seu encanto sedutor, poderia conduzir perniciosamente o homem através de um complexo de emoções não recomendável, como também teria condições de realizar o inverso, contribuindo de modo eficaz, para a educação da juventude. Daí a necessidade de se colocar a música sob a administração do estado, sempre a serviço da edificação espiritual humana, voltada para o bem da polis, almejada como cidade justa.

Além disso, a música, assim como as demais artes, possui a capacidade de expressar visões diversas de mundo e, como uma produção cultural, pode ser vista e compreendida a partir da ótica da espacialidade (CORREA; ROZENDAHL, 2009).

Nesta ótica da espacialidade muitos historiadores entre eles Candé (1994), apontam a música na antiguidade impregnada de sentido ritualístico, e usando a voz como instrumento, pois por meio dela se dava a comunicação e nessa época o sentido da música era comunicar-se com os deuses e com o povo, ou seja, a música como forma de linguagem capaz de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos (BRASIL,1998a, p.45).

Quando o assunto é música e ensino, surpreendo-me com a expansão espacial e histórica desta pelos Gregos, Romanos, Chineses e Egípcios. A começar pelos gregos que estudavam a música como uma fonte de sabedoria indispensável ao homem livre. Os mesmo não admitiam a música ser praticada ou usada no ensino de forma desinteressada, pois era para eles uma forma de arte e uma maneira de ser e pensar que tornava o ensino mais prazeroso (LOUREIRO, 2003, p.34). Bem como uma forma de

estarem mais próximos das divindades, um caminho para a perfeição, formando uma totalidade.

As tragédias gregas encenadas eram inteiramente cantadas acompanhadas da lira⁵, da cítara⁶ e de instrumentos de sopro denominados aulos. Um destaque importante na antiguidade foi Pitágoras, um grande filósofo grego que descobriu as notas e os intervalos musicais, ampliando a dimensão da acústica sonora. Ainda destaca Loureiro (2003, p.43) que na educação os gregos valorizavam as experiências de vida de cada pessoa, por isso buscavam uma educação plena, vinda de dentro do aluno e baseada não apenas nos livros, mas na música. Por isso a paixão dos gregos pela música fez com que, desde os primórdios da civilização ela se tornasse para eles uma arte, uma maneira de pensar e de ser. O músico era visto como o guardião de uma ciência e de uma técnica, sendo a música incorporada na educação dos gregos como uma disciplina escolar ligada também a ética e a sabedoria.

Infelizmente com a invasão do império Romano no mundo Grego esse quadro se altera, já que os soldados romanos eram treinados para serem rígidos, duros, severos e disciplinados, por isso os romanos utilizavam a música na guerra para sinalizar ações dos soldados e tropas e também para cantar hinos às vitórias conquistadas, assim como possuía um papel fundamental na religião e em rituais sagrados. Com o tempo a influência da cultura helenística, a educação musical vai ganhando espaço entre os romanos, passando, porém, a ser estudada como “ciência”, como saber científico, deixando de lado a conexão da música entre corpo e mente e como representação de uma identidade cultural.

No Egito, os egípcios acreditavam na "origem divina" da música, que estava relacionada aos cultos a deuses. Geralmente os instrumentos eram tocados por mulheres (chamadas sacerdotisas). Por sua vez outro destaque na música foi no império Chinês, os chineses além de usarem a música em eventos religiosos e civis tiveram uma percepção mais apurada da música e de como essa refletia sobre o povo chegando a usar a música como "identidade" ou forma de "personalizar" momentos históricos e seus imperadores. Magalhães destaca que os chineses acreditavam que a música era derivada de uma lenda com o seguinte enredo:

⁵ **Lira** é um instrumento de cordas conhecido pela sua vasta utilização durante a antiguidade

⁶ **Cítara** é um instrumento de cordas, usado, sobretudo na música folclórica, mais comum em países de língua alemã nos Alpes e na Europa do Leste.

(...) era uma vez um sábio mandarim em viagem que adormeceu a beira de um bambuzal. Enquanto dormia, chegou um bando de pica-paus que cavaram orifícios de vários tamanhos nas varas de bambu. Como começasse a ventar, o mandarim acabou ouvindo a mais das músicas. Para os chineses, teria nascido assim à música MAGALHÃOES (2006; apud AZEVEDO, 2013, p.12).

Durante a idade Média, a música ganha um maior poder de linguagem e expressividade de sentimentos humanos, suje nessa época as primeiras tentativas para cantar a duas ou mais vozes, simultaneamente (ANDRADE, 2015). A igreja Católica nessa época demonstra grande interesse pela música incluindo-a nos cultos cristãos, pois acreditava que ela fosse capaz de exercer forte influencia sobre os homens, ou seja, dava aos cultos um clima de harmonia e paz, assim como, ajudava na aprendizagem de salmos. A igreja, dessa forma encorajou o estudo e o ensino da música como disciplina teórica inserida no domínio das ciências matemáticas, devido ao seu poder e funcionalidade na mente humana.

Ao lado da polifonia religiosa, cujos cantos religiosos se distinguiam pela seriedade e transcendência, desenvolvia-se a música popular, de caráter modal e profano. Apesar da oposição da igreja, surgem os trovadores cortesãos e os menestréis populares. Andrade (2015) ressalva que a canção trovadoresca, com acompanhamento musical, composta por nobres músicos, cavaleiros durante grandes cruzadas, expressava sentimentos de amor e saudade, além dos efeitos heroicos das guerras. Nesse momento podemos notar o nascimento do que hoje conhecemos como música popular. A música “popular” permaneceu como uma filha bastarda da grande família musical do Ocidente, e só na época “moderna” a partir dos anos 60 passou a ser levada a sério, não apenas como veículo de expressão artística, mas também como objeto de reflexão acadêmica. Napolitano (2006, p.11) descreve que:

Música popular nasceu bastarda e rejeitada por todos os campos que lhe emprestaram seus elementos formais: para os adeptos da música erudita e seus críticos especializados, a música popular expressava uma dupla decadência: a do compositor, permitindo que qualquer compositor medíocre fizesse sucesso junto ao público, e do próprio ouvinte, que se submetia a fórmulas impostas por interesses comerciais, cada vez mais restritivas à liberdade de criação dos verdadeiros compositores.

Em suma, na crítica dos eruditos e folcloristas, a música popular era expressão de uma decadência musical: por um lado, ela não honrava as conquistas musicais da grande música ocidental e suas formas sofisticadas, musicalmente complexas, devidamente chanceladas pelo gosto burguês (concertos, sinfonias, sonatas, óperas,

música de câmara etc.). Por outro, ela corrompia a herança popular “autêntica” e “espontânea”, com seu comercialismo fácil e sua mistura sem critérios de várias tradições e gêneros. O fato é que mesmo recebendo várias críticas a música popular é uma linguagem usada como forma de representar a cultura de um povo, seja em seus momentos de alegrias ou em suas lamentações.

Nesse ínterim a música no Brasil e do Brasil sofre transformações enquanto arte e forma de linguagem, segundo Loureiro (2003, p.54) esse processo remonta aos primórdios do processo de colonização, iniciando-se com a vinda dos jesuítas. Essa ordem religiosa surge na Europa em meio às lutas religiosas deflagradas pela reforma protestante, constituindo-se assim uma legião em defesa da Igreja Católica. Chegando ao Brasil em 1549, abriram as primeiras escolas e aqui se estabeleceram por quase dois séculos. Entre os recursos utilizados destacam-se a música, em virtude da forte ligação dos indígenas com essa manifestação artística. Mignome (1980) destaca que os indígenas eram músicos natos que, em harmonia com a natureza, cantavam e dançavam em louvor aos deuses, durante a caça e a pesca, e em comemoração a nascimentos, casamentos e vitórias alcançadas.

Ressalva Fusari e Toledo (2010, p.131) que os indígenas sempre se sensibilizavam perante a música, ou seja, tendo esta no cotidiano ligada ao sentido de celebração e comemoração. Os autores também enfatizam que a introdução da música ligada ao ensino e as celebrações, entrou no território brasileiro pelos jesuítas, podemos considerar, portanto que a música brasileira é reflexo de nossa formação social.

Ainda como arte e forma de transmissão os jesuítas usavam a música como um instrumento de comunicação para que a mensagem de fé fosse aceita por estes povos (indígenas), o que facilitaria o processo de colonização, ainda destaca Loureiro (2003) a cultura africana também acrescentou grandes contribuições para a música brasileira. Os escravos africanos trouxeram para o Brasil alguns instrumentos de percussão, como a cuíca, a atabaque, o ganzá. Os seus cantos e danças seguiam os ritmos e sons destes instrumentos. Porém em contato com a cultura indígena e portuguesa, os negros iniciam a criação de um estilo de músicas com arranjos instrumentais, com características típicas de suas regiões e embalados pelo ambiente que aqui encontraram. Para Magalhães (2006),

A contribuição africana e sua influência na formação da música brasileira foram bem mais fortes que a indígena, desempenhando importante papel na história da música colonial no Brasil. A musicalidade inata do

africano o destinava a ser criador e interprete da música que se fazia então no Brasil (MAGALHÃES, 2006. p. 26).

Essas melodias e ritmos dão origem ao “samba”, dança e ritmo de origem africana que de acordo com Napolitano (2006, p. 13) no Brasil, esse ritmo transformou-se em sinônimo de música brasileira, além disso, as felicidades do negro para a música eram incontestáveis, demonstrando quase sempre grande aptidão para manejar instrumentos de canto (FUSARI E TOLEDO, 2010, p.132). A relação da música com vários povos e cultura deu origem a grande variedade de ritmos e estilos musicais a maioria deste de caráter regional, como: o forró e a cantoria de viola no Nordeste, o samba e a música sertaneja (caipira) no Sudeste, o fandango, e a vaneira no Sul, o carimbo e merengue no Norte e a catira no Centro oeste. Essa conjuntura de mistura cultural aliada à história do povo brasileiro faz da música brasileira das mais dinâmicas e apreciadas do mundo (SILVA, 2015, p.16).

Entrando no século XIX, a classe dominante fez com que fosse fundado, em 1841, o conservatório musical do Rio de Janeiro. Na década de 1930 o então Presidente Getúlio Vargas, tornou o canto orfeônico obrigatório, nas escolas públicas, como uma forma de exortações cívicas. Nos dias atuais a música faz parte da vida da sociedade, da maioria das pessoas. Ela nos desperta sensações e sentimentos mudanças de pensamento e atitudes sendo a música, uma das expressões humanas mais ricas e universais, havendo uma maior difusão do uso da música nas aulas de geografia, a começar pela normatização através dos parâmetros curriculares nacionais, transformando a música em bem mais que um simples produto cultural, como explicaremos em seguida.

1.2.2 A Música no Ensino de Geografia como Linguagem para além de um recurso didático

Como visto anteriormente com a difusão da música nos grandes impérios e suas transformações culturais a partir da Idade Média, esta deixou de ser unicamente ligada ao sagrado, passando a representar a cultura de um povo e suas mais diversas manifestações, seja através do sentimento de alegria, ou de tristeza. Em meio a isso com as grandes transformações na educação, atualmente o professor de geografia tem diante de si o desafio de transformar as aulas em um momento propício a despertar o senso crítico dos alunos, fugindo das práticas pedagógicas tradicionais, como também pode o professor fazer com que a geografia seja uma área da ciência agradável e desperte no

aluno o interesse em explorá-la. CORREIA (2009 apud FERREIRA, 2012, p. 30) relata que:

Alguns alunos do ensino básico veem a disciplina de geografia como decorativa e inútil, isto ocorre, porque os professores não conseguiram construir, de forma mais independente, os preceitos consagrados pela geografia acadêmica em relação aos padrões descritivos dos fenômenos físicos e paisagísticos.

Em meio a isso, acreditamos que é preciso pensar em aulas onde o aluno participe ativamente, através de temas que abordem o meio ambiente, a política, a economia, ou seja, as mudanças e contradições a nível mundial e no território brasileiro, pois sabemos que além de uma variedade cultural, o território brasileiro ainda dispõe de riquezas distribuídas nas suas regiões, cada uma com determinado tipo de clima, vegetações e fatores físicos que influenciam no aspecto cultural. Essas características do nosso país, muitas das vezes são retratadas nas letras de diversas músicas, o que pode servir de subsídio para o uso dessa como linguagem, nas aulas de geografia, uma vez que as letras das músicas nos servem para muito além de simples distração e diversão, mas pode ensinar, e levar os alunos a vivenciar algo de fascinante com o seu vivido.

Salientamos como diz Menezes et al. (2007, p. 9): “o que se propõe não é o abandono da Literatura ou do estudo dos textos clássicos, mas apenas a construção de uma ponte entre aluno e professor, dando ao estudante instrumentos para a realização da leitura musical de maneira descontraída”.

Para CORREIA (2009) ligar a música nas aulas de geografia é apreciar e interpretar o mundo externo e interno. Ela não é simples decodificação de símbolos; só adquire sentido quando penetramos em seu conteúdo, e sua dimensão será maior a medida da capacidade que o ouvinte tem de interpretar o seu mundo, facilitando ao aluno a compreensão dos conceitos geográficos principalmente de maneira subjetiva, de forma que cada um analise tanto a parte textual quanto a melodia e o ritmo, tirando suas próprias conclusões isto é; a particularidade de cada aluno é expressa de maneira subjetiva, o que é importante para a interatividade em sala de aula e a afirmação do ensino-aprendizagem.

Daí a necessidade de incentivá-los a procurar esse tipo de linguagem e fazer a relação com a geografia, pois lhes farão entender melhor a arte e também os conceitos geográficos nela contidos. (FERREIRA, 2012, p.22). Assim a música passaria a ser não

somente uma faceta da área artística, mas uma ferramenta de análise em relação à cultura no que diz respeito à interpretação dos lugares e suas paisagens subjetivas, considerando as sensações e experiências que o indivíduo pode apreender. Quanto à cultura, Claval (1999, p.89) destaca que:

A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transferida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem. A cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação a sua existência e dos seres que a circundam e formam a sociedade da qual se sente membro.

Para Ferreira (2012, p.25), a música como objeto cultural pode trazer ao indivíduo a percepção de determinado lugar, mesmo não estando fisicamente lá. Através de uma condição psicológica podemos vivenciar determinada situação ou paisagem. Logo aqui podemos identificar a música como um produto cultural, e como linguagem que faz parte do dia a dia dos sujeitos, daí a importância de fazer a correlação da música com a geografia, principalmente em sala de aula com o objetivo de trazer ao aluno a melhor interpretação dos conceitos geográficos. De acordo com CORREIA e ROZENDAHL (2009), a geografia cultural aborda alguns aspectos importantes na medida em que o mundo se caracteriza pelas relações sociais através de várias manifestações não apenas da linguagem falada ou escrita. Citam que:

Os seres humanos experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano, através de seu engajamento direto enquanto seres pensantes, com sua realidade sensorial e material. A produção e reprodução da vida material são necessariamente, uma arte coletiva, medida na consciência e sustentada através de códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, “a música”, pintura, a dança, o ritual, a cerimônia e as construções. (CORREIA e ROZENDAHL, 2009).

Logo em meio a essa construção da vida coletiva, destacado por Correia e Rozendahl, o ser humano passa a trabalhar com percepções, essa por sua vez vai depender do nível de compreensão e interpretação do mundo no sentido individual e coletivo e das relações desenvolvidas com o lugar vivido. Freire (1996) deixa claro que durante o ensino aprendizagem se faz necessário levar em conta a realidade do aluno. Nessa perspectiva o ensino geográfico faz mais sentido, pois dará ênfase em temas e discussões que realmente sejam significantes para nossos alunos. Como já mencionamos o ensino tradicional não é descartável, pois é a base do ensino, porém o uso de metodologias mais didáticas e lúdicas que instigam e provocam criatividade,

curiosidade, podem sim reformular não só o ensino, mas também a real finalidade da Geografia, sugestão essa, já destacada pelos parâmetros curriculares nacionais.

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disporem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaço (Brasil, 1998b).

Como visto os PCNs⁷ nos garante um trabalho diversificado em que o conhecimento passa ser transmitido de forma mais estimulante e dinâmica para que os alunos realmente apresentem interesse durante o processo educacional, sendo a música uma das linguagens artísticas na qual temos maior contato, já que se faz presente no nosso cotidiano, seja nos rádios, televisão, igrejas, cinema e até nas escolas, portanto neste trabalho, buscamos reafirmar a importância da cultura, por intermédio de uma da linguagem musical. sendo um dos instrumentos pelo qual acreditamos que a manifestação da cultura se dá inclusive com grande influência como temos visto, pois trabalha o racional e o emocional do aluno e do professor, que é o que se pretende fazer, dando uma nova opção à dinâmica pedagógica na aula de geografia, onde o senso comum e a ciência sistematizada se fundem para a consolidação do saber, mostradas no capítulo dois nas diferentes histórias de vida, apresentadas pelos alunos da EJA nas mais diversidades de estilos musicais relacionados ao seu eu, sua geograficidade e a percepção do Brasil como lugar vivido.

1.3 Geograficidade, Lugar Vivido e Relação com a Música

As experiências variadas e contraditórias vividas nos espaços, paisagens e lugares combinam as qualidades e aparências destes com os modos e atitudes de quem o percebe, e estas experiências são fundidas no que chamamos como: “Geograficidade referente às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e também ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma

⁷ OS PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais concernentes a cada disciplina escolar.

fixação existencial” DARDEL (2011, p. 24). “Isto é, uma manifestação direta do ser na existência” (SOUZA, 2012, p. 71).

Foi Eric Dardel, que nos trouxe o termo Geograficidade, amplamente difundido em estudos voltados a geografia cultural e humanística. Dardel não aceitava que a geografia fosse vista como uma disciplina científica nos moldes positivistas. Para ele a geografia se refere à inserção do homem no mundo, de modo que não pode lidar apenas com aspectos objetivos ligados a um espaço geometrizado. Ela pressupõe um campo de estudos próprio que se refere à existência humana na Terra, a partir de um objeto fenomenologicamente determinado: o espaço geográfico, que tem como elemento essencial a geograficidade, definida como uma geografia vivida em ato.

Quando falamos em LUGAR VIVIDO o termo “lugar”, já discutido, em seu sentido geral, anteriormente, significa uma porção ou parte do espaço terrestre. Na Geografia, o lugar constitui-se em um dos seus conceitos-chave. Até o início do século XX, o lugar era usado para definir a Geografia, em seu sentido locacional, como simples conceito de localização espacial. Nesse sentido, a definição de lugar consistia em analisar as integrações que variam de lugar para lugar, relacionando o conceito de lugar ao da própria Geografia.

No campo da Geografia Humanística, o conceito de Lugar Vivido surge no âmbito da sua consolidação, no início da década de 1970, como abordado em discussão anterior, sua linha de pensamento caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente, procurando valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Ou como coloca Mello:

Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas etc. Nas áreas urbanas diversas pessoas preferem a proximidade com a vizinhança, habitando em moradias acanhadas, juntos dos centros de bens e serviços. Em oposição, os detratores destes lugares costumam pejorativamente chamar os edifícios geminados de ‘pombais’ (MELLO, 1991, p. 49).

Além disso, a transformação de espaços em lugares pode ocorrer não apenas pela intermediação do mundo vivido, mas também de maneira concebida em que relatos de viagens, imagens, descrições de terceiros, literatura, fotos e, principalmente, a música, são importantes instrumentos metodológicos na análise das geografias dos lugares. Desta forma para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do

mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores. Esse é o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona.

Dentre os grandes expoentes afins a essa acepção destacam-se Edward Relph e Yi-Fu Tuan. Ao proporem uma abordagem humanístico-cultural a partir da Fenomenologia, onde as experiências e vivências do lugar e a afetividade pela terra desempenham um papel fundamental na construção e identidade de uma nova paisagem. Ao abordarmos o espaço redirecionando-o ao conceito de espaço vivido, tomaremos as ideias do geógrafo Yi-Fu Tuan, o qual ressalta em seus trabalhos que, por meio da experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar, sendo que o espaço é mais abstrato do que o lugar. Para ele, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (TUAN, 2013). Neste contexto, o mundo é composto por experiências pessoais, nas quais os lugares vividos são reforçados pelos mundos descritos na literatura, nas artes, na imaginação, na fantasia, contribuindo para a construção de nossas imagens sobre a natureza e de tudo que o homem constrói além de sua própria imagem.

As experiências diárias vêm compor o quadro individual sobre a realidade, na qual todos somos artistas e arquitetos de paisagens, cujas lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias, permitem-nos criar e organizar o espaço, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções (PANITZ, 2012). Um lugar é mais do que uma mera localização. Resulta de um conjunto de sensações e de significados conscientizados, moldados pelas circunstâncias econômicas, sociais, culturais e emotivas que os indivíduos, eles próprios, experimentam. Na Geografia, o lugar é o espaço que adquiriu características tão diferenciadas na interação pessoas versus espaço físico, que dele são geradas ligações afetivas entre os usuários e o ambiente.

Os lugares são, portanto, núcleos de valor, que atraem ou repelem em graus variados os indivíduos ou os grupos (ANDRADE, 2015). A preocupação dos geógrafos humanistas, a partir disso, foi seguir os preceitos da fenomenologia, para definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como algo vivenciado pelos seres humanos.

Na nova Geografia Cultural nada melhor que estudar o Lugar Vivido, por meio da música, por conseguinte, formada a partir da combinação de som, ritmo, melodia e harmonia. Para Tonello (2012) a música, enquanto um produto cultural tem a capacidade de reproduzir e transmitir significados diversos, se caracterizando, assim,

como uma forma específica de linguagem. A música está em toda parte; ela é um elemento presente em praticamente todas as sociedades conhecidas, participando da própria evolução histórica destas sociedades; na Grécia Antiga, onde era vista como um meio de disciplinar e civilizar a população, ou mesmo na Idade Média, associada a ritos religiosos, esses são apenas alguns exemplos de sua atuação na evolução das sociedades europeias.

Por isso, vemos a capacidade de levar o aluno a perceber na música a sua relação de Geograficidade com seu lugar (Brasil). Sendo essa o novo durante as aulas! Uma forma de questionar a leitura dos lugares em que vivemos, de pensar nos espaços de outras formas. Podemos de acordo com Oliveira e Holgado (2016, p.92) gerar um interesse nos alunos, no sentido de despertamos sua geograficidade em relação ao lugar vivido.

No segundo capítulo como estratégia e forma de reconhecer nos relatos subjetivos os lugares vividos dos alunos da EJA e sua experiência do lugar Brasil, foi pedido aos estudantes que discorressem sobre a sua história de vida e destacassem no final de sua história, uma música, que o faz perceber e sentir o Brasil, como seu lugar. Assim como também realizamos breves introduções iniciais sobre a evolução e reconhecimento do ensino de Geografia no Brasil, enquanto disciplina obrigatória e escolar, até chegar à Educação de Jovens e Adultos, hoje reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, como ensino oferecido aqueles que não tiveram oportunidade de em idade própria cursar seus estudos, pelos mais diversos fatores.

CAPÍTULO II

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA MÚSICA COMO EXPRESSÃO DO LUGAR: O BRASIL NA EJA

2.1 O Ensino de Geografia como Disciplina Escolar no Brasil

A Geografia, desde que surgiu, teve como preocupação analisar como o ser humano estar inserido na sociedade e as maneiras pela qual transforma o ambiente em que vive isso fez com que essa ciência incorporasse conhecimento das ciências humanas, sociais e naturais. Suas correntes de pensamento passaram por transformação indo da Geografia Quantitativa a Geografia Crítica e Radical. Até surgir nos Estados Unidos, como explicado no capítulo um, a Geografia Humanística. Os Geógrafos Humanistas defensores dessa corrente preocupam-se em compreender as relações afetivas que os indivíduos ou grupos estabelecem com o lugar onde vivem.

Destaca Rosato (1985, p.87) que no Brasil a Geografia surgiu como componente curricular em 1837, quando passou a integrar a grade do colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Esse fato a tornou uma matéria obrigatória nos colégios, uma vez que o Pedro II era a referência oficial de educação secundária no país, fundado com a intenção de copiar os Liceus franceses. A Geografia nesse viés vai ser incorporada na grade de matérias porque fazia parte das disciplinas escolares já consolidadas no Programa Escolar Francês (ROCHA, 1999).

Para Giblin (1989) a obrigatoriedade do Ensino da Geografia, de certa forma imposta pelo Colégio Pedro II, foi um salto na "carreira" escolar da Geografia, passando a fazer parte dos programas de todas as reformas educacionais posteriores. Mas infelizmente a Geografia que se passou a desenvolver no Brasil era mnemônica, com listas de nomes para serem "decorados". Foi somente no século XX que Carlos Miguel Delgado de Carvalho, formado na França e autor de livros didáticos no Brasil, trouxe à discussão sobre a Geografia Moderna Explicativa e Científica. Suas posições ofereceram contribuições importantíssimas para um campo novo na Geografia brasileira: a questão teórico-metodológica desta matéria escolar, que já havia se consolidado como uma ciência na Europa.

Como forma de valorização da Geografia com o tempo, deixando de lado a "decoreba" de acidentes geográficos. Delgado de Carvalho, também em 1920 expandiu

sua ideologia, de que o professor precisava aproximar seu ensino da realidade de seu aluno, destacando que:

Em todo e qualquer assunto de geografia, o meio em que vive o aluno deve ser escolhido como assunto principal de estudo e as noções sobre outras regiões devem ser acrescentadas como informações suplementares e comparativas. (CARVALHO, 1925, p.6).

Com muito esforço, Carvalho também ajudou a organizar o Curso Superior de Geografia, em 1926, cujo objetivo era fornecer aos professores uma orientação mais atual da Geografia (VESENTINE, 2004). Isto certamente fazia parte de sua luta para promover melhorias na prática do ensino da Geografia. Além de Carvalho Aroldo de Azevedo foi outro autor de destaque na publicação de livros didáticos de Geografia, muitos professores gostavam de seus livros, pois achavam que sua linguagem era mais acessível, no entanto em muitos momentos o mesmo foi criticado, como destacado:

Aroldo de Azevedo implantou um “modelo” de geografia que compartimentou a realidade sob o paradigma “a terra e o homem”, que não incentivou discussões metodológicas, que elidiu as classes sociais e os conflitos políticos que mascarou a ideologia liberal, enfim, daquilo que, mais tarde, seria apontado como os traços característicos da geografia tradicional. (VLACH, 2004, p.215).

O ensino tradicional destacado por Azevedo também foi influenciado pelo nacionalismo patriótico. Decorar dados sociais, nomes de acidentes geográficos de várias partes do país, etc., estava em íntima associação com a ação política de manter o controle do Estado. Essa visão embasada no patriotismo e no nacionalismo. Também repercutiu em vários países do mundo. Na Europa isso foi bem evidente. Alguns autores no século XX, falam da gênese da geografia escolar ter sido neste continente, como Vlach que alega que as bases da Geografia escolar estão ligadas à formação do Estado Alemão.

Vários movimentos em busca de transformações para melhorar a prática educativa da Geografia, ocorreram principalmente em defesa de uma Geografia diferente das tradicionais. Muitos precisavam compreender como ensiná-la de forma apropriada. Tudo indica que a Geografia Crítica traria mais motivação para os professores. William Vesentini, em seu texto Geografia Crítica e Ensino, explica de forma sucinta do que se trata a Geografia Crítica.

Trata-se de uma geografia que concebe o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais [...] Essa geografia radical ou crítica coloca-se como ciência social, mas estuda também a natureza como recurso apropriado pelos homens e como uma dimensão da história, da política (Vesentini 2004, p.22).

Oliveira (1999) reafirma as ideias de Vesentini, mas esclarece que muitos professores que discutiam a importância de um ensino mais crítico, mais reflexivo e sem memorização, tiveram sua atuação muito prejudicada durante o período de vigência da ditadura militar que viveu o país após 1964.

A partir da década de 1980, evidenciando uma revalorização da Geografia escolar pelo meio universitário, aumenta, pois, há o debate teórico-metodológico em torno da Geografia ensinada, e “surge” a preocupação de explicar as origens de cada corrente teórica que influencia a prática desta matéria que, e de certa forma, continua influenciando o conteúdo escolar.

Na atualidade, o ensino da Geografia nas escolas brasileiras norteia-se pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, produzidos no contexto da reforma do sistema educacional da década de 1990, se situando como ponto de referência para a elaboração do currículo das Secretarias de Educação e das Escolas. No documento específico dos conhecimentos geográficos, a organização do processo de ensino-aprendizagem encontra-se estruturada em duas partes.

A primeira parte, contém um breve estudo da evolução histórica da Geografia enquanto ciência e disciplina escolar. A segunda parte aborda de forma descritiva a metodologia de trabalho que pode ser desenvolvida nessa disciplina, evidenciando objetivos, conteúdos e critérios de avaliação para os dois primeiros ciclos do ensino fundamental. Noções geográficas de - Lugar, Paisagem, Território e Espaço – são conceitos fundamentais da Geografia e parecem nos parâmetros curriculares assentando-se nos postulados da fenomenologia, nesse sentido, a construção do saber geográfico e a formação da cidadania das crianças estão atreladas aos planos das suas subjetividades, das suas experiências, dos seus sentimentos e dos simbolismos que produzem para explicar a realidade. Em que de acordo com o referido documento, as percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico (Brasil -PCNs – História e Geografia, 2001, p.11), como é o caso da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Municipal Professor Themístocles, com discentes entre 16 à 62 anos, repletos de conhecimentos externos, mantidos da construção na relação com o seu meio vivido

complementado e até mesmo ligando o seu saber com o adquirido e aprendido na escola, seja, nas aulas de geografia ou demais disciplinas. Como enfatizado no seguinte subitem.

2.2 A Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Professor Themístocles Pinheiro Gadelha - Manaus

No atual cenário, as pessoas estão cada vez mais buscando se qualificar e estudar, já que o mercado de trabalho ficou bastante concorrido nas duas últimas décadas. Foi pensando nisso que se criou o sistema EJA (Educação de Jovens e Adultos), essa educação é definida pelo artigo 37 da LDB (lei n. 9.394/96) como a modalidade de ensino que “será destinada àqueles que não tiveram acesso ou à continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” A principal tarefa da Educação de Jovens e Adultos é fazer valer o previsto no artigo 208 inciso I da Constituição Federal de 1988. Conforme ressalva Di Pierro:

O direito de jovens e adultos à educação está assegurado no Artigo 208 da Constituição Federal, que garante a provisão pública de ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) determina que os sistemas de ensino devem assegurar cursos e exames que proporcionem oportunidades educacionais apropriadas aos interesses, às condições de vida e trabalho dos jovens e aos adultos. (DI PIERRO, 2003, p.11).

Tal política vem sendo incentivada pelo poder público, que abrangeu, além do ensino fundamental, o ensino médio, adequando esta modalidade de ensino às características dos jovens e adultos brasileiros. Portanto, com base na LDB, foi constituída a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino através da resolução CNE/CEB N° 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Ressalta-se ainda o direito de jovens e adultos à educação adequada às suas necessidades peculiares de estudo, e ao poder público fica o dever de oferecer esta educação de forma gratuita a partir de cursos e exames supletivos.

Como visto esta modalidade de ensino estar estipulada na constituição e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, como um direito aqueles que não concluíram o ensino básico na idade regular, proporcionando a conclusão do Ensino Médio aos Jovens e Adultos que estão afastados da escola e desejam retomar os seus estudos. Mas

nem sempre foi bem assim e se buscarmos a ideia da pessoa analfabeta como dependente tomou força com o período que preconizava a República. Em 1879, a Reforma Leôncio de Carvalho caracterizava o analfabeto como dependente e incompetente. Posteriormente em 1881, a Lei Saraiva corrobora com a ideia da Reforma de Leôncio de Carvalho restringindo o voto às pessoas alfabetizadas.

Rui Barbosa, em 1882, postula que “os analfabetos são considerados, assim como crianças, incapazes de pensar por si próprios”. Instala-se uma grande onda de preconceito e exclusão da pessoa analfabeta. A frase de Rui Barbosa está carregada de preconceito, pois podemos perceber que há uma desvalorização da criança em considerá-la incapaz e do adulto de reduzi-lo a esta situação de incapacidade. O voto, que anteriormente era restrito às pessoas que possuísem uma determinada renda, agora além da renda teria de ser alfabetizadas. Strelhow (2010) explica que o início do século XX houve uma grande mobilização social que pretendia exterminar este mal, o analfabetismo. Começou-se assim, a culpar as pessoas analfabetas da situação de subdesenvolvimento do Brasil. Em 1915 foi criada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo que pretendia lutar contra a ignorância para estabilizar a grandeza das instituições republicanas. Era necessário tornar a pessoa analfabeta um ser produtivo que contribuísse para o desenvolvimento do país. STEPHANOU (2005, p.259).

Entrando na década de trinta especificamente em 1934 foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o primeiro plano na história da educação brasileiro que previa um tratamento específico para a Educação de Jovens e Adulto. Na década de quarenta conforme Stephanou (2005, p.267) a educação de jovens e adultos entra em alta, devido a criação da Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo, surgindo em 1947 surgiu um programa, de âmbito nacional, visando atender especificamente às pessoas adultas, com a criação do SEA (Serviço de Educação de Adultos). A finalidade do SEA era de reorientar e coordenar, no geral, os trabalhos dos planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos.

Em 1967 com a ditadura militar os programas que visavam à constituição de uma transformação social foram abruptamente interrompidos. Oliveira (2007, p.4) lembra que o governo militar, então, criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada. Com esse programa a alfabetização ficou restrita à apreensão da habilidade de ler e escrever, sem haver a compreensão contextualizada dos signos.

O MOBREAL procura restabelecer a ideia de que as pessoas que não eram alfabetizadas eram responsáveis por sua situação de analfabetismo e pela situação de subdesenvolvimento do Brasil. Um dos slogans do Mobral era: “você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável” (STEPHANOU, 2005, p. 270). Com fim do Mobral em 1985, surgiram outros programas de alfabetização em seu lugar a partir de 1990 como o MOVA (Movimento de Alfabetização) e o PAS (Programa Alfabetização Solidária).

Chegamos assim ao século XXI ainda com uma alta taxa de pessoas que não têm o domínio sobre a leitura, a escrita e as operações básicas de matemáticas (STEPHANOU, 2005, p. 273). Não deixando, no entanto de trazer consigo o conhecimento adquirido com o espaço vivenciado, seja através das relações subjetivas e intersubjetivas, consideração essa que deve ser usada com respeito pelo professor, para que não considere o aluno enquanto sujeito passivo em processo de alfabetização.

No caso da escola Municipal Professor Themístocles Pinheiro Gadelha, há vinte anos localizados no Bairro Jorge Teixeira dois, Zona Leste de Manaus – Am em entrevistas formais com os alunos, observamos que a idade dos discentes que buscam esse ensino varia entre 16 a 62 anos. Notou-se também que boa parte dos alunos que buscam a formação nesse ensino são pessoas, já com histórias de vida, com conhecimentos próprios e que têm pressa para aprender, devido à idade ou ao trabalho que cobrar qualificação. Strelhow (2010) destaca que também existem muitos outros motivos que levam esses adultos a estudar, como, exigências econômicas, tecnológicas e competitividade do mercado de trabalho. Além da satisfação pessoal, a conquista de um direito, a sensação da capacidade e dignidade que traz autoestima no sentido de vencer as barreiras da exclusão. Na escola em questão são oferecidas as cinco fases de ensino aos Jovens e Adultos, correspondente ao Ensino Fundamental, essas fases foram instituídas na resolução N.038, aprovada pelo conselho municipal de educação de Manaus no ano de 2015. Resolvendo que:

Art. 44 A Educação de Jovens e Adultos, oferecida pela Rede Pública Municipal de Ensino de Manaus, abrangerá: a) 1ª Fase - 1º ano, b) 2ª Fase - 2º e 3º anos, c) 3ª Fase - 4º e 5º anos, d) 4ª fase - 6º e 7º anos, e) 5ª fase - 8º e 9º anos.

Levando em consideração a divisão do ensino da EJA em fases, optamos por trabalhar com as duas ultimas, tendo em vista o conhecimento dos alunos e sua experiência nas demais fases, acreditamos serem esses capazes de relatar de forma oral

e escrita o seu conhecimento sobre o Brasil enquanto lugar vivido, bem como objetivamos verificar ainda na próxima discussão, a ênfase dada pelo Livro didático da EJA – Manaus, ao Brasil, em seus mais diferentes aspectos, tendo como ponto de partida, que este em relatos formais pelo professor de Geografia da Escola Themístocles é recurso didático de uso obrigatória, vistoriado por coordenação distrital se realmente tal investimento feito pela Prefeitura de Manaus, vem sendo usado, em sala pelos alunos, acreditamos que como recurso que ajuda a pensar no Brasil em meio às experiências de topofilias ou topofóbicas, dos discentes.

2.2.1 O Livro Didático da EJA e a Representação de Brasil

O livro da Educação de Jovens e Adultos usado como recurso pelo professor da disciplina de geografia, na referida escola estudada é intitulado como EJA – Manual do Educador, sobre organização da Editora Moderna em coleção dividida do sexto ano nono ano da EJA, como mostra a figura um, abaixo.

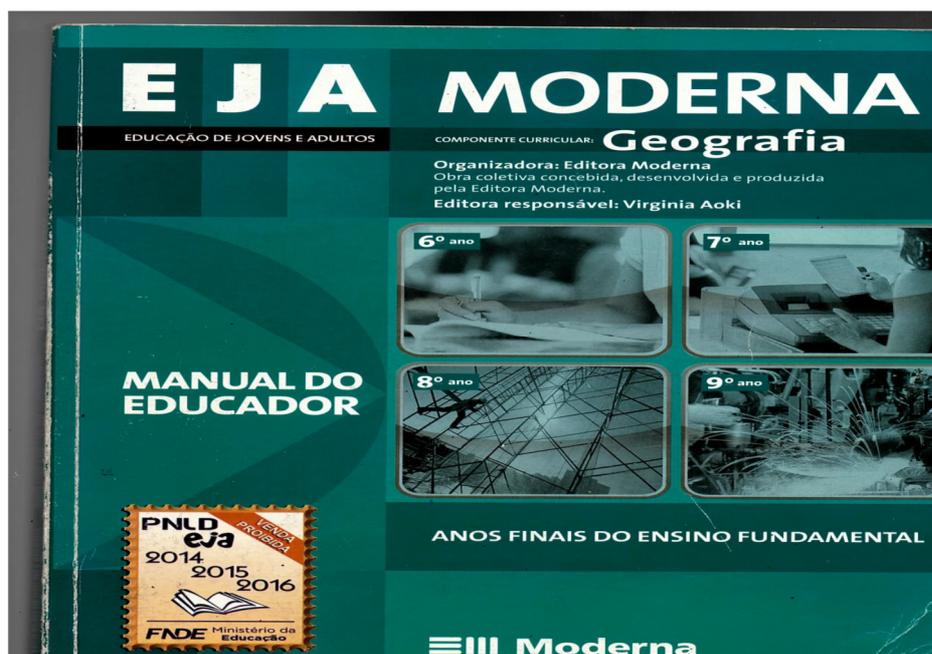


Figura 1: Livro usado em sala, pelos alunos da EJA em volume único.
Fonte: Carvalho, Eluana – 2017.

Esse livro didático é trabalhado pelo professor com os anos finais, no caso a quarta e quinta fases (estabelecida pela resolução 038 do conselho municipal de educação). A quarta fase equivale aos sexto e sétimo anos e a quinta fase ao oitavo e nono ano do ensino fundamental II.

Quanto ao livro, analisou-se que é dividido em unidades, como destacado no quadro (1), abaixo, sendo volume único com assuntos voltados para organização do território brasileiro nas suas características culturais de saúde, alimentação e direitos sociais.

Volume	Eixos temáticos	Capítulos
6 ano	Unidade I - Identidade e Pluralidade Unidade II alimentação	Capítulo 1 – O território Brasileiro Capítulo 2 – O Brasil e suas regiões Capítulo 3 – A população brasileira Capítulo 4 – A produção de alimentos Capítulo 5 – A produção de alimentos e os impactos ambientais
7ano	Unidade I - Moradia Unidade II - Saúde e Qualidade de Vida	Capitulo 1 – A cidade e seus desafios Capítulo 2 – O direito à moradia Capitulo 3 – O bem-estar da população Capítulo 4 – A Melhor Idade
8 ano	Unidade I – O país Unidade II – Desenvolvimento e sustentabilidade	Capitulo 1 O país em que vivemos Capítulo 2 – O Brasil no mundo Capitulo 3 – Aspectos Demográficos da população Capítulo 4 – Participação social
9 ano	Unidade I – Trabalho Unidade II – Desenvolvimento e sustentabilidade	Capítulo 1 – Indústrias: Transformações e Desafios Capítulo 2 - Relações de Trabalho Capítulo 3 - Vivendo em um mundo globalizado Capitulo 4 - Globalização e meio ambiente.

Quadro 1: Assuntos por unidade livro da Eja usado pelo Município de Manaus.

Organização: Carvalho, Eluana - 2017.

Além do mais o livro da Educação de Jovens e Adultos, se mostrou no que consta a divisão dos assuntos, como múltiplo e diverso, quanto aos temas sobre o território brasileiro, produto este que tem em seu conjunto pontos qualitativos e quantitativos. Quando a categoria lugar, estudada ao longo da pesquisa, observamos ser enfatizada no livro em cinco linhas com o seguinte Título: Lugar espaço geográfico e sociedade brasileira. A explicação para lugar a partir do livro é a seguinte:

Lugar é uma parte ou porção determinada do espaço em que todos vivemos. O lugar é onde as pessoas moram, estudam trabalham, consomem, ou seja, realizam as atividades cotidianas e, portanto, desenvolvem suas relações sociais, afetivas e de solidariedade – de ajuda e colaboração-ou de conflitos. É a primeira referência que cada um tem do mundo. (MODERNA, 2016, p.22).

Pelo destacado no livro usado em sala pelos alunos, o lugar é o ambiente de relações intersubjetivas, a partir da vivência do sujeito, no entanto para os geógrafos entre eles Tuan. O Lugar, em sua acepção mais difundida, se refere a todo e qualquer espaço dotado de valor simbólico, onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação. (TUAN, 2013, p.12).

Nós perguntamos: a partir da explicação do material didático do aluno, todos terão a mesma forma de pensar lugar? Quando falamos de Brasil enquanto lugar e mundo vivido, quais serão as explicações dos alunos? A Música enquanto linguagem e elemento cultural é capaz de levar o sujeito a perceber o seu lugar? Essas são algumas indagações que tentamos responder ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Quanto aos objetivos do livro, destacam-se três em ambas as fases. O primeiro é: perceber que o espaço geográfico é produto de uma construção histórica realizada pelos indivíduos com base nas relações socioeconômicas, políticas e culturais. O segundo objetivo é perceber, com base nos mapas, as diferentes construções em relação ao espaço geográfico, paisagem, lugar e território e o terceiro objetivo é: valorizar a identidade pessoal no que tange às origens espaciais e culturais e fim de preservar as construções e relações históricas. O intuito aqui não foi analisar o livro didático aprovado por resolução, mas entender como os alunos enquanto sujeitos pensantes e com múltiplas relações com seu lugar, ver e percebe o Brasil, para além do livro didático, por isso considerasse tão importante entender o modo como esses alunos, veem, percebem e sentem o Brasil enquanto espaço de múltiplas realizações e experiências, como afirma Domingues (2013, p.20) é através da percepção que podemos desvelar os significados e sentimentos que mantêm as pessoas e os grupos vinculados ao espaço ou lugar em particular, da mesma forma afirma Ponty (1999, p. 6) a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada, ela é fundo sobre a qual todos os atos se destacam. Por isso, acreditamos ser tão necessário e importante dá ao aluno a oportunidade de ser expressar e contar a sua percepção do seu lugar em sua história de vida, além do mais, a aproximação entre os saberes cotidianos e os conteúdos estudados em sala de aula,

atrelados a música enquanto expressão dos alunos auxilia na compreensão dos saberes estudados, podendo o aluno observar se o que estuda têm aplicação em sua vida, de modo que os discentes pensem em situações vivenciadas no cotidiano e se sintam sujeitos na construção dos seus próprios conhecimentos.

2.3 História de vida ⁸e a Percepção do Lugar (Brasil) Enquanto Experiência Vivida por Alunos da EJA

Partimos do princípio que o mundo é complexo, dinâmico e imprevisível. Esse é o mundo da percepção⁹ vivido pelos homens. Dardel coloca que as Terras, o lugar, são vistos por meio das percepções de quem os habita e a partir de suas relações, essa intermediação e ligação com o mundo vivido é sentida, sendo para Merleau-Ponty (1999, p. 122) o corpo como veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles. A ideia de mundo vivido ganhou força a partir de Husserl e foi muito discutida por vários filósofos, como Jean Paul Sartre, Merleau-Ponty e Martin Heidegger décadas mais tarde.

Claval (1974) aponta que no início do século XX, na França uma série de trabalhos sobre o significado do espaço a partir da percepção das populações primitivas, passam a fazer parte das preocupações de vários pesquisadores. Nogueira (2014 p.73) vem reafirmar isso e descreve que apesar das “reticências” a Geografia francesa deu mais importância aos debates sobre a percepção e ao seu papel na organização do espaço que outras importantes escolas.

A partir desse pressuposto, vem novamente as seguintes indagações, e os alunos como percebem o Brasil? Como o veem? Quais as suas relações com esse lugar? conseguem pensar para além da representação do livro didático, usando a música como linguagem? Pois bem, as respostas foram surpreendentes, os alunos da Educação de Jovens e Adultos são pessoas muito diferentes em termos individuais, culturais, entre outros aspectos, mas que se identificam quanto ao fato de não terem frequentado a escola nas fases da infância e da adolescência, por razões diversas. Alguns desses alunos nem sequer passaram pela escola nessas fases. Outros a fizeram de modo pouco

⁸ Manteremos nas histórias de vida, as formas de escrita dos alunos ao longo da sua descrição de vida e percepção do Brasil.

⁹ Partimos do princípio que a percepção é “a instância que nos coloca em contato com o mundo” (SOUZA, 2012, p. 267). Para tal consideraremos o Brasil como Mundo aqui vivido por alunos da Eja.

sistemático, interrompendo seus estudos, devido à necessidade em muitos casos de entrar no mercado de trabalho muito cedo, para ajudar no sustento da família, mas isso não impediu a capacidade desses alunos em perceber as múltiplas experiências e vivências com o seu lugar.

Segundo Nogueira (2014, p.98) a percepção estar carregada de manifestações culturais, memórias, sensações, imagens e linguagens. Para Merleau-Ponty (1999) o mundo vivido é carregado de percepções, o que só é possível de adquirimos a partir da valorização do saber que o eu e o outro construímos ao longo da nossa existência. Nas reflexões em relação ao mundo vivido, as pesquisas são desenvolvidas com a intenção de interpretar e compreender o mundo através do saber produzido pelos homens que vivem os lugares (NOGUEIRA, 2014, p 95). Foi esse lugar chamado Brasil que procuramos entender como é percebido e compreendido, assim entendemos que o Brasil enquanto lugar de vivencia e relações seria visto para além dos seus aspectos físicos, partindo do principio que todo conhecimento resulta do mundo da experiência, a partir de uma relação de intersubjetividade.

Nos relatos de vida e a percepção do Brasil começamos com o exemplo do aluno “A” - quinta fase F. sendo um total de dez histórias de vida e percepções do Brasil a partir da música. Os mapas mentais, assim como as músicas com as letras que levaram os estudantes a representar o Brasil enquanto seu lugar, serão apresentados no terceiro capítulo desta pesquisa, uma vez que, agora nos concentraremos em suas histórias de vida, e nas indicações, muitas das vezes de maneira “tímida” das canções que para cada discente melhor representou a sua maneira que ver e senti sua nação, como seu lugar.

Tenho 33 anos. Venho de uma família de 6 irmãos incluindo uma menina. Posso dizer que tive a oportunidade de ter uma vida boa, mas como todo adolescente me deixei levar por alguns que se diziam meus amigos, mas a vida me mostrou que a minha mãe estava certa, que quando você não quer aprender pelo amor, a vida te ensina pela dor, é foi o que aconteceu comigo. Não culpo ninguém nem meus pais pelas besteiras que fiz e quase me levaram a morte. Apesar de sempre trabalhar e tentar fazer o certo eu sempre me deixava levar pelos amigos e foi assim que a bebida e as

drogas quase acabaram comigo posso dizer que estou tendo uma segunda chance na vida. Hoje sou grato pela família que tenho porque se não fosse minha mãe eu estava como tantos outros que vejo nas ruas, que não sabem seus próprios nomes. Vivo cada dia como se fosse dádiva, quero escrever uma nova história, o primeiro passo é terminar os meus estudos e me profissionalizar. Hoje agradeço por saber ler e escrever.

Aqui nas aulas de geografia estudamos muitas coisas e quando penso no Brasil a primeira música que vem a minha mente é a “Vai Brasil ¹⁰” do cantor Mc Rodolfinho. Penso que retrata o país que vivo com um grande tamanho e muita economia, mas que concentra o poder e as leis são definidas em apenas um lugar, além disso, as pessoas são julgadas por suas fichas e condição econômica. No Brasil tem a região norte, onde está meu estado do Amazonas. Esse estado é bastante extenso com vários municípios e nossa capital Manaus, gosto de morar aqui, tenho muitos parentes e muitos vizinhos. (Aluno “A” - Quinta Fase F – Equivalente ao Oitavo e Nono anos de Ensino Fundamental).

A música que o aluno “A” cita ao longo de sua descrição, representa um país que é forte e tem capacidade de mudar e se transformar em meio à desigualdade e diferenças sociais. Mostrando que com força e trabalho a nação é capaz de transformar o lugar em um país com ordem e progresso. Percebemos que o conhecimento do aluno “A” mistura ensinamentos das aulas de Geografia com o seu conhecimento, quando retrata as desigualdades sociais e o fato das pessoas serem reconhecidas por condições econômicas e fichas limpas, ou seja, uma relação de intersubjetividade, como bem diz Merleau-Ponty (1991), essa relação se dá a partir do nosso corpo, o corpo é então um eu

¹⁰ Como bem citou o aluno a música pertence a Rodolfo Martins Costa, 23 anos, conhecido como Mc Rodolfinho, nascido em Osasco – Sp. O MC de Funk ostentação, tem a difusão da sua carreira no final dos anos 2000. A música “Vai Brasil” é do próprio cantor, sendo uma crítica ao sistema atual e uma forma de mostrar que o país tem esperança e é capaz de vencer obstáculos.

natural, além disso, o lugar se apresenta como vivenciado pelos seus habitantes, o lugar, portanto, é constituído a partir da experiência que temos dele.

Um segundo relato da história de vida e da percepção do Brasil é feito pela aluna “B” da quinta fase E.

Tenho 18 anos e vou falar um pouco de mim. Moro com meus pais tenho duas irmãs que são tudo para mim, na verdade a minha família é tudo para mim, eu me considero uma pessoa muito família gosto de tá sempre presente em tudo, moro em Manaus há 15 anos já viajei para Porto Velho (RO) e passei uns sete meses lá, mas por ser um pouco diferente da minha terrinha, senti muita saudade de Manaus e voltei.

Bem todos os dias acordo bem tarde não vou negar odeio acordar cedo. Quando acordo faço meus deveres de casa, e não gosto de tá na rua, por ter sido tão assaltada já tenho trauma. Mas ainda assim gosto da zona leste e já morei em muitos bairros aqui.

Não me considero uma pessoa de muitos amigos, pois sou muito enjoada e tenho uma personalidade muito forte. Tenho muita vontade de conhecer outros países, viajar para fora do Brasil é um sonho de verdade, além de ter vontade de ser pediatra, mas sei que pra isso tenho que estudar mais.

Quando penso no Brasil várias músicas vem na minha cabeça uma delas é de Renato Russo com o nome: que “País é Este?”¹¹ Outra música pra mim, e símbolo do nosso país é o Hino Nacional, essa faz eu ver o Brasil gigante pela

¹¹ A música: que País é Este? é uma das canções da banda de rock brasileira conhecida como Legião Urbana,. A música citada pela aluna foi escrita por Renato Russo em 1978, quando o mesmo ainda pertencia à banda Aborto Elétrico. Porém, ela só foi lançada com o álbum do Legião urbana "*Que País É Este*", de 1987, no mesmo ano, foi uma das mais tocadas, além de ser considerada uma das mais bem politizadas do nosso país, sendo também uma das primeiras canções importantes do rock brasileiro (LEGIÃO URBANA, 1990).

própria natureza, és belo és forte, impávido colosso, e o seu futuro espelha essa grandeza. Essas palavras fizeram parte da minha vida, faz lembrar a minha infância quando cantava o hino do Brasil, faz também lembrar as copas do mundo que assisti com minha família. Infelizmente a história que hoje conto do Brasil e percebo como jovem, é de pessoas em filas de hospitais em busca de exames, crianças que deveriam estudar e estão trabalhando, pequenos agricultores e índios lutando por terra, crianças sofrendo abusos sexuais. Sei que meu país tem coisas boas, mas hoje penso. O que será do futuro da nossa nação, que país é esse? (Aluna “B” - Quinta Fase E – Equivalente ao Oitavo e Nonos ano de Ensino Fundamental)

A aluna “B” retrata um país que considera vivenciado e percebido por ela, com problemas sociais e falta de assistência aos necessitados, fez isso citando duas músicas, como consta em sua história de vida, sendo a primeira a canção de Renato Russo, com o nome que País é Este?. Lembramos que mesmo a música tendo trinta anos de existência, foi resgatada pela aluna, que mostrou um conhecimento além do retratado no livro didático, com percepções a partir das músicas citadas, expressando uma crítica ao Brasil como sendo seu lugar, mas um apego maior quando pensa neste lugar, como sua terrinha, percebendo que o Hino Nacional Brasileiro, explica sua relação e apego com seu pedaço de chão, como destaca Nogueira, ao explicar o apego ao lugar:

Todo ambiente é único para cada indivíduo, pois cada um além do interesse coletivo adquirido socialmente traz muito presente seu ponto de vista pessoal, suas próprias percepções, que são construídas a partir de sua relação com aquele lugar, relação esta que é resultado de sua história e experiência individual (2014, p.74).

Assim, mesmo impactada em um primeiro momento com os modos como os alunos descrevem o Brasil, consideramos relevante os aspectos cotidianos, a abordagem do lugar de vivência e suas experiências, entendemos que o lugar eivado de valor, influencia e é influenciado pelo modo de vida das pessoas que o percebem. “A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo” (TUAN, 2012, p. 30). A

percepção do lugar os torna mais, ou menos, agradáveis, suscetíveis de sentimentos de afeto ou aversão, o que nos levaria à ideia de existência de uma topofobia, como antônimo de topofilia.

Entendemos que cada aluno tem uma essência no modo de ver e perceber seu lugar na escala Brasil, daí a importância do estudo do lugar e da descrição desses a partir do vivenciado. Buscando os sujeitos dessa pesquisa indicar a música enquanto objeto de representações e essências, como descreve Dartigues (2008, p.20) Sem dúvida há uma essência de cada objeto que percebemos e das qualidades que atribuímos a estes objetos. O sentido da essência de cada aluno apresenta-nos capaz de revelar um campo psicológico rico, pois é dotado de sentimentos, representações e, portanto de subjetividades.

A aluna “C” ao retratar sua história de vida e o Brasil, começa destacando seu sofrimento para concluir o ensino fundamental, até chegar a cursar a quinta fase, logo após nos apresenta o Brasil a partir de suas experiências com a disciplina de Geografia.

Bom eu passei por tantos conflitos, perdas, impedimentos, e muitas humilhações.

Eu era uma adolescente dedicada e muito prestativa com os meus estudos quando era mais jovem. Mais um dia eu conheci um jovem rapaz que ia mudar o rumo do meu destino para pior.

Quando menos esperava já estava morando com ele sabe aonde? Na casa da mãe dele. Assim os anos foram se passando e eu queria tanto terminar meus estudos e me formar em uma faculdade, mas esse jovem rapaz me impediu de voltar a estudar, me ameaçava na porta da escola, foi aí que eu parei de estudar para evitar uma morte.

Os anos se passaram e a vontade de ir a escola era tão grande que eu fiquei deprimida. Chorava todo dia e toda noite eu não sentia mais vontade de comer, ficava pensando por que isso estava acontecendo comigo. Todo dia era uma humilhação atrás da outra. Fiquei grávida aos 19 anos foi

dai que vi que realmente precisava estudar, pra da um futuro melhor a milha filha.

Certo dia vieram na porta da minha sogra umas moças do projeto Brasil Alfabetizado, perguntando se alguém queria voltar a estudar. Tomei coragem e fiz a matricula, meu marido ficou muito agressivo, fui a delegacia e fiz um boletim de ocorrência e disse que ele não deixava eu estudar.

Hoje aos 49 sou mãe de 5 filhos, estou com uma pessoa que me apoia e deixa eu estudar, sempre oriento meus filhos da importância dos estudos, meus dois filhos homens mais velhos estão trabalhando. Minha primeira filha não tem a cabeça do pai, ela gosta de estudar e estar fazendo técnico de enfermeira.

Agora vou falar um pouco o que sei do Brasil, gosto muito das aulas de Geografia e quando penso no Brasil, penso logo em tudo que já estudei e percebo do meu país. Bem o Brasil é um país com cinco regiões eu moro na Norte. A população é toda misturada, o professor falou que essa mistura tem haver com a relação de índios, negros europeus que chegaram aqui. Pensando bem na minha família por parte de mãe, tem vários tipos de raça. Tenho uma prima que é branca com olhos verdes, outro que é negão eu que sou índia e minha mãe que tem a pele amarela. Vejo que o Brasil é isso, um país bem grande com várias misturas de pessoas. A música que faz pensar em tudo que falei é “Miscigenação¹²” do Boi Garantido. Minha filha mais velha gosta muito do garantido tem quase todas as músicas. (*Aluna “C” - Quinta Fase F – Equivalente ao Oitavo e Nono ano de Ensino Fundamental*).

¹² A música miscigenação citada pela aluna “C” é de 2011 com Composição de Arisson Mendonça e Eneas Dias, pertencente a equipe de produtores do Boi Garantido. Ainda no Ano de 2011, a equipe do boi, adotou a música como, tema para apresentação no Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas. Braga (2002) aponta que Miscigenação, foi a toada mais executada em 2011.

Ao considerar na pesquisa as pessoas dos lugares e não apenas o lugar sem as pessoas. Concordamos com Pereira (2010, p.8) que considera ser:

Fato e notório que a experiência de vida deve fazer parte das análises espaciais e não poderia ser diferente na Geografia. O geógrafo não deve apenas estudar os aspectos puramente econômicos para compreender a organização espacial de qualquer grupo social, como se a economia existisse por si só, como se ela não fosse criada também pelo próprio ser humano. É claro que não podemos negar as influências da economia ou da política na vida das pessoas, mas esse não é um fator único. Há elementos da sociedade que não podem ser compreendidos apenas a partir desse ponto de vista. O pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção e por isso dá uma falsa noção de realidade.

A aluna “C” nos mostrou um Brasil sentido por ela, a partir das etnias, fazendo uma comparação com sua família, que ver como sendo formada por pessoas de várias cores, jeitos e características físicas. A palavra etnia, usada pela estudante vem do grego *ethnos*, que significa povo. O conceito é empregado para representar as diversas raças. As etnias se diferenciam principalmente por aspectos físicos, culturais, linguísticos e religiosos. Brasil (2015) destaca isso colocando que na formação de nossa população, foram diversos os povos que compuseram nossa matriz: sendo indígenas, de diversas etnias, portugueses, negros (vindos de várias regiões do continente africano, especialmente Costa do Marfim e Angola), Espanhóis, judeus, alemães, italianos, árabes e japoneses. Nosso país, portanto é mundialmente conhecido pela mistura de diversas etnias criando um rico caldeirão cultural, também sentido pela aluna, como explicado em sua história. A próxima história e relato do Brasil é do aluno “D” da quarta fase B.

Eu nasci no município de Codajás mais conhecido como terra do açaí. O nome da minha mãe é Raimunda e o nome do meu pai é Deolindo. Tenho 62 anos e hoje não trabalho mais, por problemas de saúde.

Eu vivi minha infância lá e me diverti muito. Bem um fato que eu considero importante foi quando eu ganhei um torneio de futebol no pênalti, foi muito legal pra minha comunidade, porque o prêmio era um garoto. O segundo fato importante e triste na minha vida foi quando sai do meu lugar. Eu queria uma vida melhor, aprendi a dirigir e virei

caminhoneiro, tive a sorte de conhecer alguns lugares e estados diferentes pelo Brasil, percebi que a cultura é diferente da nossa, as músicas, as comidas e até as mulheres é uma mais linda que a outra. Fiz muitos amigos por todo o Brasil e tenho até hoje a seguinte música na minha cabeça, “Esse é meu Brasil¹³!” de Sergio Reis, não existe música melhor pra expressar meus sentimentos do meu Brasilão. Então é isso o Brasil pra mim é um país que tem sim problema como muitos outros, mas acima de tudo tem grande diversidade de pessoas e muita beleza natural. *(Aluno “D” - Quarta Fase B – Equivalente ao sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental.*

As histórias de vida e os relatos dos alunos sobre o Brasil descrevem bem seus comportamentos em relação ao mundo real a partir de análises subjetivas do lugar vivido em uma escala Brasil. Dardel (2011) ressalta que a percepção não se dá na relação, mas na inter-relação, pois homem e mundo não existem separadamente.

Para Lowenthal (1982 apud Nogueira 2014,) em qualquer sociedade, os indivíduos com embasamentos culturais semelhantes que falam a mesma língua, ainda assim, percebem e compreendem diferentemente o mundo, ou seja, a superfície da terra é modelada, pela refração através de lentes culturais.

Outra história de vida e percepção do Brasil que nos foi descrita é da aluna “E” da quarta fase F. A mesma cita a música de Guilherme Arantes, com o nome: “Planeta Água”, do ano de 1981, sendo uma das músicas mais tocada deste ano e ainda lembrada nos dias atuais, como forma de representar nosso planeta água. Como bem cita a Aluna em sua história de vida.

Eu nasci em 1971, pra ser clara foi no dia 12 de agosto daquele ano, no interior do Amazonas em um lugar chamado Jandira. Minha infância foi muito boa, meus pais sempre me trataram com muito amor. Quando eu sai de lá

¹³ A Música Esse é Meu Brasil! é de 1990 de autoria do cantor e compositor Sertanejo Sérgio Reis, nascido em São Paulo em 1940. Dando início a sua carreira na Jovem Guarda.

eu tinha 12 anos de idade, meus pais e eu nos mudamos para Manacapuru, onde eu comecei a dar trabalho para meus pais, fiquei rebelde e não dava ouvidos para nada.

Quando eu tinha 17 anos eu tive minha primeira filha aí que comecei a dar mais valor pra minha mãe. Devido à necessidade de vim para Manaus pra trabalhar em casa de família pra poder sustentar eu e minha filha pequena. Parei meus estudos de uma vez.

Depois de muito sofrimento uma coisa boa aconteceu na minha vida, encontrei um homem maravilhoso que aceitou eu com uma filha pequena, estamos juntos há 27 anos e tivemos mais 4 filhos. Sobre o meu país o Brasil, eu amo, vejo que é cheio de riquezas naturais, onde eu nasci também tinha muita beleza natural e paisagens. Mas o que mais me chama atenção é o fato de ser o país das águas, o professor sempre explica que temos no nosso país muitos rios que fazem partes de bacias hidrográficas, e o que é melhor aqui no nosso estado tem a maior bacia do mundo, eu lembro muito de Jandira do meu lugar, mas lembro principalmente das minhas brincadeiras no rio Jandira, banhado pelo Solimões. A música escolhida que lembra meu país e meu lugarzinho é “Planeta Água¹⁴”. Nosso lugar é abençoado por termos muita água doce e salgada também. (Aluna “E” - Quarta Fase F – Equivalente ao sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental)

Em relatos de vidas dos alunos observa-se que muitos detêm um amplo acervo de conhecimento e habilidades, em geral adquiridos de modo informal por sua experiência de vida acumulada na família, na comunidade ou no trabalho. Em termos

¹⁴ A música citada pela aluna é de Guilherme Arantes, considerada uma canção lançada em 1981. Cita Andrio (2018) que foi uma das finalistas do Festival MPB Shell do mesmo ano, tendo acabado em 2º lugar. Alcançou o *top 10* nas paradas brasileiras, sendo uma das canções mais lembradas do público, ao se tratar de preservação das águas.

culturais analisamos que são pessoas que se diferem em relação ao lugar de origem, faixa etária, à experiência escolar e o tipo de trabalho que exercem. Os motivos relatados por alguns alunos que os fizeram voltar à escola são muitos, destacando: a satisfação realizada na necessidade e capacidade de ler, como por exemplo: placas de ônibus, mensagem de texto, livros, expor suas ideias, muitos em conversas formais disseram que retornaram aos estudos principalmente pela necessidade pessoal de qualificação e reconhecimento no atual mercado de trabalho, além disso, percebemos que os alunos percebem o Brasil enquanto seu espaço e o vão delimitando a medida que descrevem e não conseguem deixar de falar do seu lugar nesse espaço, fazendo associação com a música. Oliveira (2013, p. 92) lembra que “Espaço e lugar são essencialmente, inseparáveis e permeiam nossas percepções, nossas atitudes e nossos valores de visão de mundo”. Eis, portanto, o sentido espacial de lugar.

Para Nogueira (2014, p. 67) “a relação entre lugar e espaço é construída dialeticamente”. A mesma autora salienta que “não queremos aqui pensar o espaço como algo diferente do lugar” (2014, p. 73), pois a medida que passa a ser conhecido, deixa de ser espaço e transformasse em lugar, e em todas as história de vida dos discentes os mesmo conhecem o Brasil como seu espaço, mas sua relação com esse e modo de descrição nos permite ver o país como lugar base de apoio. A descrição da aluna “F”, quinta fase B é mais uma forma de mostrar que o país é experienciado a partir de quem nele habita e constrói relações.

Sou nascida em Manaus e tenho 37 anos. Sou filha de Pernambucano com uma amazonense. Moro no bairro Val Paraíso há 20 anos, e casada há 22 mãe de um casal de filhos lindos. No momento a minha profissão é ser mãe, esposa e dona do lar é algo que eu amo fazer. Acredito que é de grande importância a presença da mãe na vida dos filhos, principalmente na infância e na adolescência momento que mais precisam de alguém pra conversar e tirar as suas dúvidas, e ninguém melhor que os pais para essa função. Porém apesar de amar a minha família eu não posso esquecer que eu preciso cuidar de mim também, e por essa razão voltei a estudar há três anos, estou no último ano do ensino fundamental, e no ano de 2018 vou fazer o ensino

médio, olha só que maravilha! Isso para mim já é uma grande vitória. Quanto ao Brasil considero este o meu lugar, e vou descrever um pouco sobre essa nação multicultural cheias de encantos e tristezas, pelo registrado na história, nosso país foi descoberto por Pedro Alvares Cabral, em 1500, seus primeiros habitantes eram indígenas que viviam da caça, da pesca e da retirada de natureza, os portugueses descobriram que nosso país tinha muitas riquezas e começaram a usar os índios como mão de obra na retirada dessa riqueza. A conclusão é que muitos índios foram mortos. E hoje depois de muito tempo ainda continuamos sendo roupadados como se vivêssemos naquela época, nosso país é belo e rico, tem muitos pontos turísticos, muita água doce, mas estar se destruindo não respeitando a natureza e nem os recursos do solo e não sabendo votar. A música que pra mim representa o Brasil e toda a sua diferença é “Brasis¹⁵” do cantor Seu Jorge. (Aluna “F” - Quinta Fase B – Equivalente oitavo e nono anos do Ensino Fundamental).

A descrição da aluna “F” nos remete a um Brasil com divisões, que teve início ainda no processo de colonização, em que os índios, povos nativos do Brasil foram dizimados pela cobiça e sede ao ouro dos Europeus. Como a aluna disserta mesmo se passando muito tempo, o país continua com diferenças, nos aspectos culturais, políticos e sociais. Sendo assim, a transcrição feita releva não só o estudado nas aulas de história, geografia, e outras disciplinas, ficando destacado que a discente como sujeito ativo concorda discorda e tem sua própria opinião a partir do espaço e tempo a sua volta. A música escolhida pela estudante remete ao cenário brasileiro, para que possamos enxergar um mundo diferente, mas infelizmente real, onde pouco tem muito e muitos tem pouco, ou seja, um país rico com dominantes que não apresentam

¹⁵ A música “Brasis” é do ano de 2005 e interpretada e cantada pelo músico Seu Jorge, e de composição de Fernandinho e Guará. Seu Jorge é conhecido por ser ator, cantor, compositor e multi-instrumentista brasileiro de MPB e samba. As variadas profissões nunca ofuscaram o seu verdadeiro desejo de se tornar músico. Sons do Brasil (2018) coloca que desde adolescente Jorge Mário da Silva (Seu Jorge), frequentava as rodas de samba carioca na companhia de seu pai e os irmãos em bailes funks e bailes charmes da periferia, e cedo começou a se profissionalizar cantando na noite.

senso ético, desgastam e sugam o nosso planeta, e as minorias sociais continuam, servindo como mão de obra barata, com poucas condições básicas de sobrevivência e saúde. Carente de Esgotamento Sanitário, transporte e área de lazer.

A próxima história de vida selecionada neste trabalho é do aluno “G”, pertencente à quarta fase B da escola Themístocles.

Estou cursando a quarta fase (equivalente ao sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental). Nasci no município de Maués no interior do Amazonas e minha história começa quando eu me entendo por gente.

Morei em Maués até os sete anos e depois fui para o município de Parintins, lá comecei a estudar até a segunda série, pois tivemos que vim para Manaus, com 10 anos morrei no bairro da Alvorada voltei a estudar e fui até a quarta serie, parei meus estudos, pois nos mudamos novamente. Aos 14 anos comecei a trabalhar pra ajudar em casa, por que meu pai estava desempregado, fui trabalhar no porto da Manaus Moderna, como carregador, o cheiro do lixo era o que mais incomodava. Servi ao exercito aos 19 anos até os 22, nesse tempo em uma missão conheci minha Alma gêmea, tivemos o nosso primeiro filho. Sai do quartel, pois não tinha estudo suficiente, fui trabalhar como vendedor na Ceasa de Manaus, próxima ao distrito. Hoje depois de 20 anos voltei a estudar e acredito ser o estudo o melhor caminho pra minha vida. Quanto ao meu país entendo que existe hoje uma dualidade de um lado pouca quantidades de recursos naturais que ainda nos restam, do outro a retirada desses recursos para a construção das cidades, divididas entre os que têm o maior e o menor poder aquisitivo com condomínios e favelas. Como é o caso da favela de Paraisópolis em São Paulo. Tenho na mente a seguinte frase: brasileiro nunca desiste e assim o nosso país persiste. Sendo a música que melhor representa o Brasil pra mim a do cantor João Alexandre com o nome: “Pra Cima

*Brasil*¹⁶". (Aluno "G" - Quarta Fase B – Equivalente ao sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental).

O aluno "G", pelo demonstrado em sua história de vida, percebe um espaço com diferenças sociais, mais que acima de tudo é coberto de esperança pelos brasileiros que continuam persistindo em meio às dualidades sociais tendo fé, em dias melhores.

A próxima história descrita é do aluno "H", quinta fase E, de acordo com esta sua história demonstra que sentiu na pele o poder das diferenças sócias, entendendo ser o estudo o melhor caminho para mudanças na sua vida, nos apresentando a percepção de um Brasil, marcado por um preconceito social com violência nas classes desfavorecidas.

Tenho 23 anos, cinco irmãs duas sobrinhas e uma filha. Meus pais são separados, mas sempre morrei com minha mãe. Bom minha infância foi muito boa brincava como qualquer outra criança, fui crescendo e crescendo e fui trilhando caminhos errados, conheci a droga e comecei a usar, nesse tempo parei logo de estudar não obedecia mais minha mãe e nem respeitava mais ninguém, comecei a fazer várias coisas erradas, até que certo dia eu fui preso, apanhei bastante. Fiquei um tempo preso, e graças a Deus sai. Acredito que é errando que se aprende, larguei as amizades ruins, voltei a estudar e hoje estou cursando o nono ano na escola Themístocles Gadelha. Estou trabalhando, voltei a fazer o que é certo porque se continuasse na vida que eu estava só tinha dois caminhos que todo mundo sabe. Hoje pretendo terminar os meus estudos e focar no meu interesse. Pelo que conheço do meu país vejo que o Brasil tem seus altos e baixos, tem suas qualidades, mais também tem seus defeitos, vejo que sua maior qualidade é ser um país

¹⁶ A música pertence ao cantor de música Evangélica brasileira João Alexandre, além de arranjador e produtor. Ferreira (2018) ressalva que o cantor é ex-integrante do Milad e participou de gravações com vários músicos. *Pra Cima Brasil!* Também foi tema do quinto álbum de estúdio do grupo Milad, lançado em 1990, mas João Alexandre mesmo cantando a música já não fazia mais parte do grupo, pois resolveu seguir carreira solo.

acolhedor e solidário recebendo vários imigrantes venezuelanos e haitianos, seu maior defeito senti na pele, que é ser um país que sofre com problemas sociais, como a violência, o racismo, alto índices de homicídios, e a falta de emprego e oportunidades aos mais necessitados, facilitando a entrada em coisas ruins da vida. A música que pra mim classifica parte do que vivi no meu país é: Mc Pereira, com o nome “*Rap da violência*”¹⁷. (Aluno “H” - Quinta Fase E – Equivalente ao oitavo e nono anos do Ensino Fundamental).

Na história seguinte do aluno “I” temos a descrição de um país de esperança, rico em recursos naturais, com grande extensão territorial, cada região tem a sua beleza, povo acolhedor, mas em alguns aspectos é marcado por desigualdades, preconceito e agressão a mulher. Ainda assim, mesmo com aspectos negativos as qualidades brasileiras superam os problemas existentes. A história de vida do aluno “I” da quinta fase B, apresenta vários obstáculos para chegar a ser finalista do Ensino Fundamental.

Minha vida era ótima não tinha tristeza era tudo de bom uma família unida, em 2008 meu pai se foi morar com Deus. Minha família ficou sem razão para seguir em frente, minha mãe não teve mais força pra trabalhar, minha família já estava passando fome e eu fui para a rua pedir alimentos, não sentia mais vontade de ir à escola nem meus irmãos. Ficávamos em casa só brigando, até que um dia sonhei com meu pai e conversei com meus irmãos para seguirmos em frente, começamos então a trabalhar, minha mãe também melhorou e arrumou um trabalho. Fiquei oito anos parado sem estudar. Há dois anos retornei e hoje estou quase finalizando o ensino fundamental. Minha família estar bem, sentimos falta do meu pai, mas sabemos que foi a vontade de Deus. Sobre o meu país vejo que como território mesmo

¹⁷ A música citada pelo aluno H é do Mc Pereira do ano de 1996. O cantor e compositor é conhecido por ser um dos cantores de Funk do Brasil, os temas e as letras de suas músicas em sua maioria criticam o atual sistema que vivemos. Conhecido por estar no ritmo do “Funk consciente” com letras que alertam a sociedade.

com tantas mazelas suas qualidades tendem a cobrir os defeitos. Todavia acredito que nada é perfeito, portanto temos em nosso país infelizmente desigualdades, fome, dor, miséria e a morte. A música que gosto e que pra mim vem trazendo um pouco do que sinto é: “Desabafo¹⁸” do cantor: Marcelo D2. (Aluno “I” - Quinta Fase B – Equivalente ao oitavo e nono anos do Ensino Fundamental).

Os alunos em suas histórias de vida e modos de percepções mostraram sua vivência e aproximação com o Brasil, além do mais, não pouparam críticas e elogios ao seu lugar, conforme sua relação com este, como explica Kozel e Nogueira (1999), cada indivíduo estabelece com o seu espaço relações de natureza topofilicas ou sentimental, portanto a geografia ligada a fenomenologia considera as imagens e percepções que os alunos constrói com cada um dos espaços a sua volta.

A aluna “J” da quarta fase F também ver o Brasil como sendo o seu lugar uma relação de apego e admiração, onde mesmo sabendo dos problemas sócias enfrentados em meio as desigualdade, consegue ver as cores da bandeira e o país gigante com lugares admirados e exaltados pela aluna.

Olá! tenho 20 anos e nasci na cidade de Pau dos Ferros – RN, mas só fiz nascer no hospital de lá mesmo, porque me criei no município de Riacho da Cruz – RN e morei lá até completar meus 5 anos, pois meus pais se separaram e minha mãe veio morar em Natal – RN com o meu ex padrasto “pai Moacir”. Minha mãe tem dois filhos eu e meu irmão Eduardo, filhos do mesmo pai, já meu pai tem oitos filhos cada um de uma mãe diferente, mas mesmo assim é um ótimo pai e ajuda como pode. Ele continua

¹⁸ A letra da música é do ano de 2008, no mesmo ano foi uma das mais tocadas e fez parte do álbum: A Arte do Barulho, do rapper Marcelo D2 em sua bibliografia disponível em Som13 (2018), encontramos que o Rap surgiu na música brasileira em 1995, com o disco de estreia do Planet Hemp, "Usuário". Uma estreia que mostrou pela primeira vez as virtudes de um autêntico hip hop. O som era pesado, cercado de brasilidade, carioquice e com letras que discutiam a discriminação da maconha e a liberdade de expressão. a letra da música “Desabafo” é de Ronaldo Monteiro de Souza e Ivan Lins, ambos conhecidos por serem compositores brasileiros.

morando no Riacho da Cruz que pra mim é o melhor lugar do mundo, lá não tem shopping nem praia e nem pontos turísticos, lá é aquela cidadezinha pacata onde todo mundo conhece todo mundo, onde se pode anda de celular na mão que não tem perigo, uma cidade muito boa de viver. O ano passado de 2016 aconteceu muitas coisas, minha mãe veio morar em Manaus, eu fui embora de Natal para a minha cidadezinha e eu morei lá ainda 6 meses já tinha 19 anos e um pouquinho e fui morar com meu namorado, mas tive que vim para Manaus, não estar sendo fácil morar aqui eu ainda não me acostumei estou com saudade da família, dos amigos e principalmente do meu lugarzinho no pedacinho do Brasil.

Quando penso no meu país sinto que não posso escrever coisas absurdas sobre o Brasil, pois para mim não é apenas o meu país, mais sim meu lar, e onde eu moro e vivo, todos os lares tem seus defeitos e belezas. Pode não parecer, mas o Brasil não é tão velho, ele ainda estar crescendo e aprendendo como todos nós, a cada dia evoluímos. Quem nunca ralou seu próprio joelho? Assim é nosso país, ele pode até cair as vezes, mas sempre ele levanta e continua. Nas famílias com certeza tem aqueles parentes chatos que vive aprontando, assim também é o Brasil como uma grande família, onde tem pessoas ruins. Em nossas famílias também temos dias alegres comemoramos festas, aniversários etc. O Brasil pode não parecer mas ele também tem seus dias bons, ele tem uma beleza de da inveja a outros países, acredito que se ele não fosse bom não teria pessoas de outros países visitando e também ficando de vez. Bom é isso estamos construindo aos poucos para que o próximo dia seja sempre melhor, por isso a primeira música que me vem a minha cabeça e não podia na minha opinião ser diferentes é

“Quatro Cores¹⁹” da Banda Catedral, essa música alias é a cara do meu país que é forte, tem muitos estados com culturas e belezas únicas e não deixa mesmo em meio a sofrimentos de continuar lutando e buscando progresso. ”.
(Aluna “J” - *Quarta Fase F – Equivalente ao sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental*).

Os alunos revelaram até aqui para além de um Brasil Vivido, sentido e percebido em forma de canção, pois em suas histórias de vida sentimos que para cada discentes a música realmente fez e faz parte da relação do seu eu com o seu lugar. Sendo assim, o Brasil foi representado por cada discente conforme seu mundo da vida, mesmo o assunto debatido pelo professor, sendo focada em conteúdos sobre natureza, população, espaço agrário, espaço urbano-industrial e de circulação, foi por meio do sentido e percebido por parte dos alunos, que as diferentes percepções do Brasil surgiram, nos mostrando um país em diferentes canções, como sendo, belo, gigante, com vários estados, solidário, preconceituoso, violento, desigual, mas acima de tudo, respeitado e amado, por cada estudante que o considerou como seu lugar, representando isso, em suas histórias de vida e em nos mapas mentais ao longo do capítulo três, no qual será apresentado os mapas mentais e as relações de intersubjetividade versus as músicas citadas em suas histórias de vida. Lembramos que na representação do espaço, os mapas cartográficos diferem dos mapas mentais. Segundo Lencioni (2003), os mapas cartográficos fazem uma representação objetiva do espaço, enquanto os mapas mentais fazem uma representação subjetiva a partir da percepção que o homem elabora as imagens sobre esse espaço, assim, o espaço vivido passa a ser construído através da percepção e da interpretação dos indivíduos, revelando as praticas sociais. Com mostraremos a partir do construindo pelos discentes no capítulo três.

¹⁹ A música “quatro Cores” é da banda catedral, lançada em 2004, dentro do gênero gospel cristã. Bin (2018) destaca que na década de 1990 foi a banda de rock cristão mais notável no Brasil, despontando no cenário religioso junto a outros grupos como: Oficina G3. A música citada pela aluna, é de composição da banda e cantada na voz de Joaquim César Motta (Kim) que faz voz e guitarra base.

CAPÍTULO III

A MÚSICA COMO REPRESENTAÇÃO DA GEOGRAFICIDADE: O BRASIL NOS MAPAS MENTAIS DOS ALUNOS DA EJA – MANAUS/AM

3.1 Os Mapas Mentais na Geografia

Os estudos sobre mapas mentais surgiram a partir de 1960, com a consolidação da Geografia da Percepção e Comportamento. Estébanez lembra (1980, p. 17), que “os mapas mentais assumiram posturas com validade questionável indo do idealismo ao subjetivismo fenomenológico até posturas marxistas”. Mas, apesar de muitas críticas, os mapas mentais contribuíram para a consolidação dessa tendência comportamental, sendo uma ferramenta importante no estudo sobre território, pois são imagens espaciais que as pessoas têm direta ou indiretamente do espaço onde vivem ou por onde já passaram. As representações mostradas através dos mapas mentais podem ser de vivência do dia a dia, como por exemplo, os lugares construídos no presente ou no passado, de localidades espaciais distantes ou ainda de acontecimentos sociais, culturais e econômicos, revelando desta maneira como o lugar é vivido e compreendido pelos sujeitos. Como foi o caso dos mapas mentais dos alunos da Eja, onde representaram o Brasil a partir da música em diferentes perspectivas e projeções, indo de um país com belezas naturais até um lugar visto por alguns como cenário de uma crise com desigualdades sociais e indiferenças.

Muitos estudiosos trazem diferentes definições em torno dos mapas mentais. Cartas mentais, mapas cognitivos, desenhos mentais são algumas das denominações trazidas em tais estudos, mas há de se enfatizar que tais definições e abordagens muitas vezes dialogam entre si de modo a se complementarem.

As ideias dos alunos condizem com Galvão e Kozel (2008), sendo os mapas mentais protagonistas da ciência geográfica. Porém, esses, conforme os autores vão além do entendimento do mundo e do humano no mundo.

Entendemos os Mapas mentais como uma ferramenta de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado (GALVÃO e KOZEL, 2008 p. 38).

O mapa mental é uma forma de linguagem, que refletem valores, atitudes e vivências, cujos signos utilizados são construções sociais. Eles reportam as

representações dos indivíduos em relação ao espaço geográfico. Assim sendo, “revelam a ideia que as pessoas têm de mundo e assim vão além da percepção individual, refletindo uma construção social” (Kozel, 2007, p.117), como se observa abaixo (figura 2) em uma síntese das abordagens envolvidas com a construção da ideia do mapa mental, feita por Malanski (2013).

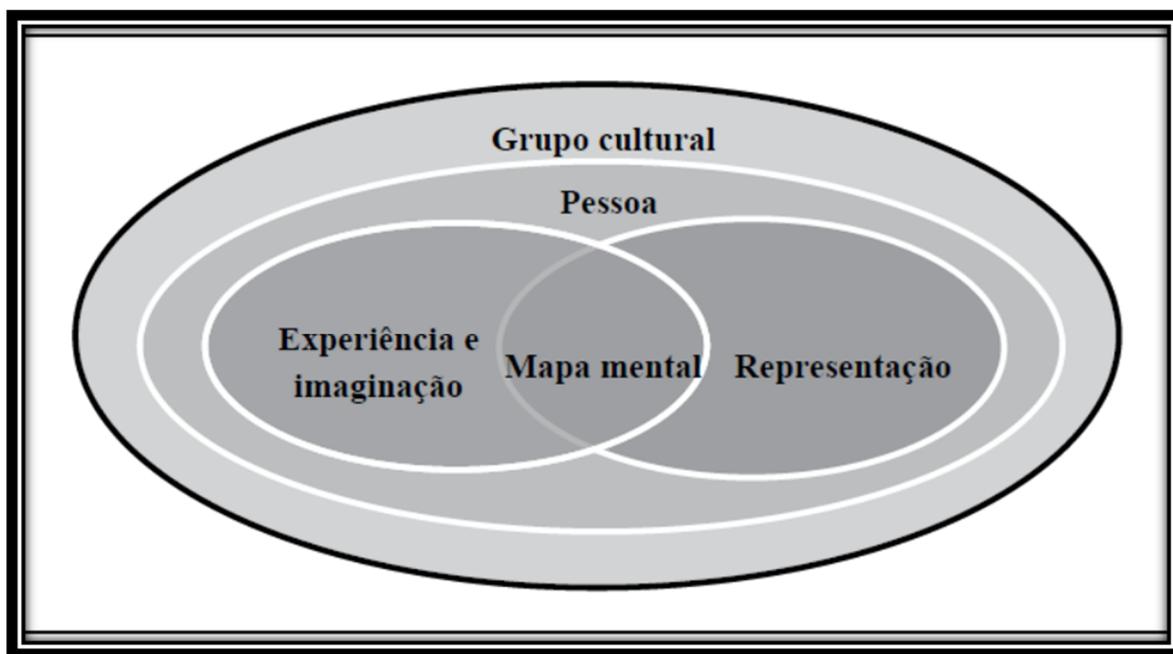


Figura 2: Interseção na Criação do Mapa Mental
Fonte: Malanski (2013).

Entendemos a partir das proposições de Malanski (2013) que o mapa mental é a formação do conjunto de conhecimento atrelado ao vivido da pessoa/sujeito, juntamente a sua experiência, podendo a música ser inserida como forma de ativar a imaginação, o que facilita ao estudante a representação do seu vivido. Ou seja, o mapa mental é uma representação oriunda da mente humana, que precisam ser lidas como processos e não como produtos estáticos.

No caso dos elaborados pelos discentes, a forma de linguagem usada foi à música em que partir desses mapas, pôde-se realizar análises acerca da compreensão/percepção dos sujeitos como instrumental de várias pesquisas, e diagnósticos na educação para orientar futuros procedimentos pedagógicos. É importante destacar como enfatiza Nogueira (2014), que esses mapas estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares

imaginários, mas são construídos por sujeitos históricos reais, reproduzindo lugares reais vividos, produzidos e construídos materialmente

Em sua tese Nogueira (2014, p. 93), diz que, no campo das contribuições teóricas, alguns pesquisadores duvidam do fato de existir em todos os homens uma representação mental que culmine na construção dos Mapas Mentais. A principal crítica veio de Tuan, ao insistir que os Mapas Mentais são construções imaginárias do mundo real. Essas críticas foram contra argumentadas por Gould, Lynch, André, Baily e Nogueira, que em suas investigações demonstram que os Mapas Mentais são representações simbólicas do real e não só do imaginário. As formas imaginárias são mais um elemento a serem interpretados e respeitados na construção dos Mapas Mentais. O lugar se apresenta tal como ele é, com sua forma, histórias concretas, simbólicas, cujo imaginário é reconhecido como uma forma de apreensão do lugar.

Para Costella (2008) o mapa mental representa o processo de desenvolvimento da percepção de um indivíduo sobre uma paisagem real que a partir de vários fatores internos e externos resulta na construção do comportamento que este indivíduo tem sobre esta paisagem.

Dentro desse contexto, Oliveira (2002, p.39), argumenta que “o mapa exerce”. a função de tornar visíveis pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade, quanto sobre o mundo da imaginação”. Esses mapas são representações espaciais oriundas da mente humana, que precisou ser lida como mapeamentos e não como produtos estáticos. Kozel Teixeira e Nogueira, (1999, p. 59) enfatizam portanto, que ao estudar os mapas mentais das pessoas, não se podem impor categorias acadêmicas e artísticas, mas devemos interpretá-los como uma forma de comunicação.

No próximo item antes de expor as músicas/canções apresentadas por alunos da Eja, sentiu-se neste trabalho a necessidade de explicar se há diferença entre música e canção. Já que os trabalhos, voltados para a área da Geografia Humanista e Cultural, utilizam com mais intensidade o termo música como sinônimo de canção.

3.2 Entre Música e Canção: Uma proporcionalidade na Geografia

Com a necessidade de entender as diferentes manifestações usadas pelos alunos na produção dos mapas mentais, tendo como base músicas, como costumeiramente assim a chamamos na geografia, eis aqui um diálogo surgido na qualificação, colocando em nossa mente a inquietude em buscar a diferença ou não, entre música e canção nos

estudos geográficos, ou seja, música e canção são sinônimas? ou antônimas? Pois bem, em um primeiro momento após pesquisas realizadas entendemos que canção com variações traz sentido da letra em si, enquanto a música trás os sons, ritmo e melodia, acendendo em cada sujeito a relação com o seu eu e o mundo, variando de acordo com o gênero musical²⁰, considerado por Leonido (2008) uma categoria que reúne músicas de características estruturais, com a união de letras, sons e ritmos, além do mais, desde a idade média a canção é forma musical das mais antigas.

Para Aristóteles não havia diferença entre poesia e canto, já que o meio de reprodução daquela se fazia através deste (LIMA, 2010). Não havendo, portanto diferença entre música e canção, já que uma é completude da outra.

Como todas as formas musicais representadas pelos alunos nos itens anteriores como forma de percepção do Brasil, estão ligadas a nacionalidade brasileira e a cantores conhecidos popularmente entre as comunidades jovens e adultas, entendemos que a canção/música a nível nacional alçou voo e atingiu um patamar elevado tomando um "lugar" privilegiado de prática artística. Mas apesar da sua relevância carece de um método que seja capaz de examiná-la adequadamente (LEONIDO 2008). Não se trata de levar em consideração a “melodização” adequada da sua “letra”, mas também a relação desta melodia com o arranjo, harmonia, instrumentação, letra etc., ou seja, Marcos Napolitano explica essa inquietude afirmando que chegamos a um ponto em que não podemos mais reproduzir certos vícios como analisar letra separada da música, contexto separado da obra, autor da sociedade e estética da ideologia. Afirma ainda Napolitano (2006, p. 96) que “não podemos esquecer de pensá-las em conjunto e complemento” Objetivamos assim ser a música, parte da canção e vise e versa, onde

²⁰ **Ainda para Leonido (2008) no Brasil os principais gêneros são:** 1) **MPB** - Gênero surgido em 1966 da originou-se na fusão de dois diferentes movimentos musicais: Bossa Nova e o engajamento folclórico dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, tinha como objetivo criar uma música brasileira nacional a partir de estilos tradicionais. 2) **Samba** - É resultante das estruturas musicais europeias e africanas Tem origem nos estilos: Maxixe, lundu, samba, batucada, jongo, modinha e choro. 3) **Forró** Típico da Região Nordeste do Brasil, praticada nas festas juninas e outros eventos. Surgiu no início do século XIX, no Sertão nordestino. 4) **Funk** Originou nos Estados Unidos na segunda metade de 1960, o Funk de origem das favelas brasileiras é diferente do Funk criado nos EUA, pois Surgiu a partir de 1970, com a realização de bailes Black, Soul, Shaft e Funk no Rio de Janeiro. 5) **Axé** - Surgiu no carnaval baiano em 1980, veio da mistura do frevo, ritmos afro-brasileiros, reggae, merengue, forró, maracatu e ritmos afro-latinos; Leva o nome de uma saudação das religiões afro que significa boas energias. 6) **Gospel** no inglês, significa evangelho na nossa língua, Gênero criado para expressar a crença cristã, Teve seu maior desenvolvimento no início do séc. XX nos EUA; e 7) **música eletrônica**- Toda música criada ou modificada através do uso de equipamentos e instrumentos eletrônicos, Inicialmente teve relação estreita com o rock e depois adquiriu autonomia para ser reconhecido como gênero musical independente.

letra e melodia formam uma só sentido dando ao sujeito a capacidade de perceber no mundo e se sentir parte deste.

Portanto esta é a principal capacidade atribuída à música/canção neste trabalho, ou seja, levar o educando a representar a partir da sua percepção musical o lugar Brasil sentido por este enquanto parte de um mundo vivido, cheio de sons, letra, melodia e emoção. Pois como diz Wisnik, “a música em forma de canção ensaia e antecipa transformações que estão se dando, que vão se dar, ou que deveriam se dar, na sociedade.” (Wisnik, 1999, p.13). No próximo item apresentaremos o lugar na escala Brasil visto e percebido por alunos da Eja, a partir de suas canções e mundo vivido.

3.3 As Canções Musicais e as Representações do Lugar Brasil: Os Mapas Mentais dos Alunos da Eja.

Entedemos que as canções musicais apresentaram textos estruturados, poético e temático, ajudando o discente a ressignificar o vivido. Ao longo do desenvolvimento da nossa pesquisa entedemos que a música se transforma em canção na medida que o aluno a usa como forma de linguagem e representação de sentimentos topofilicos ou topofobicos em relação ao seu vivido, muitas canções nos foram apresentadas até mesmo as que nem imaginava existir, mas cada qual com sua forma única de representar o percebido do seu lugar, aqui trabalhado na escala Brasil.

Para Correia (2009, p.56) na prática, a linguagem musical, assentada na emoção e na razão, oferece essa condição, ou seja, funciona como elo entre os mundos _ real e imaginário _ e as pessoas. Esse elo e influência da música é mais poderosa e mais penetrante que a das outras artes, tendo um poder de comunicação que atinge, com maior facilidade, os jovens de modo geral e em particular os grupos, mais adultos, motivos deste trabalho. Nesse sentido, o aluno, sujeito da percepção, por meio de canções pode organizar conteúdos geográficos, pois as varias expressões culturais, constantes nas melodias trousseram detalhes dos elementos da natureza e da sociedade, os quais entedemos que estavam em seu saber a partir do momento de sua percepção. De acordo com Costa (2002), o ensino de Geografia por meio de música, favorece maneiras de representar o saber elaborado pela ligação racional e emocional dos indivíduos e dos grupos humano ao meio ambiente, oferecendo interação natureza-sociedade em seu cotidiano.

Quanto ao Brasil percebemos que como lugar é cantado em versos ou prosas, por meio de textos musicais, sendo seus atributos, sua gênese e desenvolvimento, bem como sua cultura e diversas riquezas ambientais, expressa por meio dos elementos: da natureza, das paisagens, das regiões e dos lugares, possibilidades de fundamental e concreto aprendido em sentido integral e formal, que se concretizam em elementos estéticos de singular beleza.

Também concordamos com as palavras de Schaller (2005) quando diz ser a música objeto de sentimentos e prazer, muito mais como já falamos que um simples conjunto de sons. Ela penetra nossa pele, provoca arrepios de prazer ou nos faz mergulhar em doces lembranças. Algumas melodias não nos tocam, enquanto outras nos atingem diretamente – e podem até mesmo transmitir significados concretos. (Schaller, 2005, 64-9). No quadro dois, abaixo registramos a música do aluno “A”, o mesmo se orientou através desta para produção do mapa mental três. Observamos que as composições não se repetem, mostrando que cada discente mantém com o seu lugar relações subjetivas, que os fazem perceber e sentir o país de várias maneiras. Não poupando por ser seu lugar críticas e elogios. Consequentemente mostradas pelas músicas apresentadas pelos estudantes.

Logo após a música, colocamos o mapa produzido pelo aluno “A” explicitando que ao representar o Brasil como seu lugar visto no mapa mental um, a música que para ele o faz perceber é: “Vai Brasil” do cantor Mc Rodolfinho.

MÚSICA: Vai Brasil

CANTOR: Mc Rodolphinho

ALUNO: A

MAPA MENTAL: 1

Ooooô ah, Ooooô ah Ooooô ah, Ooooô ah

Vai Brasil, levanta sua cabeça Vira essa mesa, vamo acreditar Que o que é nosso por direito e grandeza
É nossa fortaleza e ninguém vai tirar.

Ooooô ah, Ooooô ah Te convido pra dar um rolê mesmo com a crise no nosso país A vontade do menor
de vencer para fazer sua família feliz Quem nunca quis ter um boot da hora, uma roupa da hora, um
cordão de ouro Usufruir de uma casa na praia e uma nave importada é o sonho do povo.

Não venha dizer que não dá, que o nosso destino é viver na pobreza Não quero vender ilusões pro povo
sofrido viver na tristeza Quero acreditar que é possível a gente encontrar o nosso lugar ao sol Pra você
que quer ser MC, uma atriz ou um jogador de futebol.

Ooooô ah, Ooooô ah Ooooô ah, Ooooô ah

Vai Brasil, levanta sua cabeça Vira essa mesa, vamo acreditar Que o que é nosso por direito e grandeza
É nossa fortaleza e ninguém vai tirar.

Ooooô ah, Ooooô ah Ooooô ah, Ooooô ah

E se caso minha vó passar mal sei que no hospital o tratamento é o Sistema governamental de onde eu
sou cria tá metendo o louco Enquanto eles lançam uma mansão gigante com vista pro mar lá em
Maresia Meu pai acorda na disposição pra lutar pelo nosso pão de cada dia Isso que ataca os menor da
quebrada e faz eles meter a "festa" Agora cê tá me entendendo, aonde que nossa revolta começa Tô
tranquilo mandando minha rima pra todas as quebradas do meu Brasil Sei que a palavra se bem
colocada vale muito mais que um tiro de fuzil Praah

Ooooô ah, Ooooô ah Ooooô ah, Ooooô ah Ooooô ah

Vai Brasil, levanta sua cabeça Vira essa mesa, vamo acreditar Que o que é nosso por direito e grandeza
É nossa fortaleza e ninguém vai tirar Ooooô ah, Ooooô ah.

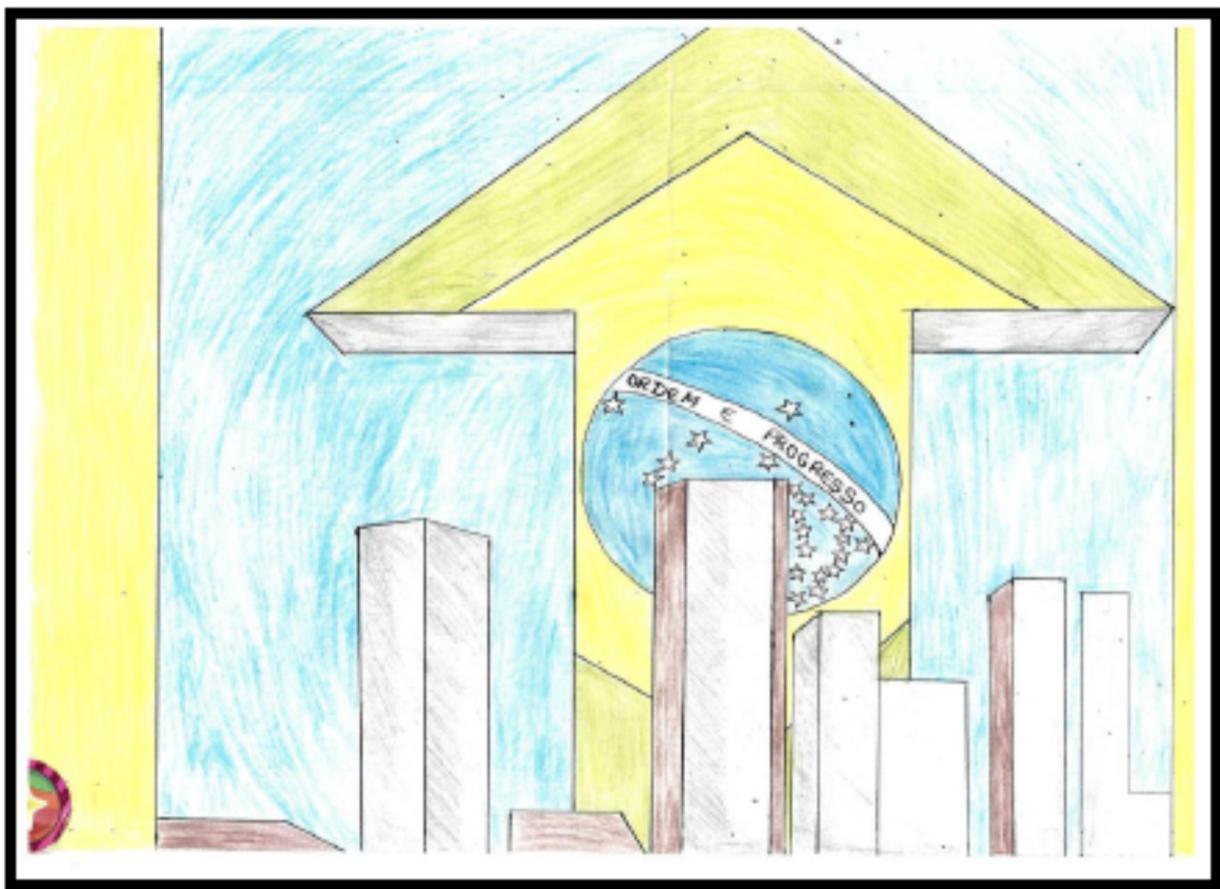
Quadro 2: Música apresentada como percepção do mapa mental 1, do aluno “A”

Organização: Carvalho, Eluana 2017.

Para o aluno “A” em seu mapa mental (1), perceber o lugar em uma escala Brasil é a representação de Brasília com suas riquezas e divisões dos poderes, acreditando que diante de tanto poder econômico e elaborações de leis, é preciso “virar” a mesa e acreditar em dias melhores.

Notamos que o aluno a partir do seu vivido, sente um país com divisões sociais com uma organização consentrada nos poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Percebemos nas palavras do estudante e na música apresentada no quadro dois, que para o mesmo, o Brasil enquanto seu lugar, precisa acreditar e ir a luta! dizendo não a pobreza e sim as riquezas brasileira e ao poder econômico do país.

MAPA MENTAL 1: BRASIL SEU PODER E ECONOMIA



Mapa Mental 1: Aluno “A” turma - quinta fase F
Fonte: Carvalho, Eluana - 2017.

A percepção do aluno “A” estar ligada a seguinte explicação: *“O Brasil neste meu desenho representa um país que mesmo com algumas desigualdades e diferenças entre classes e estados brasileiro, apresenta uma economia dividida entre os setores: primário, secundário e terciário, além dos poderes, Executivo, legislativo e Judiciário, capaz de dá oportunidade emprego e renda aos necessitados”.*

Ao interpretar as palavras do aluno, notamos que o discente, tem conhecimento do seu lugar e sabe descrever o que vive e senti nele, portanto mais uma vez, aqui reiteramos as plavras de Dardel (2011, p.3) ao destacar que o rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar e selecionar as imagens justa, luminosa e cambiante do seu lugar.

A Aluna “B” quadro dois abaixo, descreveu que ao refletir no Brasil como seu lugar e nos momentos já vividos de alegria, tem várias músicas que vem a sua

MÚSICA: Que país é Este?

CANTOR: Renato Russo

ALUNA: B

MAPA MENTAL: 2

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

No Amazonas
E no Araguaia ia, ia
Na Baixada Fluminense
No Mato Grosso
E nas Gerais
E no Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis
Documentos fiéis
Ao descanso do patrão

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Terceiro mundo se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Quadro 3: Música apresentada como percepção do mapa 2 do aluna “B”

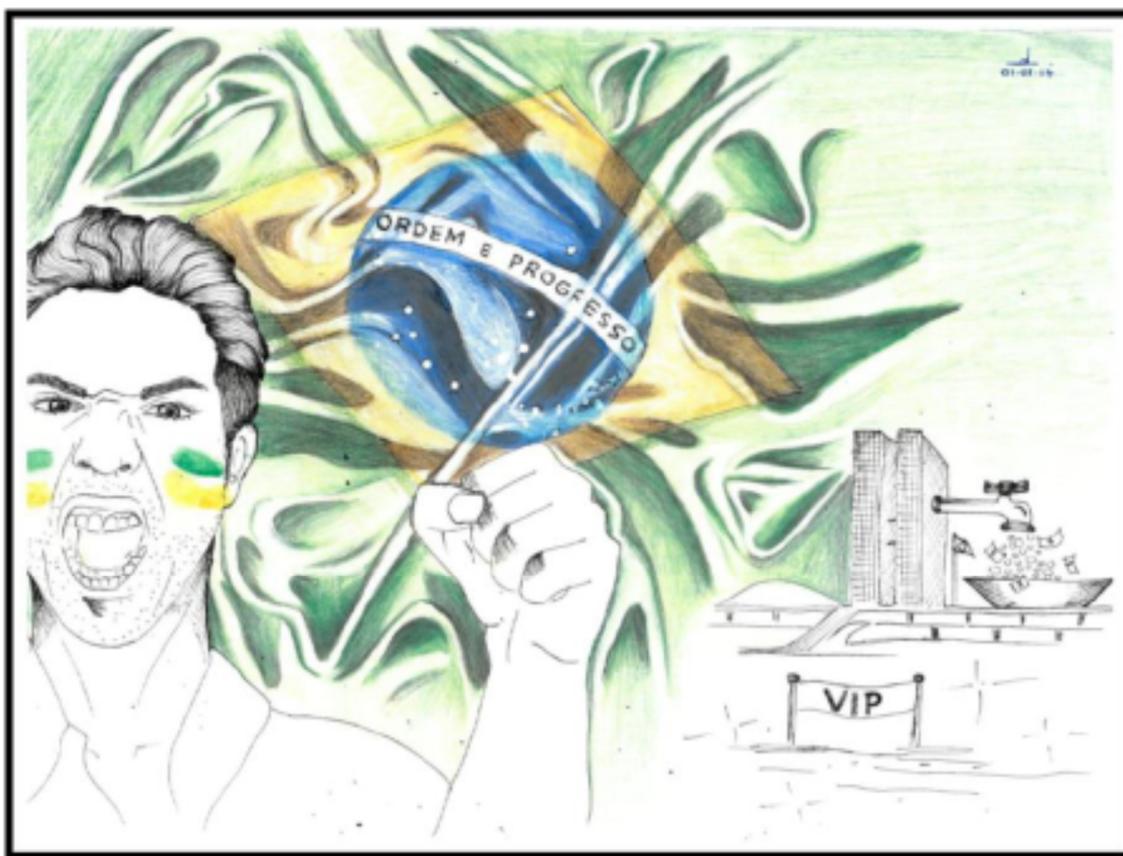
Organização: Carvalho, Eluana - 2017.

mente, entre estas a: “Que País é Este?” do Cantor Renato Russo, e o Hino Nacional, como forma de representar sua emoção ao perceber seu símbolo maior, ou seja, o seu país. Inclusive na representação em mapa mental a aluna faz uma mistura do Hino Nacional com a música, Que País é Esse? Descrevendo um Brasil gigante pela própria

natureza. Com gente gerreira que luta vai as ruas em busca de seus direitos. No quadro três, temos a letra da música entregue pela aluna “B”.

De acordo com a música exposta no quadro três, pudemos observar o mapa mental dois da aluna “B”, apresentando o Brasil a partir de sua força e vontade de despertar o senso crítico, diante do atual momento que estamos vivendo, deixando indagação ao pensar em país é este, ainda continua sendo impávido colosso?

MAPA MENTAL 2 – PRA CIMA IMPÁVIDO COLOSSO!



Mapa Mental 2: Aluna “B” turma - quinta fase E.

Fonte: Carvalho, Eluana – 2017.

Segundo a aluna “B” a ideia na sua percepção foi: *“passar um Brasil que tem ordem e progresso, mas precisa de união e garra do povo, para superar os problemas e voltar a ser impávido colosso com um futuro que espalha grandeza.”* Como bem diz o Hino Nacional, citado pela mesma em sua história de vida. Também observasse que a ligação feita pela aluna ao momento atual do Brasil, remete ao sentido e vivido por esta como jovem em busca do primeiro emprego em meio a um país que precisa na visão da discente retornar ao crescimento, voltando e ser formoso, com um povo que briga e defende o seu lugar com força e determinação.

No quadro quatro temos a música apresentada pela aluna “C”, e sua forma de perceber o Brasil, expressa pela canção Miscigenação, a aluna descreve ser a canção seu próprio eu, pois diz que tem na família uma mistura de raça, que é o Brasil pra ela, expresso e representado pela música “Miscigenação” do Boi Garantido. Esta música representa bem a fala e percepção da aluna, apresentando em versos as “misturas” e heranças culturais entre afro-ameríndios, caboclos e mestiços. Um verdadeiro batuque misturado como, exposto na música (quadro 4) abaixo.

<p>MÚSICA: Miscigenação CANTOR: David Assayag ALUNA: “C” MAPA MENTAL: 3</p> <p>Nossa festa é de boi-bumbá Nosso ritmo é quente, amazonense É o batuque misturado, apaixonado Tem a cara do Brasil Coisa assim nunca se viu</p> <p>É o balanço que imita banzeiro Tem cheiro de beira de rio Tem herança do nordeste Bumba-meu-boi, cabra-da- peste Tem gingado de quilombo Tem poeira levantando Tem rufar de tambores tribais</p> <p>Sou afro-ameríndio Caboclo, mestiço Eu sou A própria miscigenação</p> <p>Sou batucada Sou a cadência eternizada na toada A poesia de um amor que se transforma Em um som que vem da alma</p> <p>Sou Pai Francisco Sou Catirina, Gazumbá Sou Garantido</p> <p>A garantia que esse amor é infinito E faz o mundo inteiro amazoniar</p> <p>Eu sou boi-bumbá Eu sou boi-bumbá Sou Parintins, sou a raiz E o coração de uma nação.</p>

Quadro 4: Música apresentada como percepção do mapa mental 3 da aluna “C”

Organização: Carvalho, Eluana – 2017.

No mapa mental (3), a aluna “C” nos traz, como já falamos, na sua percepção um país de diversidade étnica, baseada na sua música, com várias regiões, costumes e culturas, ultrapassando as barreiras continentais.

MAPA MENTAL 3 – BRASIL NAÇÃO DA DIVERSIDADE



Mapa Mental 3: Aluna “C” turma - quinta fase F.
Fonte: Carvalho, Eluana – 2017.

Em sua fala ao representar seu país à aluna “C” destaca: *“por ter na minha família o puro exemplo da mistura racial, sei que no meu país todos independente da cor da pele, religião ou opção de vida, tem direitos, por isso acredito fielmente que vivo na nação da diversidade.”* A aluna nasceu no interior do estado do Amazonas, e percebe o Brasil como seu lugar e acima de tudo como o país das raças, dando como exemplo, o que ela chama de mistura de cores na sua família.

Cada discente dos mais de cento e vinte e cinco participantes da pesquisa, apresentaram suas canções ao pensar no seu lugar Brasil, uns de maneira local falando muito sobre seu pedaço amazônico, outros pensando mais no cenário político atual de 2017 do país.

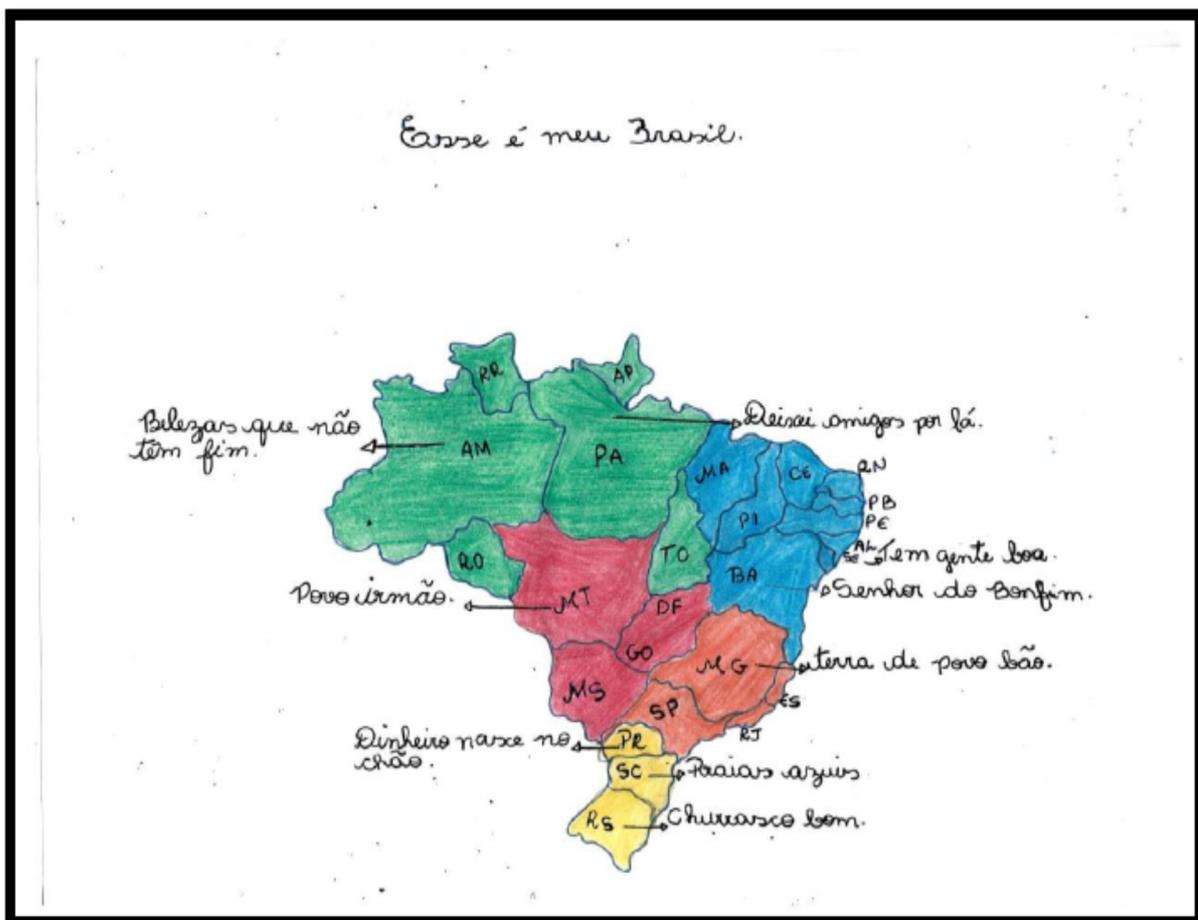
O Aluno “D” com a música do Cantor Sergio Reis, com o nome: “Esse é meu País”, representada no quadro cinco, essa música foi atribuída pelo aluno como percepção do seu lugar e da sua experiência como caminhoneiro. O discente fez uma belíssima descrição a partir do sua vivencia com outros Estados, atribuindo a cada uma das federações que conheceu um adjetivo.

<p>MÚSICA: Este é Meu País! CANTOR: Sérgio Reis ALUNO: D MAPA MENTAL: 4</p>	
<p>Vou fazer uma viagem pros estados do Brasil Conhecer suas belezas que muita gente não viu</p>	<p>Amazonas e Bahia beleza que não tem fim vou pedir a proteção ao meu Senhor do Bonfim</p>
<p>Vou mostrar suas riquezas vou mostrar o meu sertão começo em Minas Gerais que é terra de povo bão</p>	<p>Esse é o meu Brasil Esse é o meu Brasil</p> <p>Do estado de Rondônia fui pra Belém do Pará em Fernando de Noronha deixei amigos por lá</p>
<p>Esse é o meu Brasil Esse é o meu Brasil</p>	<p>Sergipe tem gente boa Florêncio e Mariana Paz Vou comprar terra no Acre onde pretendo morar</p>
<p>Vou comer um bom churasco no Rio Grande do Sul Lá em Santa Catarina tem praias de céu azul</p>	<p>Esse é o meu Brasil Esse é o meu Brasil</p>
<p>No meu rico Paraná dinheiro nasce no chão Vou conhecer Mato Grosso estado de povo irmão</p>	<p>Alagoas e Goiás Platina, Espírito Santo Piauí e Maranhão levo temém no meu canto</p>
<p>Esse é o meu Brasil Esse é o meu Brasil</p>	<p>Pra terminar minha viagem passo no Rio de Janeiro pra São Paulo vou voltar</p>
<p>Vou cantar na Paraíba Pernambuco e Ceará o Rio Grande do Norte não deixo de visitar</p>	<p>rever os meus companheiros</p> <p>Esse é o meu Brasil Esse é o meu Brasil.</p>

Quadro 5: Música apresentada como percepção do mapa mental 4 da aluno “D”
 Organização: Carvalho, Eluana.

Em seu mapa mental (4), abaixo, o aluno “D” da quarta fase B, expõe um país belo com muita beleza natural e povo acolhedor. Tendo, na música do cantor Sérgio Reis, as respostas para retratar o seu sentimento ao Brasil e a cada lugar que já passou.

MAPA MENTAL 4 – ESSE É MEU BRASIL!



Mapa Mental 4: Aluno “D” turma - quarta fase B.

Fonte: Carvalho, Eluana.

Devido a sua vida de caminhoneiro pelo espaço brasileiro o aluno “D” descreve: *“pra mim em cada estado do Brasil existe uma característica única, no Amazonas temos belezas naturais que não tem fim, no Pará deixei amigos por lá, em Sergipe tem gente boa, Minas Gerais: Terra do povo bom, em Santa Catarina: praias azuis, Rio Grande do Sul: churrasco bom, Paraná: dinheiro nasce no chão e Mato Grosso: povo irmão.”* Ou seja, em sua explicação e representação no mapa mental (4), apresentou seu vivido na sua relação com o Brasil enquanto seu lugar de experiência como caminhoneiro. Acreditamos que o estudante mostrou facilidade em fazer a descrição do país, como bem exprimi Dardel (2011, p.8) a palavra só é “vasta”, a montanha só é alta, a partir da escala humana, sendo assim, o Brasil na descrição do aluno é seu país e seu lugar a partir do experimentado por este como caminhoneiro.

O quadro seis apresentado é da aluna “E”. A discente enfatiza o Brasil como país das águas, destacando que mora em um país com muita água e seu estado (Amazonas) explica bem isso, ao recordar da sua infância as margens do Rio Solimões. A música escolhida pela aluna para representar o Brasil é: “Planeta Água” do Cantor: Guilhemer Arantes.

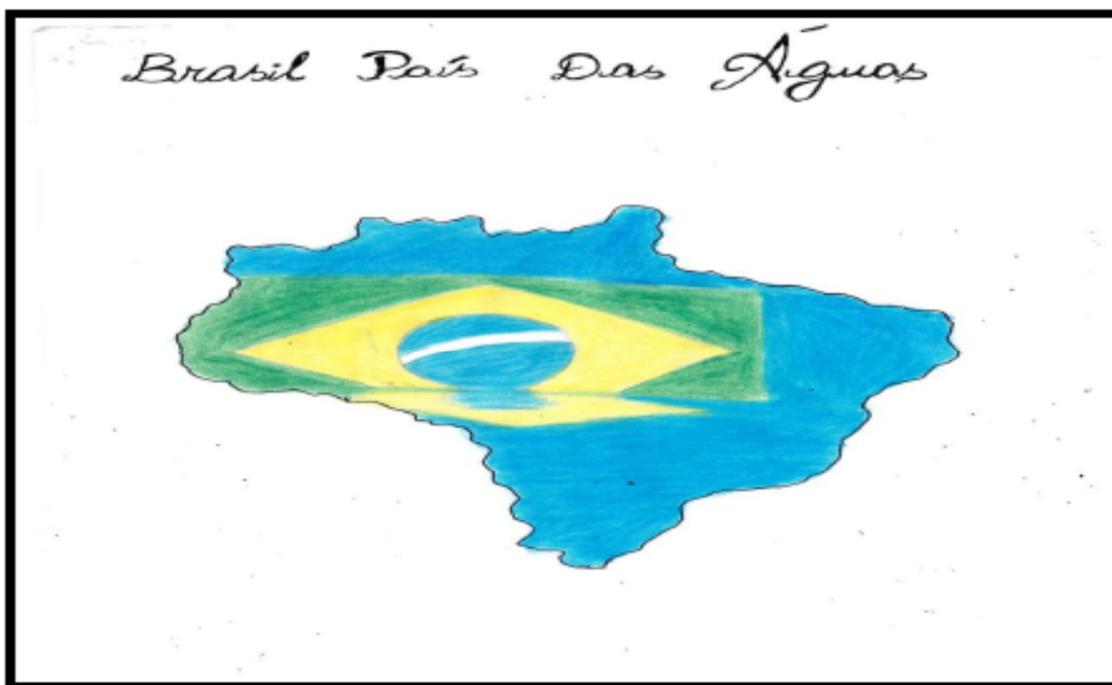
<p>MÚSICA: Planeta Água CANTOR: Guilhemer Arantes ALUNA: E MAPA MENTAL: 5</p>	<p>Águas que movem moinhos são as mesmas águas que encharcam o chão.</p>
<p>Água que nasce na fonte serena do mundo E que abre um profundo grotão Água que faz inocente riacho e deságua na corrente do ribeirão Águas escuras dos rios que levam a fertilidade ao sertão.</p>	<p>E sempre voltam humildes profundo da terra, profundo da terra</p>
<p>Águas que banham aldeias e matam a sede da população Águas que caem das pedras no véu das cascatas, ronco de trovão E depois dormem tranquilas no leito dos lagos, no leito dos lagos</p>	<p>Terra, planeta água, Terra, planeta água, Terra, planeta água</p>
<p>Água dos igarapés, onde Iara, a mãe d'água é misteriosa canção.</p>	<p>Água que nasce na fonte serena do mundo E que abre um profundo grotão Água que faz inocente riacho e deságua na corrente do ribeirão.</p>
<p>Água que o sol evapora, pro céu vai embora, virar nuvem de algodão.</p>	<p>Águas escuras dos rios que levam a fertilidade ao sertão.</p>
<p>Gotas de água da chuva, alegre arco-íris sobre a plantação. Gotas de água da chuva, tão tristes, são lágrimas na inundação.</p>	<p>Águas que banham aldeias e matam a sede da população Águas que movem moinhos são as mesmas águas que encharcam o chão.</p>
	<p>E sempre voltam humildes profundo da terra, profundo da terra.</p>
	<p>Terra, planeta água, Terra, planeta água, Terra, planeta água</p>
	<p>Terra, planeta água, Terra, planeta água, Terra planeta água.</p>

Quadro 6: Música apresentada como percepção do mapa mental 5 da aluna “E”

Organização: Carvalho, Eluana.

Ligando a sua percepção musical a aluna “E” da quarta fase “F”, em seu mapa mental (5), representado mais abaixo, traz sua forte ligação com a comunidade Jandira, banhado pelo rio Solimões no interior do Amazonas. Devido a sua infância as margens com os Rios do Amazonas, ver o Brasil como o país das águas. Dardel (2011, p.19) descreve que o espaço lacustre e fluvial tem um papel preponderante na sociedade, pois lá onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, e para a estudante percebemos a importância do rio na sua vida e nas suas experiências com o lugar. Sendo o Brasil como seu lugar e especificamente Jandira a completude do seu eu.

MAPA MENTAL 5 – BRASIL PAÍS DAS ÁGUAS



Mapa Mental 5: Aluna “E” turma - quarta fase F.
Fonte: Carvalho, Eluana.

A aluna “E” descreve a partir do seu mapa mental (5) que: *“Vejo o Brasil como país da água cheio de riquezas naturais. Como é bom saber que moro na maior quantidade de água do mundo, como isso faz lembrar meu Jandira, esse é meu país! meu planeta água”*. Jandira como explica a aluna faz parte do Iranduba (Am), é uma comunidade com muita fartura de peixe e frutas além da grande quantidade de balneários, as margens do rio Solimões.

Observamos até aqui que a música pode apresentar, na composição das letras, elementos espaciais diversos, veiculando representações que influenciam as formas de se pensar e experienciar o lugar. Por este, motivo enfatizamos, pelo observado, que esta tem a capacidade de servir, para além de um recurso pedagógico. Devido a sua facilidade de comunicação e assimilação das letras. Os discentes por sua vez explicam serem as letras das músicas, uma forma de reviver com o lugar, emoções diversas ligadas a sentimentos de alegria, tristeza, admiração, encantamento e desapontamento.

O quadro sete apresentado é da aluna “F”, que mantém com o seu lugar uma relação de pertencimento, reconhecendo que tem o Brasil como lugar dividido em várias fases, a começar pelo processo de colonização. A música apresentada pela discente foi do cantor Seu Jorge, com o nome: “Brasis”.

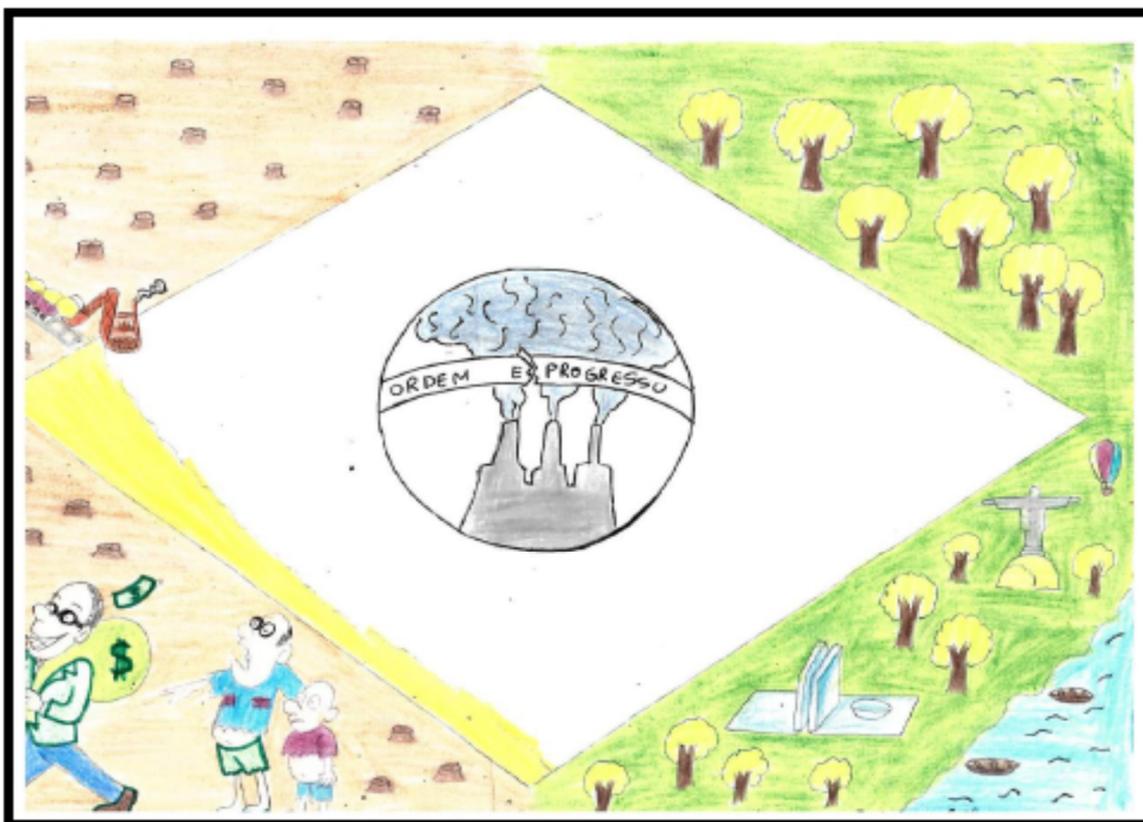
MÚSICA: Brasis	Perde, ganha
CANTOR: Seu Jorge	Sobe, desce
ALUNA: F	Vai à luta bate bola
MAPA MENTAL: 6	Porém não vai à escola...
Tem um Brasil que é próspero	Brasil de cobre
Outro não muda	Brasil de lata
Um Brasil que investe	É negro, é branco, é nissei
Outro que suga...	É verde, é índio peladão
Um de sunga	É mameluco, é cafuso
Outro de gravata	É confusão
Tem um que faz amor	É negro, é branco, é nissei
E tem o outro que mata	É verde, é índio peladão
Brasil do ouro	É mameluco, é cafuso
Brasil da prata	É confusão...
Brasil do balacochê	Oh pindorama eu quero
Da mulata...	Seu porto seguro
Tem um Brasil que é lindo	Suas palmeiras
Outro que fede	Suas feiras, seu café
O Brasil que dá	Suas riquezas
É igualzinho ao que pede...	Praias, cachoeiras
Pede paz, saúde	Quero ver o seu povo
Trabalho e dinheiro	De cabeça em pé...(2x)
Pede pelas crianças	(Repetir a letra)
Do país inteiro	Quero ver o seu povo
Larará!...	De cabeça em pé...(final 2x)
Tem um Brasil que soca	
Outro que apanha	
Um Brasil que saca	
Outro que chuta	

Quadro 7: Música apresentada como percepção do mapa mental 6 da aluna “F”

Organização: Carvalho, Eluana.

Ligado a música Brasis, temos o mapa mental (6), sendo a descrição da aluna “F”, com mais uma forma de mostrar que o país é experienciado a partir de quem nele habita e constrói relações. Pelo compreendido a percepção da aluna é dividida entre riquezas naturais, poder político, poder econômico, corrupção e desmatamento em um país que estar rachando no meio seu lema ordem e progresso.

MAPA MENTAL 6 – AS QUATRO FACES DO BRASIL



Mapa Mental 6: Aluna “F” turma - quinta fase B.
Fonte: Carvalho, Eluana – 2017.

Na sua descrição do mapa mental (6) a aluna “F” escreve: *“A partir do meu ponto de vista vejo um país rico e que ao mesmo tempo devido à falta de consciência e a sede por dinheiro, tem sofrido com a corrupção, a destruição do meio ambiente e o poder concentrado nas mãos de pouco”*. A aluna em sua história de vida capítulo dois, nos mostrou um conhecimento intersubjetivo do Brasil, a partir das aulas de histórias e geografia, sabendo explicar do seu modo à exploração do país desde a chegada dos Europeus, até o atual contexto econômico. No quadro sete com a apresentação de sua canção, a aluna retrata bem a destruição do Tema: ordem e progresso, onde devido à criação da cidade “moderna” o homem passou a ser moldado as necessidades econômicas e de “crescimento”. Dardel (2011, p 27) descreve que a grande cidade é uma intervenção do homem sobre a Terra, um desenvolvimento circundando um ponto, um porto, um cruzamento, uma exploração mineral ou manufatureira. Essa descrição de Dardel é típica do Brasil, com suas grandes metrópoles, dividindo o país na visão da aluna em vários Brasis, como exposto na música (quadro 7).

No quadro oito apresentamos a música “Pra Cima Brasil!” Do Cantor João Alexandre, segundo o aluno “G”, ele pensou nessa música como forma de se indagar

como será o futuro da nação? Procurou mostrar isso por meio do seu mapa mental, sete, a partir de uma dualidade com divisões de classes sociais e riquezas mau distribuídas.

MÚSICA: Pra Cima Brasil!

CANTOR: João Alexandre

ALUNO: G

MAPA MENTAL: 7

Como será o futuro do nosso país?
Surge a pergunta no olhar e na alma do povo
Cada vez mais cresce a fome nas ruas, nos morros
Cada vez menos dinheiro pra sobreviver

Onde andará a justiça outrora perdida?
Some a resposta na voz e na vez de quem manda
Homens com tanto poder e nenhum coração
Gente que compra e que vende a moral da nação

Refrão
Brasil! Olha pra cima!
Existe uma chance de ser novamente feliz
Brasil! Há uma esperança!
Volta teus olhos pra Deus
O justo juiz.

Quadro 8: Música apresentada como percepção do mapa mental 7 da aluno “G”

Organização: Carvalho, Eluana.

O mapa mental (7) equivalente a música do quadro oito do aluno “G”, pertencente à quarta fase B, em sua percepção o aluno apresenta sua visão explicando que existe uma dualidade no Brasil, de um lado poucas quantidades de recursos naturais que ainda nos restam, do outro a retirada desses recursos para a construção das cidades, divididas entre os que têm o maior e o menor poder aquisitivo com condomínios e favelas. Como bem demonstra a música usada pelo aluno, onde andará a justiça outrora perdida?

MAPA MENTAL 7 – O DUALISMO BRASILEIRO



Mapa Mental 7: Aluno “G” - quarta fase B
Fonte: Carvalho, Eluana – 2017.

Nas palavras do aluno “G”: *“O desenho demonstra como vejo o Brasil no lado direito uma divisão social, com poluição e destruição da natureza. Do lado esquerdo, uma beleza natural que o Brasil tem de sobra. O dualismo no meio representa o país cheio de pessoas de varias nacionalidades, de cores diferentes e que ao mesmo tempo é uma união de todos na busca de equilibrar desenvolvimento versus conservação do espaço”.*

No quadro nove abaixo, o aluno “H” no mapa mental (8) atribui a música ao seu espaço já experienciando, por em momentos da sua vida ter escolhido trilhar caminhos que o discente ver como escolhas erradas, além do mais, percebe o país, lutando para combater a violência e a desigualdade social que para o aluno não é exclusividade de estados pobres. Podendo ser sentida em grandes metropoles como São Paulo e Rio de Janeiro. A música atribuída pelo aluno para falar o seu percebido é do Rap Mc Pereira com o tema: Rap da Violência.

O objetivo aqui não é enfatizar a violência no Brasil, mas não poderíamos deixar de lado os dados da organização mundial de saude, ocupando o país em 2014, o 10.^a posição no ranking dos cem países que mais matam por armas de fogo. Os

diferentes tipos de violência no cenário nacional são divididas em: Femicídio, estupro, racismo, violência policial e homossexual. (OMS, 2014).

A partir da música do quadro nove o aluno “H” representa sua percepção do vivido, como um país com falta de segurança, sofrimento dos mais necessitados, morte de inocentes e desrespeito aos direitos humanos.

<p>MÚSICA: Rap da Violência CANTOR: Mc Pereira ALUNO: H MAPA MENTAL: 8</p> <p>Amigo, a violência está cada vez maior No Brasil, me causa dó...</p> <p>Nesse rap, amigo, eu vou falar Que a violência está presente em qualquer lugar. Em todas as cidades do meu Brasil Até em Brasília, o mais cruel que já se viu. Quando passou na TV, confesso eu senti dó De ver que cinco jovens lá queimaram um Pataxó. No mundo de hoje, o caos está geral Até a classe média está gerando mais marginal. Nós já não temos direito à livre diversão Alô, presidente, por favor, preste atenção. Eu só quero viver em país no meu país Sem a violência é que eu posso ser mais feliz. Eu retornei da V.G. só pra te dizer Cuidado que um dia o próximo será você... FHC!!!</p> <p>REFRÃO: Sangue bom, você pode crê Que a violência hoje rola como um lazer. Em qualquer canto presente está Nos morros do Rio, em São Paulo e em Guará.</p> <p>Agora eu vou de novo convocar O presidente do Brasil para falar. Que há muitas pessoas sem casa pra viver Que nunca estudaram e não sabem nem escrever. Passaram fome e miséria nessa grande nação Onde os seus direitos são roubados por um ladrão. Que mora lá em Brasília e vive do melhor Enquanto acontecem injustiças ao seu redor. Estou falando do crime da Favela Naval Também o de Acari e o de Vigário Geral. Lá na Cidade de Deus também foi ocorrer A PM espancou inocentes lá pra valer. Isso me faz lamentar pela população Que vive em sufoco e não quer sofrer mais não... Quer</p>	<p>só a paz...</p> <p>REFRÃO: Sangue bom, você pode crê Que a violência hoje rola como um lazer. Em qualquer canto presente está Nos morros do Rio, em São Paulo e em Guará.</p> <p>Nosso destino é lutar pelo nosso ideal De ver o Brasil uma nação sensacional. Nesse momento então eu vou me apresentar Sem esquecer que o meu dever é só melhorar. Eu sou o Pereira MC, suo da V.G. da fé Tenho ideias firmes que o Brasil é. O que jamais eu sonhei e nem imaginei Pois eu só queria ver a paz reinar de vez. Moro aqui em Guará e me orgulho sim Desse meu bairro do começo até o fim. Muitos tentaram fazer ele ser contra a paz Só que a V.G., meu amigo, ela é demais. Gosto demais de curtir o funk pode crê Sem a violência a minha vida é só lazer... Eu sou da paz...</p> <p>REFRÃO (4x): Sangue bom, você pode crê Que a violência hoje rola como um lazer. Em qualquer canto presente está Nos morros do Rio, em São Paulo e em Guará.</p>
---	---

Quadro 9: Música apresentada como percepção do mapa mental 8 da aluno “H”
Organização: Carvalho, Eluana.

MAPA MENTAL 8 – ATÉ QUANDO BRASIL?



Mapa Mental 8: Aluno “H” - quinta Fase E
Fonte: Carvalho, Eluana – 2017.

Vale ressaltar que mesmo o aluno “H” sofrendo com a violência devido as suas escolhas, relatadas em sua história de vida, ainda tem com o seu lugar uma relação de respeito, com esperança em dias melhores ao povo. A visão e relação com o Brasil, segundo suas palavras e apresentada no mapa mental (8) é: *“ no meu modo de ver o Brasil entendo ser sim meu lugar, e ao mesmo tempo um país de dupla face, com lados negativos com problemas sociais, e positivos por ser solidário e acolhedor, mas infelizmente me pergunto até quando, nosso país vai sofrer com a violência e a falta de respeito ao povo negro, principalmente em favelas do Rio de Janeiro e diversas outras espalhadas pelo Brasil....até Quando?”*

O quadro dez trás a música apresentada pelo aluno “T”. Como forma de percepção do seu lugar Brasil, nos apresenta a música “Desabafo” do cantor Marcelo D2, percebendo o país com violência contra a mulher, racismo e dor, mas acima de tudo em meio a isso que classifica como problemas sociais, tem a esperança de um país melhor, onde o estudo e o trabalho são as chaves para moldar o sucesso do nosso lugar.

MÚSICA: Desabafo

CANTOR: Marcelo D2

ALUNO: I

MAPA MENTAL: 9

Deixa,deixa,deixa
Eu dizer o que penso dessa vida
Preciso demais desabafar

[D2]
Segura!!!

[Introdução]
Deixa, deixa, deixa
Eu dizer o que penso dessa vida
Preciso demais desabafar

Eu já falei que tenho algo a dizer, e disse
Que falador passa mal, e você me disse
Que cada um vai colher o que plantou
Porque raiz sem alma, como o Flip falou, é triste
A minha busca é na batida perfeita
Sei que nem tudo tá certo, mas com calma se ajeita
Por um mundo melhor eu mantenho minha fé
Menos desigualdade, menos tiro no pé
Andam dizendo que o bem vence o mal
Por aqui vou torcendo pra chegar no final
É, quanto mais fé, mais religião
A mão que mata, reza, reza ou mata em vão
Me contam coisas como se fossem corpos,
Ou realmente são corpos todas aquelas coisas?
Deixa pra lá eu devo ta viajando
Enquanto eu falo besteira nego vai se matando
Então.

[refrão]
Deixa, deixa, deixa
Eu dizer o que penso dessa vida
Preciso demais desabafar

Deixa, deixa, deixa
Eu dizer o que penso dessa vida
Preciso demais desabafar

Ok, então vamos lá, diz
Tu quer a paz, eu quero também,
Mas o estado não tem direito de matar
ninguém
Aqui não tem pena morte mas segue o
pensamento
O desejo de matar de um Capitão Nascimento
Que sem treinamento se mostra incompetente
O cidadão por outro lado se diz impotente,
mas
A impotência não é uma escolha também
De assumir a própria responsabilidade
Hein??
Que você tem em mente? Se é que tem algo
em mente
Porque a bala vai acabar ricocheteando na
gente
Grandes planos, paparazzo demais
O que vale é o que você tem, e não o que você
faz.
Celebridade é artista, artista que não faz arte
Lava mão como Pilatos achando que já fez sua
parte
Deixa pra lá, eu continuo viajando
Enquanto eu falo besteira nego vai, vai
Então, deixa...

[refrão]
Deixa, deixa, deixa
Eu dizer o que penso dessa vida
Preciso demais desabafar

Deixa, deixa, deixa
Eu dizer o que penso dessa vida
Preciso demais desabafar.

Quadro 10: Música apresentada como percepção do mapa mental 9 do aluno “T”

Organização: Carvalho, Eluana - 2017

Em seu mapa mental (9), o aluno “T”, apresenta a percepção a partir da música do quadro dez do cantor Marcelo D2, mostrando um país que sofreu com racismo, miséria, dor, violência contra a mulher, preconceito, desigualdade e fome, ou seja, é um desabafo do que o aluno viu e sentiu.

MAPA MENTAL 9 – DO CAOS NASCE A FLOR..



Mapa Mental 9: Aluno “T” turma - Quinta Fase B
Fonte: Carvalho, Eluana – 2017.

Nas palavras do aluno “T”: *“quando imagino o meu país vejo os problemas econômicos enfrentados pela população. Usei no desenho a mulher, pois é a maioria da população absoluta, além de representar a sabedoria. Pensei também na violência que em minha opinião traz a tona grandes problemas sociais, apontado no meu desenho como o lixo sobre a pátria, mas ainda tem o lado bom, pois em meio ao caos do lixo nasce a flor, ou seja, em meio ao descaso, a pátria mantém a esperança de um país e uma nação melhor, é isso o que eu penso, esse é meu Desabafo!”*

Até aqui observamos que cada estudante, mostrou a partir da música escolhida como forma de perceber o Brasil, como seu lugar, o seu próprio eu, a sua história de vida, e sua experiência com os movimentos ao longo de sua vida, é como nos colocou Kozel (2005) cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e conseqüentemente uma visão muito particular dos lugares e territórios. Ainda para a autora ao criar as formas do mundo, os seres estabelecem sentidos que expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado. O que segundo Freire (1996) acontece porque “tais mapas articulam o real e o imaginário, e não podem ser desvendados pela razão”.

A aluna “J” no quadro onze, ressalva que quando pensa no seu país o ver como lugar de muita beleza natural, cheio de cores e sabores, em nenhum momento na descrição partir da percepção de Brasil como seu lugar, não desconhece os problemas do país, pelo contrário o ver como uma grande família com momentos bons e ruins. O representando por meio da música: “Quatro Cores” da Banda Catedral.

<p>MÚSICA: Quatro Cores CANTOR: Banda Catedral ALUNA: J MAPA MENTAL: 10</p> <p>Tudo bem, vou viajar por aí Nas quatro cores do meu país É tão bom, poder andar por aí Nas quatro cores do meu Brasil</p> <p>Passando por Vitória O coração me prendeu Em Salvador na praia de Itapuã Água de coco e só olhar Pro o mar, que mar será, Maceió, sei lá Azul assim eu nunca vi Meu Recife de corais Mas que boa viagem</p> <p>Pernambucando por aí Eu vou, por aí Fortaleza é pra sonhar Estou no futuro E o meu presente É tão legal, tão legal</p> <p>Em Teresina voltar Em São Luiz te encontrar Fim de semana em Belém Voltando para Brasília</p>	<p>Chegando em BH Minas gerais, tem tanta coisa Para se ver Povo bonito, povo querido De Curitiba, quero te ver Pelo Sul de Porto Alegre anil A felicidade é o que vou deixar florescer, são tantas flores para se ver Florianópolis com você</p> <p>São Paulo eu quero dizer Não me calaram a voz Eu quero te namorar Existe algo entre nós Tudo bem agora eu quero voltar Pois a saudade bateu legal É tão bom, poder andar por aí Mas está na hora de retornar</p> <p>Pra te ver Rio de Janeiro amo você! Curitiba e a zona franca de Manaus Rio de janeiro amo você! Do verde de Goiana ao calor de Natal Rio de Janeiro amo você! Aracaju, João Pessoa litoral Rio de Janeiro eu amo você!</p>
--	---

Quadro 11: Música apresentada como percepção do mapa mental 10 da aluna “J”
Organização: Carvalho, Eluana - 2017

No ultimo mapa mental (10) e sua relação com a música, a aluna “J” da quarta fase F de forma alguma rejeita ou ignora seu lugar Brasil, pelo contrário em relato no final da sua história de vida, percebe o país como uma família. Mas acima de tudo um lugar com muita cor muita beleza, riquezas e de tamanho e costume diferentes.

dinâmica do espaço geográfico, na questão de: economia, saúde, desenvolvimento social, regiões brasileiras e as ações humanas nos seus espaços vividos. Notamos que o docente da disciplina, mesmo não trabalhando com música, ou mapas mentais, conseguiu realizar o movimento entre o que estava posto nos manuais e o que os alunos enxergam, a música veio a contemplar essa dinâmica do ver, entender e sentir. Como diz Santos e Benaduce:

[...] devemos despertar o espírito crítico que adormece em nossos educandos, caminhando de forma conjunta para um novo patamar, onde o discente se veja como ser atuante no espaço. Para isso, devemos contemplar a Ciência Geográfica que concatena em sua essência o ato de transformar – o olhar sobre o espaço e o modo de intervenção no mesmo – (SANTOS; BENADUCE, 2013, p.143).

No ensino Cavalcanti (1998) escreve que o desenvolvimento de mapas metais, objetiva avaliar o nível da consciência espacial dos alunos; ou seja, entender como compreendem o lugar que vivem. Nesse sentido, entendemos ser estes, os valores previamente desenvolvidos pelos alunos e uma forma de avaliar a imagem que têm do seu lugar, como resultado da percepção do indivíduo em seus múltiplos sentidos (tocar, ouvir, cheirar, experimentar) e da experiência cotidiana com os lugares (GOULD e WHITE 2002). Já para a americana Bárbara Petchenik, os mapas mentais não são simplesmente arranjos de mapas Cartográficos, eles vão muito além do que se pode observar através do olhar,” é uma Representação integrada multimodal”, englobando várias representações que ajudam a Interpretar a realidade ao redor.

Nesse contexto de elaboração dos mapas mentais, a subjetividade no ambiente educativo é fundamental, e isso pode ser praticado por meio da percepção individual e das representações, juntamente com teorias educacionais e outras elaborações que evocam a emoção, a estética e a criatividade no processo de ensino-aprendizagem, enfocando os saberes geográficos no cotidiano do educando, sendo, portanto a música, a representação do real, guardada na percepção de cada aluno. Podendo o professor usar esta para além de um recurso de didático nas aulas de geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos por entender como seria a visão científica do Brasil, caso nosso trabalho se fundamentasse a leis quantitativas? Não seguimos esse caminho, pois sabemos a partir de pesquisas, que o resultado se resumiria a gráficos e mais gráficos, que explicam em números o que os alunos da Educação de Jovens e Adultos, percebem diariamente, no seu convívio, com os outros e com a música. Seguir, portanto, unicamente a visão cientificista, seria romper aos moldes cientificistas, não tendo no nosso ponto de vista, caso seguíssemos esse caminho, o prazer de ter o contato do experienciado dos discentes em relação ao Lugar Brasil, fazemos nossas as palavras de Merleau-Ponty (1999, p. 3), quando expressa: “se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo, pois a ciência não tem e jamais terá o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele”.

Desta forma, diferente desses moldes, trabalhamos a relação do estudante com o seu lugar, tendo a música para além de um recurso didático, que potencializou e facilitou, a descrição e representação dos alunos ao perceber o Brasil.

Falamos isso, já que observamos que das dez canções citadas, pelos estudantes ao longo do capítulo dois dessa pesquisa, estes como sujeitos pensantes em relação ao seu lugar, conseguiram perceber o ambiente a sua volta, como elo de experiências, de vivências toponímicas e até mesmo topofóbicas, sendo resultado de um conjunto de sensações e de significados conscientizados e moldados pelas circunstâncias econômicas, sociais e culturais. A partir disso, lembramos e chegamos ao consenso nesta pesquisa, que na Geografia o lugar é o espaço que adquiriu características tão diferenciadas na interação pessoas versus espaço físico, que dele são geradas ligações afetivas entre os usuários e o ambiente.

O objetivo de se trabalhar com a Geograficidade e com a Fenomenologia, foi instigar o estudante a pensar em sua vivência, sendo que a vivência de alguma coisa é sempre também uma experiência de si mesmo, em relação ao espaço e consequentemente lugar a sua volta, nesse sentido, respondemos ao fato de termos

escolhido trabalhar com a perspectiva fenomenológica ao longo da dissertação, levando ao entendimento que todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido.

Logo, nosso trabalho compreendeu como o discente senti e percebe o seu lugar a partir de uma escala Brasil, estando a música, como elo de ligação ao fazer o aluno de forma prazerosa retroagir ao pensar no seu lugar, Para Ferreira (2012, p.25), a música como objeto cultural pode trazer ao indivíduo a percepção de determinado lugar, mesmo não estando fisicamente lá. Através de uma condição psicológica pode vivenciar determinada situação ou lugar. As diversas músicas usadas na pesquisa, foram escolhidas pelos discentes como forma de representar a percepção do país. Observamos que na Corrente Humanista da Geografia, a música escolhida pelo aluno representa uma construção social, cultural e histórica como resultado da percepção do indivíduo na experiência cotidiana com seu lugar, como também uma visão e interpretação do espaço geográfico, já que a chamada Geografia Cultural ou Renovada, permite novas acepções e abordagens a objetos que são de interesse da Geografia, dentre esses a música.

Outro ponto observado que surpreendeu foram os diferentes interesses em gêneros musicais, por parte dos alunos, indo da Música Popular Brasileira ao Funk Consciente. Nas cinco turmas trabalhadas da Educação de Jovens e Adultos, divididas entre os quartos e quintos anos do fundamental, ambas mostraram empolgação no momento de entrega da canção, ficando perceptível que cada um de acordo com a sua história de vida e relação com o país o ver e percebe de forma variada. Indo da crítica a elogios, mas acima de tudo reconhecendo como lugar, de realizações, anseios e esperança em dias melhores, não tendo esses alunos a menor dificuldade em relacionar seu experienciado à música, pelo contrário, a música os serviu como linguagem, pois muitos, nos trabalhos em grupos focais, não conseguiram de forma alguma expressar sua percepção do Brasil, mas quando instigados a usar a música como linguagem foram além do esperado, como se a música, para muitos falasse por se só, e expressasse o seu eu, com a função de libertar os sentimentos e as ideias reveladas ou não reveladas na em suas falas. É como se fosse uma forma de desabafo de emoções usando a música.

Ficou também perceptível ao longo da pesquisa a importante participação do aluno, que de forma alguma deve ser visto como sujeito neutro, sem vida, sem cultura, sem história, um ser que não trabalha e nem produz riqueza. Lembramos aqui das palavras de Dardel ao considerar que: “o rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa e

cambiante”, afinal de contas, antes das inúmeras classificações científicas transformadas em noções aprendidas do ambiente geográfico ou espaço telúrico, como assim define Dardel, o espaço é “experimentado” por quem nele habita.

Quando aos mapas mentais, entendemos que foram através deles que os estudantes demonstram o seu mundo vivido, a sua realidade e o conhecimento que tem de espaço, revelando como o lugar, foi e é compreendido pelos cidadãos e estudantes da Eja, saindo em suas representações o Brasil, como país pelo, das raças, rico em riquezas naturais, amplo em belezas turísticas, amplo culturalmente, mas logo como bons cidadãos, os estudantes não deixaram de enfatizar a violência vivida em diferentes partes do Brasil, o preconceito contra mulher, o racismo, a violência sexual, e em parte das representações os absurdos políticos no cenário brasileiro, exposto no mapa, por exemplo, pela aluna “B”, por meio da música: Que País é Este? Do ano de 1987, do cantor e compositor Renato Russo, ou seja, uma canção de trinta anos que tem o poder de nos dias atuais ser usada como linguagem e expressão de sentimentos, em meio ao vivenciado.

Nossa pesquisa espera ter apontado ser a música, uma linguagem que faz parte do espaço de vivencia dos estudantes da Eja, almejando ter contribuindo para o processo de ensino da geografia. Indicando aos profissionais da educação, que continuem percorrendo o caminho da Geografia Cultural Renovada, dando aos alunos a oportunidade de expressar suas percepções ao considerar seu mundo vivido como parte da construção do seu ser, estando aqui à música mais uma vez como elo que caminha lado a lado do estudante podendo e devendo ser mais explorada em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Yves. Bailly, A. **Distances et espaces, vingt ans de Geographie des Representations**. In: L'espace Geographique. Paris: v. 3, 1985.

ANDRADE, Mário De. **Pequena história da música**. Nova Fronteira, 2015

ANDRIO- blog do professor. Disponível em: <http://blogdoprofessorandrio.blogspot.com.br/2014/07/a-musica-e-historia-planeta-agua.html/>. Acesso em: 25 Fevereiro de 2018.

AZEVEDO, Roberta Jacqueline Saraiva. **A música ensina! Possibilidades metodológicas para o ensino fundamental nas aulas de geografia**. 2013. 51 f. Monografia (Licenciatura em geografia) UFCG/CFP, 2013.

ANTONIO CARLOS. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4ª. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB, 2003.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Tradução: Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRAGA, Sergio. **Os bois-bumbás de Parintins**. 1. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE-Ministério da Cultura, 2002. v. 1. 480 p.

BRASIL. IBGE. **Sobre o Brasil/ População**, 2015. Disponível em: <<https://teen.ibge.gov.br/sobre-o-brasil/populacao/cor-ou-raca.html>> acesso em: 24 de Fevereiro de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Introdução ao Ensino Fundamental** Brasília. MEC/SEF. 1998b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. 3 ed. Brasília, 2001.

BENENZON, Rolando O. **Manual de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2006. pg35.

Biografia - Marcelo D2. Disponível em: <<https://som13.com.br/marcelo-d2/biografia>> acesso em 27 de Fevereiro de 2018.

Bin, Marcos Disponível em: «**Paradoxos estendidos na areia**». Universo Musical. Acesso em 27 de Fevereiro de 2018.

BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In CHRISTOFOLETTI, Antonio (org). Perspectivas da geografia. São Paulo: DIFEL, 1979. p. 165-194.

CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico** – Introdução aos Estudos de Geographia Moderna. Tomo I, Petrópolis, RJ: Typographia das Vozes, 1925.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998

CANDÉ, Roland de. **História universal da música–volume I**. Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Marina Appenzeller. 1994.

CASTRO, Daniel. Geografia e música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**, n. 26, p. 7-19, 2009.

CARNEY G. O (org.) The sounds of people and places: A geography of american music from country to classical and blues to bop. Lanham: Rowman and Littlefield, 2003.

CARNEY G. Música e Lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. (Coleção Geografia Cultural).

CORRÊA, Roberto Lobato; SAUER, Carl. **Sobre a geografia cultural**. **Textos NEPEC**, v. 3, 2007.

_____, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: Passado e Futuro** – Uma Introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58. (Série Geografia Cultural).

_____, Roberto Lobato. **Introdução à geografia cultural**. Bertrand Brasil, 2003.

_____, Roberto. Cinema, Música e Espaço: uma introdução. In: _____ ROSENDAHL, Zeny (Org). **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 7-14

CORREIA, Marcos Antonio - **Representação e Ensino, A Música nas Aulas de Geografia: Emoção e Razão nas Representações Geográficas**, DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, Curitiba, 2009. FAFI de União da Vitória-PR.

COSTA, Giselda dos Santos. Grupos focais: um novo olhar sobre o processo de análise das interações verbais. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 25, p. 153-172, 2012.

COSTA, Franklin Roberto da. **O ensino da geografia através do cancionário potiguar**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13, 2002, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2002.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Aprovar o regimento geral das unidades de ensino da rede pública municipal de Manaus, como documento que estabelece normas reguladoras de organização administrativa e pedagógica, servindo de parâmetro para a elaboração dos regimentos escolares das unidades de ensino da Semed. RESOLUÇÃO N. 038/CME/2015 APROVADA EM 03.12.2015

COSTELLA, Roselane Zordan. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais**. 2008. 202f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática. 2006.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da geografia**. Ed. da UFSC, 2011.

_____, Paul. **Evolución de la geografia humana**. Barcelona: Oiko-Tao, 1974.

_____, Paul - **A Geografia Cultural**, 3ª edição, tradução de PIMENTA, LuisFugazzola e PIMENTA, Margareth de Castro Afeche, editora da UFSC, Florianópolis 1999.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo, 2011.

DARTIGUES, Adré. **O que é a fenomenologia?** 10. ed. – São Paulo: Centauro, 2008.

DINIZ FILHO, Luis Lopes. **FUNDAMENTOS EPISTEMOLOGICOS DE GEOGRAFIA**. Editora Ibpx, 2009.

DI PIERRO, Maria Clara. **Seis anos de educação de jovens e adultos no Brasil: os compromissos e a realidade**. 2003.

DOZENA, Alessandro. **Geografia e Música: diálogos**. 2016.

ESTÉBANEZ, Jean. “**Consideraciones sobre la geografia de la percepción**.” Paralelos 37, 1980, n.3. p.5-22. Almería.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERREIRA, Manuel Nunes. **A música como recurso didático na aula de geografia**. 2012.

FERREIRA, Elizama. «**Entrevista com o cantor João Alexandre**». Jovens Evangélicos. Consultado em 1 de Fevereiro de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: 1996

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; DE TOLEDO FERRAZ, Maria Eloísa Corrêa. **Arte na educação escolar**. Cortez, 2010.

GALVÃO, Wilson; KOZEL, Salette. **Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas**. In: Ateliê Geográfico. Goiânia: v. 2, n. 5, Dez. 2008. p. 33-48.

GIBLIN, Beátrice. **A Geografia, disciplina subjugada** (ou a história de uma batalha perdida para a Geografia) In: Geografia e Ensino - Textos Críticos. Campinas: Papirus. 1989. p.135-148.

GOULD, Peter e WHITE, Rodney. The images of places. In: GOULD, Peter e WHITE, Rodney. **Mental maps**. 20 Edição. Londres: Taylor & Francis, 2002, p. 1-30.

HALINNA SANTOS, Halinna; da Silva Coelho, Irene. **A música na sala de aula. unisanta humanitas**, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, 1999.

_____, Werther. A influência de Eric Dardel na construção da Geografia Humanista norte americana. **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos (ENG): Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças-Espaço de Socialização de Coletivos**. Porto Alegre: AGB, 2010.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. Edunisc, 1999.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. Contexto, 2008.

KONG, L. **Popular Music in Geographical Analysis. Progress in Human Geography**, University Colorado, 19 (2), p.183-98, Junho 1995.

KONG, Lily. **Música popular nas análises geográficas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). Cinema, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. (Coleção Geografia Cultural).

KOZEL,S. e Nogueira,A. R.B. “**A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida**”.In: Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP. São Paulo: Humanitas,(13) 239- 257. 1999.

KOZEL, S. **Ressignificando as representações do espaço**: as linguagens do cotidiano. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. Anais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 1-5.

KOZEL, S. **As representações no geográfico**. In: Kozel, S., & Mendonça, F. (Orgs.) Elementos de epistemologia da geografia contemporânea (p. 165-186). Curitiba, Brasil: Ed. UFPR 2007.

LEONIDO, Dr. Levi. **Gênero, Forma, estilo e Estrutura** . Sinfonia Virtual, revista nº 0007, Abril de 2008. Disponível em http://www.sinfoniavirtual.com/revista/007/genero_forma_estilo_estructura.php. Acesso em 19 de Fevereiro de 2018.

LEGIÃO URBANA. 1990. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Que_Pa%C3%ADs_%C3%89_Este>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2018.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LIMA, Judson Gonçalves. **Não é Música. É Canção**. Unesp – Franca, Setembro de 2010.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental**. Campinas, SP. Papirus, 2003.

LOWENTHAL, David. **Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica** in: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). Perspectivas da geografia. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

LUCCI, Elian Alabi, BRANCO, Anselmo Lazaro. **Geografia- Homem e espaço - A natureza, o homem e a organização do espaço-8ª série** . São Paulo-SP. Editora Saraiva. 25ª ed. 2014.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa, Portugal: Edições 70.1960.

MAGALHÃES, Adélia Maria de Amorim. **Música também é história**: as bandas de música em Marechal Deodoro e a tendência cívico-militar no seu repertório tradicional. 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado em História) -- Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2006. Disponível em: <http://bdtd.ufal.br/tde_arquivos/123/Publico/Dissertacao_Completa_ADELIA_MAGALAES.pdf>. Acesso em 07 de Maio de 2017.

MATTOS, Rogério Botelho. O Mundo vivido por uma Comunidade Urbana: o caso do Conjunto Residencial José de Alencar. **Cadernos de Geociências**, Rio de Janeiro: IBGE, n. 1, p. 47-62, 1988.

MARKOVÀ, I. et al. **Dialogue in focus groups: exploring socially shared knowledge**. London: Equinox, 2007.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo: uma abordagem da geografia humanista**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. (pp. 118). 2013.

MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís; MARCONDES, Beatriz. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. – 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira–1928/1991–uma introdução à geografia humanística. 1991. **Mestrado em Geografia**–Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

MERRIAM, Alan. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MIGNOME, Francisco. **Música**. Rio de Janeiro: Bloch/Fename, 1980.

MODERNA, E. J. A. Educação de Jovens e Adultos. **Org. Editora Moderna: Obra Coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna: editor**, 2016.

MUNIZ, Alexandra. **A Música nas Aulas de Geografia**. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N.4/Art6v3n4.pdf> acesso em 28 de Dezembro de 2017..

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**. Autêntica, 2006.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica: A geográficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Manaus - Edua, 2014.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; HOLGADO, Flávio Lopes. **Conhecendo novos sons, novos espaços: a música como elemento didático para as aulas de geografia**. In DOZENA, Alessandro. Geografia e Música: diálogos. 2016.

OLIVEIRA, Romualdo L. Portela. **Educação de Jovens e Adultos: o direito à educação**. In: Mesa Redonda: Direitos Educativos e a EJA no Brasil. 16º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, X Seminário de Educação de Jovens e Adultos. Campinas, 2007 http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog01_01.pdf, acessado em 05 de Maio de 2017.

OLIVEIRA, Livia de. **Sentidos de Lugar e de Topofilia**. In: Geograficidade. Niterói, v. 03, nº 02, pp. 91-93, inverno, 2013. Disponível em: Acesso em: 22 de Agosto de 2017.

OLIVEIRA, Livia de. **A percepção da qualidade ambiental**. Cadernos de Geografia. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 12, n. 18, 2002, p. 29-42.

OLIVEIRA, César A.C. de. **Considerações sobre a História da Geografia Crítica e seu ensino**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais... Rio Claro: UNESP. 1999 p.200-206

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação estatística internacional sobre o impacto da violência na saúde dos brasileiros**. 10. rev. São Paulo: EDUSP, 2014. v. 1.

PANITZ, Lucas Manassi; TIME OUT. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, v. 17, n. 978, p. 30, 2012.

PAHLEN, Kurt. **História universal da música**. 1965.

PETCHENIK, Bárbara Bartz. **Cognição e cartografia**. Geocartografia. n.6, São Paulo:USP,1995.

PEREIRA, Ernandes. de Oliveira. **A Geografia Fenomenológica: Um olhar sobre a percepção ambiental dos povos ribeirinhos do rio Formosa a partir da sua história oral e dos seus mapas mentais**. Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010. Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1992. Acesso em: 20 de Janeiro de 2018.

PONTY, Merleau. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RELPH, Edward. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Geografia, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.

ROSSATO, Dirce M. S. **A Geografia que se faz é a Geografia que se ensina**. Orientação. São Paulo. no. 6. p.85-87.1985

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **A Geografia escolar brasileira nos fins do século XIX.:** Revisitando os pareceres de Ruy Barbosa,1882. IN: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais... Rio Claro: UNESP. 1999. p. 220-231.

SANTOS, Emerson Vieira dos e BRUMES, Karla Rosário; **A Musicidade e a Geografia: O Espaço Geográfico por Meio de Sons e Letras**. IV Semana de Geografia de Iratí- 1 a 6 de setembro de 2008 **Anais**, 2008.

SANTOS, Laudenides Pontes dos et al. **O estudo do lugar no ensino de Geografia: os espaços cotidianos na geografia escolar.** 2010.

SANTOS, Milton. Milton. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo: HUCITEC, 1988.

SANTOS, Leonardo Pinto dos; BENADUCE, Gilda Maria Cabral. **Números não dão bons poemas: um discurso utópico, um espaço de amorosidade, uma educação libertária – a experiência do Subprojeto PIBID Geografia/UFSM.** OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.5, n.13, p. 141-150, jun. 2013.

SADALA, Maria Lúcia Araújo. A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS**, v. 2, 2004.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26.

SEEMANN, Jörn. **Mapas e Percepção Ambiental: do Mental ao Material e viceversa.** Vol. 3, nº1, p. 200-223, setembro de 2003. Rio Claro.

SILVA, Renágila Soares da. **A Importância da Música nas Aulas de Geografia: Práticas e Métodos Diferenciados no uso da Música como Metodologia de Ensino nas Aulas de Geografia .** 46 p. monografia (licenciatura em geografia) - Universidade Federal de Campina Grande Cajazeiras, PB 2015.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. **Geografia e Percepção: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty.** São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil.** Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SONS DO BRASIL. Blog dos clip Vinil. Disponível em: <http://clipvinil.blogspot.com.br/2010/03/luiz-melodia-e-seu-jorge-diz-que-fui.html/> acesso em: 25 de Fevereiro de 2018.

SCHALLER, Katrin. Acordes curativos. **Viver Mente&cérebro: revista de psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento.** São Paulo, 64-69, junho 2005.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR on-line**, v. 10, n. 38, 2010.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira Londrina: Eduel 2013 p. 248.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Lívia de Oliveira Londrina: Eduel 2012 p. 324

TONELLO, Francieli; FERREIRA, Gleison. **A música como recurso pedagógico no contexto da educação especial**. **Revista Géfyra**, São Miguel do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 31-39, jan./jun 2012.

ULLER, Fernando Henrique da Silva. **A música como recurso didático no ensino de geografia e sua aplicabilidade**. 2015.

VLACH, Vânia Rubia. A propósito da ideologia do nacionalismo patriótico do discurso geográfico. *In*. VLACH, Vânia Rubia. **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Ler, 2004.

VASCONCELLOS, Luiz Gonzaga Falcão e FREITAS, Claudia Maria de A cidade e o Urbano em verso e canção. **Revista Olhares e Trilhas**, Uberlândia, n. 11, 2010.

VESENTINI, José William. Geografia crítica e ensino. *In* VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Ática, 2004.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.